


VISCONDE DE TAUNAY



ESTRANGEIROS

ILLUSTRES

E

PRESTIMOSOS

NO BRASIL

1800 - 1892

E

OUTROS

ESCRITOS



EDITORA

COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO

(WEISZFLOG IRMAOS INCORPORADA)

SÃO PAULO CAVEIRAS RIO

ESTRANGEIROS
ILLUSTRES E PRESTIMOSOS
NO BRASIL



Obras
para

VISCONDE DE TAUNAY

**ESTRANGEIROS
ILLUSTRES E PRESTIMOSOS
NO BRASIL**

(1800 - 1892)

E OUTROS ESCRIPTOS



**EDITORA
COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO**
(Weiszillog Irmãos incorporada)
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO



6852

53



10878-0
9461
1946

~~268~~

1944

glt
18.3.52

PREFACIO

Ao visconde de Taunay impressionou sempre, e notavelmente, o problema do povoamento do Brasil para cujo territorio queria ver estabelecidas as volumosas correntes de immigração européa que fizeram a rapida grandeza e a pujança dos Estados Unidos.

Foram estas tendencias que o levaram a empregar longos e pertinazes esforços em prol da propaganda immigratoria, sempre européa, pois era sobremodo infenso á asiatica, em seu tempo, aliás exclusivamente de culis chinezes.

Dahi a fundação, por elle levada a cabo no Rio de Janeiro da Sociedade Central de Immigração, em cujo orgão *A Immigração* escreveu immenso; a sua actividade, de longos annos, na imprensa, e por meio de conferencias, na tribuna parlamentar, e á testa da administração, como presidente do Paraná, provincia onde localisou milhares de colonos. Adepto fervorosissimo da subdivisão da propriedade latifundiaria, do imposto territorial e da lei Torrens, enormemente tambem batalhou pelo triumpho destas idéas.

Grato ao seu grande eleitorado allemão de Santa Catharina, converteu-se ao mesmo tempo, em porta voz das aspirações dos colonos estabelecidos nesta provincia meridional.

O que visava, sobretudo, era amalgamar os europeus immigrants e a população do paiz, de origem antiga, sempre sob a imposição do cunho tradicional luso-brasileiro, pois professava o maior apreço pela obra da colonisação portugueza no Brasil, conservadora da unidade patria.

O facto de ser filho de francez e a circumstancia de sua ardente propaganda em prol da colonisação, moveram varios de seus adversarios a increpal-o de antinacionalismo, o que o levou a expansivos e ruidosos revides. Tinha como certo de que se desde os dias de 1822 houvesse o Brasil aceito e promovido grandes correntes immigratorias teria, meio seculo mais tarde, muito maior posição no Universo, entre as nações cultas.

Os trabalhos que neste volume se incluem traduzem esta feição de espirito.

Os «Estrangeiros illustres e prestimosos no Brasil» foram redigidos como argumento *ad rem*; constituem muito resumida resenha, aliás, quasi que apenas um catalogo dos nomes e da evocação succinta dos serviços dos personagens citados.

Publicou-se tal lista em 1896. Sahiu lacunosissima. O proprio autor pretendia dar-lhe grande ampliação. Os originaes que serviram para esta reproducção contêm bastantes addendas e correcções por elle feitas ao opusculo primitivo.

Sob a rubrica, que é o titulo do ensaio, poderíamos facilmente encontrar um milheiro de nomes quando os do texto de Taunay não attingem a metade deste cómputo.

Pensava o nosso autor ao mesmo tempo em desenvolver as notas biographicas dos principaes personagens citados.

A morte impediu-lhe a terminação de tal projecto. Aos *Estrangeiros illustres* addicionámos neste volume os escorços biographicos de dois notaveis advenas radicados no Brasil. Sobre um delles, o illustre Augusto Leverger, escreveu o autor da Retirada da Laguna um estudo de largo tomo. Já se acha impresso em volume da serie a que pertence este livro, terminado por uma serie de paginas excellentes e brilhantes de Virgilio Corrêa Filho.

Tal edição se realisou em 1931 e veio provocar curioso incidente. Apesar da advertencia positiva de meu Pae, em documento de 14 de março de 1897 de que concluire elle a biographia de Leverger, não consegui encontrar em seu archivo as laudas da segunda e ultima parte do trabalho. Por este motivo solicitei de Virgilio Corrêa Filho a fineza de me deixar annexar ao texto de Taunay, já publicado na *Revista Brasileira*, e agora reproduzido

em volume, os capitulos finais do excellente estudo de sua lavra sobre a personalidade do inclyto Melgaço.

A este pedido se seguira o mais gentil deferimento, excusado é dizel-o. Impresso o livro e divulgado eis que passadas algumas semanas recebo de um anonymo, generoso e culto e por via postal, as laudas da segunda parte do estudo de meu Pae, que eu julgava irremediavelmente perdida! Era aliás o que supponho se tenha dado com a maior parte dos capitulos do segundo tomo da *A Cidade de Mato Grosso* por mim reimpresso sob o titulo d'*A cidade do ouro e das ruinas*.

Aproveito gostosamente agora a occasião para imprimir estas paginas ineditas do escriptor, tanto mais quanto ellas podem, naturalmente, servir de complemento á «annua biographica» de Leverger, agora reimpressa.

Do joven e mallogrado scientista francez, de notavel talento, o dr. Luiz Couty, aqui ficam as paginas de sua pequena biographia como paradigma do que pretendia fazer o seu autor a proposito de alguns dos mais notaveis dos seus «Estrangeiros Illustres».

S. Paulo, 11 de março de 1932.

AFFONSO DE E. TAUNAY

ESTRANGEIROS ILLUSTRES E PRESTIMOSOS

que concorreram, com todo o esforço e dedicação, para o engrandecimento intellectual, artistico, moral, militar, literario, economico, industrial, commercial e material do Brasil, desde os principios do seculo XIX até 1892.

FRANCEZES

Os *Taunay* — *Nicolau Antonio*, o mais illustre dos fundadores da nossa Academia das Bellas Artes, membro do Instituto de França, celebre pintor da Escola franceza e cujos quadros estão no Louvre, em Versailles e nas principaes galerias da Europa, nascido em Pariz a 10 de fevereiro de 1755 e fallecido tambem em Pariz a 20 de março de 1830, tendo ficado no Brasil de 26 de março de 1816 até o anno de 1821; — seu filho *Felix Emilio*, barão de Taunay nascido em Montmorency a 10 de março de 1795 e fallecido no Rio de Janeiro a 10 de abril de 1881, um dos mais notaveis e lembrados directores da Academia das Bellas Artes, á cuja frente esteve de 1834 a 1851, professor do Sr. D. Pedro II de desenho, grego e literatura; poeta, traductor das odes de Pindaro e das satiras de Persio, incansavel propugnador da grande naturalisação, já em 1822, e das mais indispensaveis medidas hygienicas e estheticas do Rio de Janeiro desde aquella época — prolongamento da rua Larga de São Joaquim até ao mar, abertura da rua D. Leo-

poldina e da avenida do Paço de São Christovão ao Aterrado, esgotamento dos pantanos e canalisação das aguas, arborisação da cidade, alargamento successivo e rectificação das ruas, cujos cantos deviam ser cortados, supprimindo-se as esquinas, formação de *squares*, construcção de cáes e erecção de palacios — o que tudo consta de muitas memorias e projectos impressos e manuscriptos (1); um dos bemfeitores da Tijuca, onde traçou a estrada nova da Cascatinha e, com o seu amigo architecto Job Justino de Alcantara, construiu a ponte monumental sobre o rio Maracanã, fallecido a 10 de abril de 1881 no Rio de Janeiro, depois de permanencia não interrompida de mais de 65 annos; dentre os grandes quadros que deixou varios se acham na Pinacotheca Nacional do Rio de Janeiro; *Augusto Maria Taunay* (1768-1824) irmão de Nicolau Antonio, esculptor de nota, um dos

(1) Em 1866, viajando eu para Mato Grosso, escrevia-me elle com bastante amargura: « Quarenta annos, meu filho, de dedicação sem um dia de intervallo por este Brasil! Na esphera formada pelas circumstancias em torno de mim, fiz e tenho feito quanto pude. O que me consola é a religião do Bello, a glorificação de Deus e da intelligencia humana pelas artes, as letras, as sciencias, a admiração dos grandes rasgos de virtude e das obras primas da creação divina, culto de que tornei participante o imperador. Pelo menos não tirarão esta gloria a um estrangeiro!... Parece destino, em uma vida já longa como a minha, ser tido como ente que nunca existiu, nada fez, nem tinha elementos para ser util em nenhum ramo de actividade! E, entretanto, só Deus sabe quanto me dóe qualquer injustiça irrogada á mais insignificante creatura. Por isto é que me punge o desgosto de ver tanto trabalho meu perdido, tanta idéa conveniente e grandiosa posta de lado e repellida até com ar de mofa e pouco caso. » Meu pae viveu mais 15 annos depois de escriptas estas palavras, pois falleceu em 1881, tendo de idade mais de 86 annos. Nascera em Montmorency perto de Paris a 1 de março de 1795. Foram suas ultimas palavras: *Adieu, belle nature du Brésil!*

Compuzera para si o seguinte epitaphio, que está gravado na pedra marmore do seu tumulo em S. João Baptista (Berquó):

« *Philologue, à demi-poète,
Spectateur éternel du Beau,
Je perdis mon temps à sa quête...
Un doux regard sur mon tombeau!* »

fundadores da Academia das Bellas Artes, primeiro premio de Roma, autor da bellissima estatua do general Lassalle, da historica estatueta de Napoleão na ilha d'Elba, dos grupos do Arco do Carroussel e dos baixos relevos e da espiral da columna Vendome em Pariz, fallecido na Tijuca a 24 de abril de 1824; major *Carlos Augusto Taunay*, militar condecorado pela mão de Napoleão I no campo da batalha de Leipzig com a Legião de Honra, veterano da Independencia, escriptor, jornalista, fundador do antigo *Messenger du Brésil*, um dos primeiros collaboradores do *Jornal do Commercio*, autor de obras sobre agricultura no Brasil e cultivo do algodoeiro, traductor das comedias de Terencio, nascido em 1791 e fallecido a 22 de outubro de 1867; *Hippolyto Taunay* (1793-1864) poeta, traductor da *Jerusalem Libertada* de Torquato Tasso, deu á estampa, em collaboração com Ferdinand Denis, uma Historia do Brasil em 6 volumes; *Theodoro Maria Taunay*, consul de França no Brasil por mais de 40 annos, inexcédível philantropo, um dos primeiros abolicionistas na Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, poeta exímio, autor dos bellissima versos latinos dos *Idyllios Brasileiros*, traduzidos em francez pelo irmão Felix Emilio, nascido em 1797 e fallecido a 22 de Março de 1880 no Rio de Janeiro; *Amado Adriano Taunay*, ousado viajante em torno do globo aos 16 annos de idade, poeta, musico entusiasta de José Mauricio, desenhista da expedição de Freycinet, nascido em 1803, foi morrer afogado no rio Guaporé, em Mato Grosso, a 5 de Janeiro de 1828, um dos membros proeminentes da infeliz commissão Langsdorff (1); — os *Beaurepaire*, conde *Jacques de Beaurepaire*, apreciado e illustrado official general do exercito brasileiro, prestou relevantes serviços na

(1) Vide a minha obra — *A Cidade de Mato Grosso* (1891).

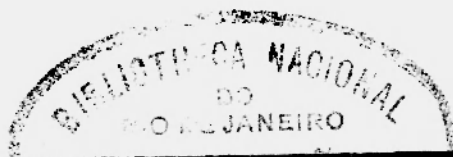
guerra da Independencia, commandante das armas do Piauhy, escriptor, nascido em Toulon a 17 de novembro de 1771, fallecido no Rio de Janeiro a 26 de julho de 1838 e *Theodoro de Beaurepaire*, vice-almirante da armada nacional, destemido marinheiro, muito se distinguiu por occasião da luta da Independencia e nas pelepas navaes do Rio da Prata, nascido em Toulon a 3 de janeiro de 1787, fallecido no Rio de Janeiro a 2 de novembro de 1849; conde *Alexandre d'Escragnolle*, bravo militar, coronel commandante de corpos nos tempos da Independencia, nascido a 25 de dezembro de 1785 perto de Grasse, casado com a irmã dos Beaurepaire, Adelaide. A sua filha D. Gabriella desposou em 1840 meu pae Felix Emilio, de onde o ramo Escragnolle Taunay; fallecido no Maranhão como commandante das armas a 16 de dezembro de 1828; *Pedro Labatut*, general, nascido em Cannes (França), uma das figuras mais notaveis das campanhas da Bahia em pról da sua libertação, fallecido naquella cidade a 24 de setembro de 1849. Seus ossos foram transportados para Pirajá, onde alcançara brilhante victoria sobre as tropas portuguezas; *conde de Gestas*, primeiro consul geral da França no Rio de Janeiro, pereceu afogado na bahia do Rio junto á ilha do Bom Jesus, que habitava. Os emigrados vindos com D. João VI, da melhor nobreza da França alem dos Beaurepaire e Escragnolle, *conde de Scey*, principe de *Montbeliard*, baroneza *Rouan*, que todos se estabeleceram na Tijuca conjuntamente com os Taunay e cultivaram varias das primeiras plantações de café, cujo producto enviavam ao mercado do Rio de Janeiro; *Emilio Mallet*, barão de Itapevy, tenente-general, intrepido soldado disciplinador, viveu commandando regimentos no Rio Grande do Sul, um dos mais salientes vultos da grande batalha de 24 de maio, em que commandava a *artilharia-revolver*, falle-

cido no Rio de Janeiro a 2 de janeiro de 1885; o illustre hydrographo almirante barão *Mouchez* que fez o levantamento de nossa costa; *Augusto Leverger*, barão de Melgaço, por longos annos presidente de Mato Grosso, fallecido em Cuyabá a 14 de janeiro de 1880, eminente personalidade, utilissima a todo o Mato Grosso; foi o Ricardo Franco dos tempos do Imperio; — capitão de fragata *Etchbarne*, basco, francez de nascimento, valentissimo piloto da marinha brasileira na celebre batalha naval de Riachuelo e um dos heróes d'aquelle glorioso dia, fallecido a 7 de agosto de 1892; 1.º tenente *Vioget*, infeliz, mas denodado official de marinha; os afamados artistas *Joaquim Lebreton*, primeiro director da Academia das Bellas Artes, fallecido no Rio de Janeiro em 1819; *Grandjean de Montigny*, insigne architecto, construiu a esplendida sala da Alfandega e infelizmente bem poucos edificios d'esta capital (1); encheu, porém, Cassel, capital do reino de Westphalia, no tempo de Jeronymo Bonaparte, de soberbos e admirados monumentos, fallecido no Rio de Janeiro a 10 de julho de 1850; *João Baptista Debret*, pintor, publicou valiosa obra ornada de gravuras sobre o Brasil (1831-1837, 3 vols. in-folio), um dos fundadores da Academia das Bellas Artes, autor do grande quadro da corôação de D. Pedro I, imaginou e desenhou com Felix Taunay a bandeira e os brazões do Imperio do Brasil, alem da condecoração do Cruzeiro, fallecido em 1848; *Carlos Simon Pradier*, esculptor, discipulo de Desnoyer, irmão do tão falado estatuario, ambos nascidos em Genebra; *Francisco Bonrepos*, discipulo e ajudante de Augusto Taunay, fallecido no Rio de Ja-

(1) São delle a bellissima fachada da Academia das Bellas-Artes, hoje deturpada, a casa fronteira ao Passeio Publico, rua da Lapa esquina da das Marrecas, duas casas de campo, uma na Gavea, outra perto do largo do Estacio de Sá e o chafariz do Rocio Pequeno.

neiro; *Zeferino Ferrez*, professor emerito de gravura de medalhas, vindo no tempo de D. João VI com a colonia de artistas e industriaes a convite do conde da Barca, falleceu no Rio de Janeiro a 22 de julho de 1851; os dous *Moreaux* (Luiz Augusto e Francisco Renato), pintores de nota e excellentes retratistas, o primeiro fallecido no Rio de Janeiro em 1877; *Pallière*, ornamentou o tecto da sala de honra da Academia de Bellas Artes, onde foi professor; *Vinet*, um dos melhores paizagistas da natureza brasileira, tão difficil de ser reproduzida em téla; *Barandier*, *Le Chevrel*, *L. Buvelot*, pintores de talento; *Biard*, *Marzin*, *A. Falcoz*, *Monvoisin*, *Caron*, *L. Petit*, *E. Rouède*, *Belisle*, pintores reputados; *Luiz Aleixo Boulanger*, calligrapho e mestre em armas e brazões, organisador de bons quadros synopticos da historia patria, fallecido no Rio de Janeiro a 24 de julho de 1874; *Luiz Rochet*, estatuario, autor da grandiosa estatua de D. Pedro I e da de José Bonifacio, erectas no Rio de Janeiro; os sabios e naturalistas *Soulié de Sauve*, abalisado mathematico, lente da Escola Militar e director do Observatorio Astronomico, fallecido no Rio de Janeiro; o illustre astronomo *Emilio Liais*; *Augusto de Saint-Hilaire*, um dos maiores e mais uteis amigos do Brasil, botanico illustre, viajante tão veridico quanto minucioso; nasceu em Orleans a 4 de outubro de 1779, chegou a 30 de maio de 1816 ao Brasil e percorreu, durante seis annos, muitas provincias do Imperio, centraes e do littoral até á Cisplatina, falleceu a 30 de setembro de 1853; *L. Theodoro Descourtilz*, zoologo ornithologista; a sua bella obra sobre aves e passaros do Brasil, ornada de magnificas gravuras coloridas e infelizmente não concluida é valiosissima; falleceu no Riacho, Espirito Santo, a 13 de fevereiro de 1855; *Audebert* e *Vieillot*, os monographos dos colibris; os eminentes

botanicos *Gaudichaud*, *Adalberto de Chamisso* e *Augusto Glaziou*, frei *Camillo de Montserrat*, da ordem dos beneditinos, illustre philologo, orientalista, professor do Collegio de Pedro II e depois director da Bibliotheca Nacional, em cujos Annaes (tomo XII) appareceu detida e bem elaborada biographia, da lavra de Ramiz Galvão; fallecido no Rio de Janeiro a 19 de novembro de 1870; — os philantropos e medicos, doutores, *João Mauricio Faivre*, um dos benemeritos da immigração, lutou de modo pasmoso para fundar, ás margens do rio Ivalhy (Paraná) a colonia Thereza; viu os seus esforços quasi de todo burlados pelas mais extraordinarias e dramaticas peripecias e morreu, a 30 de agosto de 1859, naquella provincia, exhausto de forças; *José Francisco Sigaud*, autor de obras classicas sobre molestias e clima do Brasil, illustre fundador do Instituto dos Meninos Cegos, falleceu no Rio de Janeiro a 5 de setembro de 1856; *Sénéchal*, medico conhecido pelos seus modos originaes e espirito de caridade, fallecido no Rio de Janeiro; *João B. Lacaille*, distincto facultativo a quem se devem os primeiros estudos micrographicos sobre a febre amarella, fallecido no Rio de Janeiro a 18 de julho de 1888; *Soulié*, fallecido no Rio de Janeiro; Dr. Pedro Luiz Napoleão *Chernoviz*, autor de um *Diccionario de Medicina* e formularios muito populares em todo o Brasil, até nos mais fundos sertões; formado em Montpellier; era de origem polaca e naturalisou-se brasileiro. Falleceu em Passy a 31 de agosto de 1881; *Raymundo Desgenettes*, medico, mineralogista, publicou muitas memorias e opusculos, estabeleceu-se, largos annos, em Uberaba (Minas Geraes), fez-se depois padre e parochiou varias freguezias de Goyaz, onde morreu; *Luiz Couty*, intelligencia superior, genial, um dos estrangeiros que de prompto melhor viram e conheceram as cousas brasileiras, trabalhador



infatigavel em muitas espheras e de admiravel clarividencia, falleceu no Rio de Janeiro a 22 de novembro de 1884, tendo apenas 30 annos de idade; *Felix Vogéli*, distincto professor de hippiatrica na Escola Militar da Praia Vermelha por longos annos, acompanhou depois Agassiz nas viagens ao Amazonas e traduziu a obra d'aquelle scientista, geologo e ichthyologo; *Barandon*; *Bonjean* e *Garnier*, todos fallecidos no Rio de Janeiro, e profissionaes apreciados; *Théberge*, em extremo popular no Ceará, fallecido a 7 de agosto de 1862, tanto quanto, no Maranhão, *Saulnier de Pierrelevée*, que escreveu sobre endemias de Mato Grosso; — os historiadores, viajantes e publicistas — *Ferdinand Denis*, consagrou toda a longa e laboriosa existencia ao Brasil e a Portugal, pesquisador consciencioso, a principio viajante incansavel, depois infatigavel escriptor, nasceu em 1798 e falleceu em 1890; *conde Francis de Castelnau*, notavel viajante do interior do Brasil; *visconde de Osery*, companheiro de Castelnau, afogou-se no rio Amazonas; *Weddel*, outro companheiro da mesma expedição e dos mais valiosos; *conde de La Hure*, autor de extensa monographia; *F. M. Duprat*, redactor do *Agricola* em Pernambuco, fallecido no Rio de Janeiro; *Arsène Isabelle* conhecido pelas suas *Excursões* no Rio Grande do Sul (1834); o tão citado *Alcides d'Orbigny*; *barão d'Arcet*; *Luiza Bachelet*, autora do *Phalanstère du Brésil*; *Xavier Eyma*; *Max Radiguet*; *Emilio Carrey*, romancistas; *Belmar*; *Ruelle Pomponne*; *Charles de Ribeyrolles*, refugiado politico, tomou-se de grandes sympathias pelo Brasil, escreveu *Le Brésil pittoresque*, periodico publicado por Victor Frond, e falleceu em Nitheroy a 1 de junho de 1860. Victor Hugo enviou para o seu tumulo bellissimo epitaphio; *Miguel Burnier*, vigoroso publicista, cujos artigos, publicados no *Jornal do Commercio* sobre questões po-

líticas e de hygiene e assignados com a simples letra Z, causavam sempre grande impressão; *Milliet de Saint Adolphe*, autor de um dictionario geographico em 2 vols., bastante util, apesar de conter não poucos erros; *Leoncio Aubé*, publicou apreciavel monographia sobre Santa Catharina, especialmente na parte septentrional; *Alphonse de Beauchamp*, autor de uma historia do Brasil bastante fantasista e cheia de discursos pronunciados por indios, á maneira dos livros do padre Vertot, mas escripta em estylo pittoresco e attrahente; *Charles Reybaud*, autor do *Le Brésil*, livro que mereceu as honras de immediata traducção em inglez e allemão; *Vaultier* que viajou por Minas em 1863; *Blanchet*, residente na Bahia; *Salzmann*, companheiro de Blanchet; *Guillenini*, bem conhecido no Rio de Janeiro; *Dr. Rendu*, deu á estampa *Estudos topographicos e agronomicos* sobre o Brasil, dignos ainda hoje de consulta; *Hercules Florence*, desenhista, viajante e escriptor, a elle se deve a unica e interessante narrativa da mallograda expedição Langsdorff; homem de indole muito inventiva e observadora, nascido em Nice a 29 de fevereiro de 1804, fundou respeitavel familia em Campinas (S. Paulo), onde falleceu a 27 de março de 1879; *La Beau-melle*, escriptor, autor do *Sonho de Itajurú*, falleceu no Rio de Janeiro e mereceu pomposo elogio necrológico do conego Januario da Cunha Barbosa; *L. Gambier*, que, em 1811, já clamava contra a destruição das matas; *Luiz Dreys*, escreveu memorias offercidas ao Instituto Historico; *Alfred Marc*, autor da excellente obra em 2 vols. *Le Brésil et ses Provinces*, onde ha basta fonte de informações que honram o escriptor e surpreendem o leitor, falleceu em 1894 em Pariz; *Ernesto Vallée*, explorador dos sertões de Goyaz e das cabeceiras do Araguaya e Tocantins; — os industriaes *João Baptista Level*, vindo no tempo de D.

João VI e fallecido no Rio de Janeiro; *Braconnot*, *Francisco Ovide*, *Nicolau Enout*, *Pilite*, *Fabre*, *Luiz José Roy* e seu filho *Hippolyto*, todos elles contratados para organisarem e dirigem grandes officinas de marcenaria, cortume, serralharia, carpintaria, fundição; *Seignot Plancher*, fundador do *Jornal do Commercio* em 1827; *Julio Villeneuve* e *Mantignon*, continuadores e prestigiosos proprietarios d'aquella folha; *Seignelet*, *Gueffier* e *Aillaud*, editores typographicos; *Victor Frond* e *Sisson*, impressores e editores de importantes publicações, taes como *Le Brésil pittoresque* e a valiosa *Galeria dos Brasileiros illustres*; *Emilio Adet*, noticiarista, redactor e administrador tecnico do *Jornal do Commercio*, fallecido em 1867; *João de Dissandes de Monlevade*, mineralogista e metallurgista, collega do famoso Haüy, a quem se deveu o estabelecimento dos primeiros fornos siderurgicos em Minas Geraes; *Salingre*, introductor da tinturaria no Rio de Janeiro, desde os primeiros tempos da constituição do Brasil como Reino Unido; *Victor Resse* (*barão de S. Victor*), negociante ourives, alcançou não pequena fortuna e prestou relevantes serviços á Santa Casa da Misericordia; — os educadores *Roosmalen*, *Taulois* e *Geslin*; — os padres *Boiret*, um dos professores do Sr. D. Pedro II e *Durand*, excursionista da serra do Caraça; — os engenheiros *Eugenio David*, muito estimado na Bahia, nascido a 11 de maio de 1836, fallecido a 1 de julho de 1892; *Rivière* e *Parigot*, major *Hugo de Fournier*; major *Felippe Aché*, fallecido no Rio de Janeiro a 30 de dezembro de 1881; *Guido Marlière*, que viveu largos annos entre os indios Botocudos e d'elles publicou longo vocabulario; *Barral*, official de marinha, escreveu em 1833 muito noticiosa informação sobre Santa Catharina; *M. de la Martinière*, que tanto trabalhou na cartographia de Minas Geraes e

Espirito Santo; *Luiz A. Burgain*, fallecido no Rio de Janeiro, conceituado professor e literato. Os seus dramas *Pedro Sem* e *Luis de Camões* são ainda representados nos nossos theatros com applauso; *José Francisco Halbout*, fallecido no Rio de Janeiro a 1 de julho de 1890, dedicadissimo professor do Collegio de Pedro II; *Emilio Doux*, excellente preceptor; *Victor Milhas*, optimo chefe de officina typographica, nascido em Tarbes em 1845 e fallecido a 13 de julho de 1892; *Emilio Janvrot*, distincto clinico e pharmaceutico fallecido a 29 de setembro de 1892; *Mme. Diémer* que por longos annos dirigiu acreditado collegio de meninas em Petropolis, onde nasceu o filho, hoje uma das maiores celebridades artisticas de Paris, *Luiz Diémer*; *Julio Martin*, autor de numerosos melhoramentos em S. Paulo e reputado cartographo; *Dr. Victor Renault*, nascido em 1810 e fallecido em Barbacena a 18 de outubro de 1892, explorador dos rios Doce, Paracatú e Mucury, autor de muitos livros didacticos; irmã de caridade *Carolina Brisacy*, nascida em Lille a 9 de julho de 1827 e fallecida no Rio de Janeiro a 30 de outubro de 1892, depois de 37 annos de permanencia, prestando os maiores serviços nos hospitaes e casas de instrucção; *João Baptista Binot*, notavel horticultor; *B. L. Garnier*, conhecidissimo livreiro editor, fallecido a 1 de outubro de 1893; Visconde *Bourgoing d'Orly*, escriptor e philosopho; *João Gustavo de Frontin*, engenheiro, fallecido em 18 de julho de 1874. *Dr. Henrique Gorceix*, notavel engenheiro de Minas, fundador da Escola de Minas de Ouro Preto; *Drs. Paulo Ferrand* e *J. de Bovet* eminentes professores desta escola, *Ernesto Levasseur*, illustre geographo, *Carlos Morel*, jornalista etc. etc.

INGLEZES

Os almirantes lord *Cochrane*, conde de Dundonald e marquez do Maranhão, nascido a 14 de dezembro de 1775 e fallecido no anno de 1860, *primeiro marinheiro do seu tempo, ultimo da sua escola*, um dos maiores auxiliares da independencia de varios paizes da America do Sul, notadamente Chile e Brasil; *James Norton*, celebre marinheiro, heroe de muitos combates, em um dos quaes, a 16 de junho de 1828, perdeu um braço, o maior vulto das guerras navaes do Rio da Prata, fallecido a 29 de agosto de 1835, com 46 annos apenas, quando voltava da Australia para o Brasil, em cujo serviço sempre esteve desde 1823; *Taylor*, outro marujo inexcedivel em lealdade e bravura, hostilizou até Lisboa na fragata *Nitheroy* a esquadra portugueza; *Frederico Mariath*, fallecido no Rio de Janeiro a 2 de junho de 1863, distincto pelos seus feitos nas nossas guerras civis, tão ousado nas occasiões precisas, quanto prudente e conciliador; *João Pascoe Grenfell*, fallecido a 29 de março de 1869, em Liverpool, consul geral do Brasil, em cujo serviço se manteve sempre com o maior brilho desde 1823, perdeu um braço na campanha naval da Cisplatina, heroe em muitos momentos difficeis, e particularmente na celebre passagem do Tonelero; — os valerosos officiaes de marinha *Guilherme Parker*, que tanto se distinguiu, em agosto de 1836, nas guerras do Pará; *Thomaz Craig*, condecorado com o habito do Cruzeiro pelos actos de bravura praticados no combate de 16 de junho de 1828, a par de Augusto Leverger; *Rose*; *Clare*; *Wilson*; *Sheperd*, capitão de fragata, morto em combate a 7 de março de

1827; *Cowen*; *Bartholomeu Hayden*, fallecido no Rio de Janeiro; *Usher*; *Jorge Broom*; *Inglis*, nascido na India, morto pelos revoltosos do Pará a 7 de janeiro de 1835; *Cecil Browning*, *Diogo Lollet* e *Philip Chappeter* mortos em combate; *Crosbie*; *William MacErving*; *John William*; *A. Fletcheux*; *Eyre*; *Roberto Steel*; *Thompson*, commandante da celebre *Paraguassú*; — os historiadores e viajantes *Roberto Southey*, autor da melhor Historia do Brasil, sem jámais ter vindo á America, poeta insigne, erudito politico, nascido a 21 de agosto de 1774, fallecido a 21 de março de 1843; *Henrique Koster*, viajante, nascido no anno de 1793 em Portugal, e não em Liverpool, como por vezes tem sido affirmado, autor do interessante livro *Travels in Brasil*, em que trata particularmente das provincias do Norte, falleceu em Pernambuco no anno de 1827, tendo apenas de idade 34 annos; *William Gore Ouseley* e *A. Chamberlain*, autores de magnificos albuns de aspectos brasileiros; *John Armitage*, amigo do grande Evaristo da Veiga, escreveu a excellente *Historia do Brasil* de 1808 a 1831, que serve de bello complemento ao monumental trabalho de Southey; *John Mawe* nascido em 1764 e fallecido em 1829, distincto mineralogista, visitou os districtos diamantinos, Santa Catharina, etc., de 1807 a 1810, a convite do rei D. João VI e descreveu aquellas zonas de modo a merecer ainda hoje continua menção; *Thomas Lindley* (1802); *John Luccok*, que esteve entre nós 10 annos, de 1808 a 1818; *Candier*; *Alexandre Caldcleugh*; *Burgess*; *Lister Maw*, o qual desceu do Perú ao rio Amazonas; *Alfredo Wallace*, outro viajante do soberbo Amazonas; *Thomas Hinchcliff*; *Henry Sidney*, que contou extraordinarias aventuras no interior do Brasil, em quatro annos de excursão (1812); *Thomas Woobdine*, o entusiasta da Serra dos Orgãos; os botanicos *Miers* entre nós em 1825, *Cunningham*

em 1814; *Charles Brown*, *James Trail* no Amazonas em 1874; *Spruce* tambem ahi, de 1868-69; *Burchell*, primeiro que explorou o interior em 1825; *James Orton*, *Chandless*, *Richard Burton*, *Henry Walter Bates*, ha pouco fallecido, viajaram o valle amazonense, cujos esplendores pintaram, sobretudo o ultimo, com tanto entusiasmo e verdade. «A voz dos passaros, diz Henry Bates, descrevendo as immensas florestas do Amazonas, em vez de trazer um éco de vida e de alegria, tem um quê de meditativo e mysterioso, que torna ainda mais intenso o sentimento da solidão. Por vezes, em meio de profunda calma, subito uivo ou doloroso grito nos faz estremecer; é algum indefeso frugivoro, preso nas garras do gato tigre ou no perfido laço da boa constrictor... Nas horas mortas do dia, repentino estalido ecôa longe sob as sombrias abobadas, galhos enormes ou arvores inteiras que se quebram e caem com estrondo. Erguem-se e esvaem-se outros ruidos impossiveis de se explicar e dar noticia...» *Mathew*, *Ordon*, *Herdon*, *Gibbon*, naturalistas; *Jorge Gardner*, illustre botanico autor de um dos nossos mais interessantes livros de viagens; *Swainson*, *Waterton*; *William Hadfield*; *Rev. R. Walsh* publicou em 1830 2 vol., *Notices of Brazil*, com estampas bem apreciaveis; *Maria Graham* (lady Calcott) nascida em 1788 e fallecida em 1843, autora da curiosa obra *Journal of a voyage in Brazil and residence there during parts of the years 1821, 1822, 1823* — Londres, 1841, in-4.º; *J. H. Elliot* e *Palm*, exploradores dos sertões do Paraná e Mato-Grosso, de que deram succinta relação, mas que abriram á immigração paulista e mineira, ajudados pelo intrepido sertanista Joaquim Francisco Lopes; *Carlos Mansfield* naturalista, ethnographo; *Charles Dunlop*, medico e philantropo; *Jonathas Abbott*, acreditado lente da Faculdade da Bahia; *Ricardo Gumbleton Daunt*, popularissimo

em Campinas (São Paulo), onde falleceu, muito respeitado sempre pelas suas crenças religiosas e firmeza politica, nascido em Hull a 30 de agosto de 1818, fallecido a 18 de junho de 1893; *Alexandre Patterson*, tão estimado na Bahia, que lhe erigiram uma memoria em praça publica como monumento mortuario; *Thomas Cochrane*, excellente character, um dos introductores da homœopathia no Brasil e dos que mais concorreram para a reputação da Tijuca, arrabalde em que edificou formosa habitação e onde falleceu a 26 de janeiro de 1872; *padre Tilbury*, professor estimado; *João Henrique Freese*, educador da mocidade, compoz varias obras didacticas; *Norris*; *James Maze*, autor de boa grammatica ingleza em portuguez; *Thomas Gossling*, estimavel mestre da lingua materna; *Jorge João Dodsworth*, fallecido a 4 de abril de 1850, no Rio de Janeiro, deixou filhos menores, que, educados pela mais sollicita das mãis, têm sabido honrar o nome paterno; engenheiro *Ginty*, constructor da fabrica de gaz e da estrada nova da Tijuca; os eminentes e notaveis engenheiros *Hawkshaw* e *Carlos Revy*, *James Wells* e *J. Chalmers*, *C. Lane*, *C. Neate*; *Thomas Grimm*, professor de pintura de paizagem da Academia das Bellas Artes, sobremaneira popular entre os muitos e bons discipulos que deixou; *Henderson*, traductor de Manuel Ayres do Casal e bem injustamente esquecido; *Feldner*, viajante; *capitão King*, a quem se refere não poucas vezes Saint-Hilaire; *Diogo Andrews*, bom e constante amigo do Brasil, *Carlos Raynsford* etc.

ALLEMÃES

Entre allemães, os viajantes e sabios, o barão *G. C. von Eschwege*, tão valente militar quanto notavel mineralogista e botanico, autor do *Pluto brasiliensis* e de livros muito apreciados, viveu no Brasil de 1810 a 1821; principe *Maximiliano de Neuwied*, grande naturalista, esteve entre nós em 1815, 16 e 17 e ligou o seu nome á classificação de muitos representantes da fauna e flora brasileiras; os celebres *João Baptista von Spix* e *Carlos Frederico Philippe von Martius*, a respeito dos quaes corre este justissimo conceito de que no seu genero, sua obra é de importancia capital para o Brasil. Martius até aos derradeiros dias de vida, terminada a 13 de dezembro de 1868, em Munich, continuou a prestar-nos os mais relevantes serviços scientificos na historia natural e em estudos linguisticos; nascêra a 17 de abril de 1794; *Ludovico von Rangt* e *Theodor von Leichthold* (1819 e 1820); *Ernest Ebel* descreveu o Rio de Janeiro e seus arredores em 1824, bem como *C. Schlichthorst* em 1829; *M. Lindau*; *Christiano Hasse*, zoologo, membro da expedição Langsdorff, fallecido em Porto Feliz no anno de 1825; *Dr. Hermann Burmeister*, outro zoologo eminente fallecido em 2 de maio de 1892; *C. G. G. Nees*, monographo dos bambús brasileiros; principe *Adalberto da Prussia*, explorador do Xingú (1842-43); *Luiz Riedel*, distincto botanico, percorreu quasi todo o Brasil, fez parte da commissão Langsdorff, director longos annos do Passeio Publico do Rio de Janeiro e concorreu com valiosos elementos para um dos maiores monumentos scientificos que se ha erguido, a *Flora Brasiliensis*, começada por Martius e Endlicher e continuada por Eichler e outros

— *opus sublevatum populi brasiliensis liberalitate*, Pedro II regnante; *Mauricio Rugendas* notavel artista cuja *Viagem de um pintor* é um repositório informativo do Brasil positivamente magnifico; *Gustavo Lenzs*, bom mineralogista; *Roque Schuch*, outro mineralogista e metallurgista, professor de allemão do Sr. D. Pedro II e fallecido no Rio de Janeiro em 1843; *Frederico von Sellow*, botanico estimado, morreu afogado no rio Mucury (Bahia) em 1819; *J. C. Hensser*, *G. Claraz*, *Sieber* e *A. Wagner*, naturalistas viajantes; *Avé Lallemant*, *Th. Vogel* e *Augusto Grisenbach*, botanicos, escreveram bellas monographias; *Julio Platzmann*, estudou cuidadosamente a bahia de Paranaguá; *Keller-Leuzinger* denodado explorador dos nossos rios e sertões menos conhecidos e excellente desenhista; *Diogo Kopcke*, geographo, fallecido no Rio de Janeiro em 1833; *Sigismundo Neukomm*, musico de grande esphera, discipulo favorito do immortal Haydn, chegado ao Rio de Janeiro em 1816 com Augusto de Saint Hilaire, professor de contraponto e harmonia do Imperador D. Pedro I; o seu *Adeus ao Brasil* é trecho melodico de grande inspiração; nascido em 1778, falleceu em 1858; *dr. Carlos Rath*, ethnologo e paleontologo, explorador em S. Paulo e Bahia; coronel *Sevelow*, ajudante de ordens do Marquez de Barbacena, deixou memorias sobre a campanha Cisplatina; coronel *Frederico Guilherme de Varnhagen*, fundador da fabrica de ferro de Ipanema e pae do visconde de Porto Seguro; coronel *Pedro Guilherme Meyer*, optimo instructor da Escola Militar da Praia Vermelha, grande disciplinador de corpos na guerra do Paraguay, em que foi por vezes ferido, falleceu no Rio de Janeiro a 25 de agosto de 1888; major *Maximiliano Emmerich*, outro instructor e mestre d'aquelle estabelecimento de educação militar, exactissimo cumpridor dos seus deveres e muito

querido dos alumnos, fallecido no Rio de Janeiro a 24 de abril de 1883; *barão de Planitz*, professor do Collegio de Pedro II, mereceu a estima particular do Sr. D. Pedro II, fallecido no Rio de Janeiro; major *Suckow*, tão popular no Rio de Janeiro, onde morreu após longa residencia; *barão de Tautphæus*, um dos melhores e mais illustrados professores do Collegio de Pedro II, erudito tão profundo quanto modesto, um dos fundadores da Sociedade Central de Immigração, fallecido no Rio de Janeiro a 27 de fevereiro de 1890; *Julio de Wallenstein*, padre e homem de sciencia, fallecido no Rio de Janeiro a 21 de março de 1843, tornou-se digno de uma biographia especial, escripta pelo conego Januario da Cunha Barbosa (vide tomo VI do Instituto Historico) em que são exaltados a sua illustração e o seu amor ao Brasil; *Julio Franck*, professor de preparatorios na Faculdade de Direito em São Paulo, onde falleceu no anno de 1841, tão estimado dos estudantes que estes lhe consagraram um monumento no pateo da Academia; major *Gaspar Giffenig*, fallecido no Rio de Janeiro em 1843; *dr. Henrique Bauer*, botanico e naturalista muito popular em S. Paulo onde falleceu em começos de 1896; *dr. Carlos Engler*, clinico de grande nomeada no interior paulista; major *Julio Frederico Kæler*, fundador da cidade de Petropolis, delineador das suas ruas e constructor dos seus primeiros canaes, fallecido a 21 de novembro de 1847; *G. Michler*, lente de chimica industrial na Escola Polytechnica, fallecido no Rio de Janeiro; os seus collegas docentes e discipulos lhe erigiram um busto, como signal especial de apreço; *Theodoro Schieffler*, escrupulosissimo professor de grego do Collegio de Pedro II, fallecido no Rio de Janeiro; *Carlos von Koseritz*, insigne jornalista, um dos fundadores da Sociedade Central de Immigração, publicista dos mais

illustres e valentes que tem tido a imprensa brasileira, muito concorreu para fomentar a corrente immigratoria allemã no Rio Grande do Sul, fallecido em Pedras Brancas, perto de Porto Alegre, a 30 de maio de 1890; *Selin* e *Henning*, outros batalhadores em prol da immigração, precedidos por *J. J. Kuhl* (1825), *Frederico von Wesch* (1828), *Gaebler* (1850), *Nathanson* (1850), *Kerst* (1852), *D. F. Smidt* (1853), *J. L. Röhe* (1858), *Neumann*, *Gade*, *Hermann Liebiche*, *Frederico Koste*, que escreveram guias, opusculos e memorias sobre aquelle grave assumpto. Nem deve ser esquecido *Hermann Haupt*, consul da Allemanha muitos annos, apezar de tantas pendencias desagradaveis que teve com o governo brasileiro, pela má direcção impressa ao conseguimento e á collocação dos immigrantes; *dr. Hermann Blumenau*, a quem se deve sobretudo a admiravel colonisação do valle do Itajahy; *Glasl*, botanico, director do Jardim Botânico, fallecido no Rio de Janeiro a 17 de março de 1883; *Augusto Off*, pintor; *Augusto Müller* e *Papf*, optimos retratistas; *Eduardo* e *Henrique Laemmert*, este fallecido no Rio de Janeiro a 10 de outubro de 1884, aquelle a 11 de janeiro de 1880, editores importantes e chefes de grandes officinas typographicas, organisaram a publicação regular do utilissimo *Almanak*, que *Seignot Plancher* ensaiára em 1821; *Carlos* e *Henrique Fleiuss*, proprietarios e collaboradores artisticos da *Semana Illustrada*, que teve, de 1860 a 1877, tanta voga e tamanha influencia nas nossas rodas literarias; o primeiro fallecido a 1 de setembro de 1877, o segundo no Rio de Janeiro a 15 de novembro de 1882; *Thomaz Driendl* retratista e architecto; *Jorge Grimm*, excellente paizagista; *Carlos Linde*, editor, fallecido em agosto de 1873; *Carlos Jansen*, optimo professor, literato, habil vulgarisador, manejava perfeitamente a lingua portugueza e deixou provei-

tosas obras e compilações para a mocidade, fallecido no Rio de Janeiro a 21 de setembro de 1889; *dr. Koch*, proficiente mestre de hebraico e linguas orientaes do Sr. D. Pedro II, fallecido em Petropolis a 7 de fevereiro de 1874⁽¹⁾; *drs. Mure*, um dos introductores da homœopathia no Brasil, e *Pedraglia*; *C. Lusten* e *Leopold Heck*, gravadores de merito; *E. Wappäus*, autor da notabilissima *Geographia do Brasil*, paiz que nunca visitou, comtudo; os illustres ethnographos *dr. Paulo Ehrenreich* e *dr. Carlos von den Stein*; *Ferdinand Wolff*, erudito que da Europa escreveu obra bem aproveitavel, *Le Brésil littéraire*; *dr. Hermann von Ihering*, eminente zoologo e ethnologo; *Gustavo Pockels*, militar e depois habil professor de preparatorios; engenheiros *Schwarzmann*, auxiliar de Eschwege e Martius; *Eduardo de Kretschmar*, *Hartmann*, *Henrique Gerber*, tão util a Minas Geraes, como *Mauricio Schwarz* ao Paraná; *Luiz Schreiner*, engenheiro architecto notavel, nascido em Berlim em 1838, fallecido no Rio de Janeiro a 5 de julho de 1892; *Nicoláu Malburg*, grande commerciante em S. Catharina; *Guilherme Lourenço Schulze*, estimado professor, morto no Rio de Janeiro a 5 de julho de 1892; *David Moretzsohn*, honrado negociante e banqueiro, fallecido em Juiz Fôra (Minas Geraes) a 3 de julho de 1892; *Gustavo Rumbelperger*, sabio naturalista, archeologo, fallecido no Rio de Janeiro com 76 annos de idade, a 26 de outubro de 1892; *dr. Bertholdo Goldschmidt*, morto a 26 de julho de 1893, com mais de 80 annos, dos quaes acima da metade passou no Brasil, excellente professor do Collegio D. Pedro II; padre *Carlos Bergershauer* e *dr. Theodoro Brüstlein*, a quem a colonisação em S. Catharina deveu enormes serviços, o cartographo *Henrique Lange* etc.

(1) O imperador mandou inscrever na bella pedra do seu tumulo estas duas simples palavras: « Ao amigo » em latim, grego e hebraico.

AUSTRO-HUNGAROS

O illustre *dr. Johannes Natterer*, nascido a 9 de novembro de 1787 e fallecido em 1844, «o maior, isto é, o mais zeloso e o mais fecundo colleccionador que pisou a America do Sul, na phrase do *dr. Goeldi*. Fez enormes viagens no Brasil e colleccionou só em aves 12.293 exemplares e em insectos — 32.825; o muito citado *dr. João Manoel Pohl*, grande autoridade em sciencias naturaes, nascido em Vienna em 1784, fallecido em 1834; veio ao Brasil com a imperatriz D. Leopoldina no anno de 1817, visitou o interior até Goyaz e foi o primeiro a descrever e classificar curiosos e mal conhecidos vegetaes, notadamente a arvore de papel; a sua obra em dous grossos volumes *Reise in Innern von Brasilien*, bastante rara hoje, merece frequente consulta; *Shott* e *J. C. Mikau*, outros estimados botanicos e zoologos (1820); *dr. Wawra*, companheiro do Imperador Maximiliano em 1859 e 60 — naturalista — e do duque de Saxe em 1879 no interior do Brasil; *Virgilio von Helmreichen* percorreu Minas-Geraes, parte de Goyaz e chegou a varias localidades de Mato-Grosso, onde determinou latitudes e longitudes, cuja exactidão *Augusto Leverger* cita com louvor; *F. G. Frubeck* deu á estampa em 1830 os seus *Skiss meiner Reise nach Brasilien* no anno de 1817; o *dr. Nowrkowsky* e *H. Flechner*, collaboradores do *Brasilien unter D. Pedro II*; *Augusto von Pelzeln*, ornithologista; *dr. Franz Steindachner*, ichtyologo, publicou *Die Susswasser Fische des sudosttichen Brasilien* com estampas; *Thadeus Haenke*, botanico, cujos herbarios foram reorganizados e descriptos pelo *dr. Carlos Prest*; *Franz Fatterle*, geolo-

go, tratou da curiosa formação das regiões centraes da America do Sul e dos chapadões do Brasil; os expedicionarios da fragata *Novara*, *barão Willestorf*, *Jorge Eras*, *Frauenfeld* e *drs. Scherzer*, *João Zelebor* e *Hochstetter*; *Fernando Petrich*, esculptor, fez com os filhos as estatuas de D. Pedro II, que ornava o saguão da Bibliotheca Nacional e de José Clemente Pereira, collocada no hospicio de Pedro II; *Kornis de Totvarad*, publicista vigoroso, embora diffuso e obscuro, sustentou com muita erudição, demasiada até, varias theses sociaes, casamento civil e outras, fallecido no Rio de Janeiro; *Zdenko Janieske*, consul da Austria Hungria no Rio de Janeiro, entusiasta do Brasil e das suas instituições, viajante incansavel, pereceu a 11 de julho de 1887 no horrivel naufragio do vapor *Apa*, etc.; *Eugenio Hussak*, mineralogista de valor.

SUISSOS

Stephane Moricand, descreveu plantas novas no Brasil, colhidas nas suas viagens de 1833 a 1846; *Luiz Agassiz*, naturalisado cidadão americano, nome universalmente conhecido, escreveu *La vallée des tropiques au Brésil* e, com a mulher, *Voyage au Brésil*, traduzido do inglez para francez por Felix Vogéli (1869), nascido no anno de 1807, falleceu em dezembro de 1873; marechal *Carlos Resin*, bom militar, tomou parte na batalha de Ituzaingo a 20 de fevereiro de 1827, e 42 annos depois, na do Campo Grande, a 16 de agosto de 1869, em que commandava uma divisão, fallecido no Rio Grande do Sul; *Lengrüber*, *Heggedorn*, *Ubelhardt*, *Ludolf*, *Lutterbach* e *Monnerat*, colonos de Nova-Friburgo, introduzidos em fins

de 1819 por ordem de D. João VI, tornaram-se, como outros companheiros, pela constancia no trabalho e na economia, grandes proprietarios e importantes capitalistas; *Pradez*, autor de bons opusculos de propaganda a bem da immigração suissa, bem como *J. L. Moré*, que escreveu o interessante livro *Le Brésil en 1852 et la colonisation future*; nessa obra trata particularmente da fundação da colonia de Supéraguay, no litoral do Paraná, que visitei em 1885 e onde encontrei tres bellos e nobres typos de antigos immigrants, João Miguel Sigwalt (francez), Guilherme Michaud (suisso) e Rovedo (italiano), todos amando de coração o Brasil, embora não tenham tirado fruto algum do constante labor e dos maiores esforços no cultivo da terra; *Fernando Schmid*, mais conhecido pelo pseudonymo *Dranmor*, poeta de pulso, ainda que pessimista e demasiado sombrio. O seu *Hymno á Morte* tem cousas bellissimas; publicou tambem opusculos sobre questões bancarias e de immigração; *Carlos Adriano Grivet*, distincto professor e autor de excellente grammatica portugueza, repleta de exemplos classicos, que bem indicam o estudo profundo da lingua; nasceu em 1816 e falleceu no Rio de Janeiro a 14 de janeiro de 1876; *João Diogo von Tschudi*, naturalista e diplomata, foi, depois de longas viagens, enviado ao Brasil, em 1860, para estudar as questões de immigração e disse muitas verdades, embora duras; o seu livro *Viagens na America do Sul* em 5 volumes, gosa de muita fama; *Borel du Vernay*, engenheiro; *dr. Schutel*, medico notavel, fallecido bastante idoso no Rio de Janeiro, botanico; *Leuzinger*, fallecido em 1892, deixou numerosa e digna familia; *I. C. Heuper*; *J. E. Emery*, banqueiro; *Emilio C. Jourdan*, official do exercito, autor da conhecida *Historia da Guerra do Paraguay*; *Meuron*, industrial, fundador de fabricas de rapé no Rio de Janeiro, Bahia

e Pernambuco; *Charles Perret Gentil*, fundador da colonia *Superaguy*, de que acima falámos e sobre a qual escreveu interessante opusculo; *Jacques Schendler*, engenheiro agronomo, primeiro director da Escola Agricola de Juiz de Fóra e outros; *dr. Emilio Goeldi*, sabio naturalista; *Julius Meili*, notavel numismata, autor de obras classicas sobre a nossa numismatica; *cel. Henrique C. Boiteux*, que tanto fez pela colonisação em S. Catharina, etc.

GREGOS

Entre gregos, *João Baptista Calogeras*, notavel professor do Collegio de Pedro II, escreveu para os discipulos eloquente *Historia da idade média*, em excellente portuguez, empregado do ministerio de estrangeiros, tornou-se optimo e atiladissimo auxiliar, particularmente na questão ingleza em 1863, quando secundou com muito talento o marquez de Abrantes; falleceu no Rio de Janeiro a 27 de julho de 1878; *Luiz Calogeras*, filho, um dos fundadores da empresa da linha ferrea Principe do Grão Pará, de Mauá a Petropolis; *João Detzi*, professor, depois militar, major honorario do exercito, serviu na guerra do Paraguay e morreu em Goyaz a 17 de março de 1881, commandando um presidio, etc.

DINAMARQUEZES

Entre dinamarquezes, *Pedro Guilherme Lund*, grande sabio paleontologo, nasceu em Copenhague a 14 de julho de 1801 e falleceu em Lagoa-Santa (Minas Geraes) a 5 de maio de 1880, tendo chegado ao



Laplace



Laplace



Laplace



Laplace



Laplace



Laplace



Laplace



Eschschaefer



Norton



Grenfell



Cochrane



Marjolis



Jarvis



Taylor

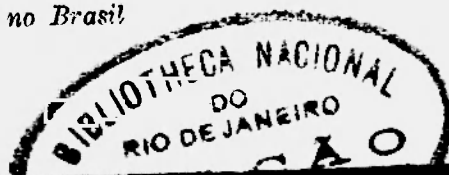
1082

Brasil em 1827; as suas descobertas e os seus estudos, publicados de 1837 a 1845, causaram grande impressão no mundo scientifico; *Martinus Hoyer*, estabelecido no Maranhão, muito escreveu para dar boa orientação ao systema financeiro do Brasil, combatendo com grande energia o papel-moeda, economista distincto; *Theodoro Langgaard*, acreditado medico, residiu longos annos em Campinas, publicou um *Dictionario de Medicina* e formularios quasi tão populares como os de Chernoviz, e a biographia do seu compatriota dr. Lund, falleceu no Rio de Janeiro a 31 de outubro de 1883; *J. Reinhardt*, botanico, estabelecido em Campinas, onde deixou familia conceituada, tratou dos vegetaes mais communs aos campos e chapadões do Brasil, etc.; *Alexandre e Olavo Hummel*, irmãos, naturalista um, engenheiro outro, homem de eminente saber, o primeiro.

RUSSOS

Entre russos, *João Adão de Krusenstern*, almirante, viajou o mundo inteiro, deu bellissima descrição do formoso porto do Desterro (Santa-Catharina); *barão de Langsdorff*, de origem allemã, explorador, sabio naturalista, escreveu o primeiro guia do immigrante no Brasil em 1821, traduzido em portuguez no anno seguinte por Sam Paio, foi chefe da desventurada expedição que tomou o seu nome, e visitou grande parte de Mato Grosso, falleceu em 1852, tendo perdido a razão desde 1828; *barão de Karwinski*, que viajou pelo Rio de Janeiro em 1827; *Rubzoff*, astrónomo, membro da commissão Langsdorff, determinou muitos pontos geographicos de Mato Grosso citados por Augusto Leverger, etc.

3 V. DE TAUNAY — *Estrangeiros illustres e prestimosos no Brasil*



1827
1845

ITALIANOS

Entre italianos, *dr. Luiz Vicente de Simoni*, medico muito conhecido, um dos fundadores da Academia de Medicina, verzejador copiosissimo, traductor de muitos libretos lyricos, professor do Collegio de Pedro II, falleceu no Rio de Janeiro em julho de 1881; *dr. Persiani*, barão de Itaóca, consul do Brasil em Genova, depois de longa estada no Rio de Janeiro; *dr. Ferrari*, autor de muitos livros e opusculos em que transparecem bellas intenções, afogadas em phrase confusa; *João Baptista Libero Badaró*, infatigavel e ardente propagandista, assassinado em São Paulo na noite de 20 de novembro de 1830; foi elle que exclamou, ao sentir-se ferido: *morre um liberal, mas não morre a liberdade!* palavras gravadas no seu tumulo; *dr. Ignacio Achilles Betholdi*, homem de grande intelligencia, mas de idéas e theorias violentas, clinico em Campinas e depois em S. Paulo onde se notabilizou pela campanha em prol da hospitalisação dos leprosos; *Nicolau Facchinetti*, pintor paizagista; *E. De Martino*, notavel pintor de marinhas e assumptos navaes de guerra; *Stalloni*, *Angeto Agostini*, bom pintor de retratos e famoso caricaturista da *Revista Illustrada*; o desenhista *João Baptista Castagnello*, o pintor de flores *João B. Pagani*, os decoradores *Taglibue* e *Picozzi*, o retratista *Giuliani*, o decorador do Palacio de S. Christovam, *Bragaldi*, o pintor militar *Panini*, e seus contemporaneos *Santoro* e *Biagini*; *Lucca*, architecto, construiu o bello templo de S. Fidelis (Rio de Janeiro), cujo interior é afeiado por pinturas ridiculas; *Giuseppe Radde*, botanico illustre, estudou uma das familias phy-

tologicas características da nossa flora — *melastomaceae* — (1828), deu a enumeração das especies de pipe-
raceas recolhidas nas suas viagens pelo Brasil; *Za-*
mith, outro sabio naturalista; *André Comparetti*, nome
citado na quinographia brasileira; *João Casaretto*, ou-
tro botânico (1842); *Foggia*, medico de nota estabe-
lecido em Goyaz, onde viveu larguissimos annos;
Bartholomeu Rossi, viajante, foi a Mato Grosso em
busca dos thesouros dos Martyrios e publicou, em
1863, o seu *Viaggio Pintoresco* com algumas gra-
vuras; tratando de Cuyabá traz o retrato de Augusto
Leverger, cujas qualidades e talentos exalta; os mu-
sicos *Mazziotti*, professor de piano do Sr. D. Pedro II;
Giannini, primeiro director da Opera Nacional e *Fio-*
rito, mestre da Capella Imperial muitos annos, com-
positor fecundo, ainda que banal, fallecidos no Rio
de Janeiro; *Briani*, professor de canto muito estimado
e autor de uma *Historia da Pintura* (manuscripto), em
que consumiu largos periodos de vida, fallecido no
Rio de Janeiro em 1888; *Vicente Cernicchiaro*, distin-
cto violoncellista e autor de uma historia da mu-
sica no Brasil; *Orlandini*, excellente professor de es-
grima da Escola Militar da Praia Vermelha, homem
de fina educação, aceito sempre na melhor socieda-
de fluminense; *José Maserata*, nomeado bispo de Mato
Grosso e padre em extremo querido e popular em toda
aquella região, deixou de ter confirmação n'esse alto
cargo, por ser estrangeiro; *fr. Marianno de Bagnaia*,
notavel evangelizador do sul de Mato Grosso; *Antonio*
Bordo, autor do consultado dictionario italiano-portu-
guez; *Ceroni*, traductor da *Confederação dos Ta-*
mouos de Magalhães; *padre Esmerat*, prestou o mais
philantropico e extraordinario concurso na rendição
dos defensores de Humaytá, na guerra do Paraguay;
Baptista Pozo, valentissimo piloto da *Belmonte* na
batalha naval de Riachuelo. «Ferido gravemente, diz

a parte official, só dava attenção ás manobras do seu navio, embora todo coberto de sangue»; *Eugenio Rodriguez*, notavel hydrographo, autor de trabalhos valiosos sobre nossas costas; frei *Raphael Tuggia* e *Luiz de Cemitille*, incansaveis missionarios de indios no Brasil, deram relação dos costumes e lingua dos seus catechumenos; *João Pedro Gay*, vigario de São Borja, escreveu longa e valiosa historia das Missões, digna de acurada leitura; *João Antonio Galuci*, engenheiro, muito serviu o Piauhy, etc. *Ercole Foggia*, distincto pharmaceutico e philantropo, esteve mais de 40 annos no Rio de Janeiro, onde falleceu a 25 de maio de 1890.

BELGAS

Entre belgas, *João Claussen*, botanico; major *Carlos van Lede*, autor de excellente estudo, principalmente no ponto de vista geologico, sobre Santa-Catharina; *van Erwen*, deu noticia de animaes fosseis na provincia do Rio de Janeiro, onde fundou numerosa e respeitavel familia; *Ladislau Paridant*, occupou-se com questões de navegação entre o Brasil e a Europa; conde *A. van der Statten Ponthes*, publicou *Le Budget de l'Empire*, em que analysou os recursos do Brasil e os interesses da emigração e do commercio europeus (1854), 3 vols.; *mme. van Langendonck*, autora da tão interessante obra sobre o Rio Grande do Sul, *Une colonie au Brésil*; *Eduardo Pécher*, fallecido a 26 de julho de 1892; *Walther de Selys Longchamps*, publicou a sua sympathica relação, *Notes d'un voyage au Brésil*; dr. *Luiz Cruls*, astrónomo de notavel valor, director do nosso Observatorio Nacional; *Carlos van Lede*, geologo.

POLACOS

Entre polacos, *conde de Roswadowski*, engenheiro, habitou larguissimos annos o Rio de Janeiro, onde falleceu, autor de muitos planos e memorias; a mulher compoz uma opera lyrica, que foi cantada no Theatro Nacional; *André Przewodowski*, naturalista, engenheiro, explorador e geologo; tenente coronel *Chsdasiewicz*, prestou bons serviços na guerra do Paraguay, sempre prompto para perigosos reconhecimentos como engenheiro militar.

HOLLANDEZES

Entre holandezes, *C. J. Wylep*, consul no Rio de Janeiro durante muito tempo, escreveu varias brochuras sobre immigração; *Netzcher*, viajante, naturalista, historiador das guerras de Pernambuco no periodo do dominio bätavo; *Waldropp*, engenheiro hydrographico, muito se occupou com a barra do Rio Grande do Sul, applaudindo os planos do engenheiro brasileiro Honorio Bicalho; *van Delden Laerne*, autor de notavel inquerito sobre o nosso café; *Fernando Krümholtz*, optimo retratista, etc.

HESPAÑHOES

Entre hespanhóes, *d. Manoel Fernandez Solér*, de Vigo, publicou *Estudos sobre o Brasil*; *Antonio Diodoro de Pascual*, fallecido a 25 de setembro de

1874, no Rio de Janeiro, onde se estabelecera em 1852, pedindo carta de naturalização, 1.º official da secretaria dos negocios estrangeiros, autor do romance em 4 vols. *Morte Moral*, e de muitas obras de defesa á patria de adopção; usava do pseudonymo de Adadus Calpe; *José M. Villaronga*, autor de retratos e decorador; *Canizares*, fundador da Academia de Bellas Artes da Bahia; *Garcia y Vasquez*, paizagista etc.

SUECOS

Entre suecos, *André Regnell*, que morreu em 1884, tendo residido desde 1843 em Minas Geraes; *Salomon Hensshen*, viajou por Minas em 1869 e deixou uma monographia das piperaceas, apreciada; *Aljomar Musem* aqui esteve em 1860 — todos botanicos de nota; *Widgren* consul em S. Paulo largos annos; *C. Lindmann*, botanico; *Ackerblom*, professor de linguas orientaes do Sr. D. Pedro II; *Henrik Rosen*, muito tempo estabelecido em Campinas (São Paulo), grande entusiasta do Brasil, de que foi consul em Stockolmo, fallecido a 5 de janeiro de 1892; *Alberto Löfgren*, eminente botanico etc.

PORTUGUEZES

Entre portuguezes, *Antonio Corrêa de Lacerda*, grande naturalista, autor da *Phytographia paraense e maranhense* (1821 a 1852); *Bernardino Antonio Gomes*, botanico, o classificador da mangaba (*hancornia speciosa*); *Godois Torres* e *Caetano Cardoso* (1813)

botanicos; *José Vieira e Azevedo Coitinho*, mineralogistas, (1804); *Vandelli*, mestre de botanica e historia natural de D. Pedro II; *conde de S. Salvador de Mattosinhos*, capitalista, espirito altamente caritativo e estimavel; *conde da Estrella*, capitalista industrial, organisou as Docas de Pedro II, cujo edificio, maravilha de construcção hydraulica, foi feito pelo eminente engenheiro André Rebouças, gloria da sciencia brasileira; *Ramalho Ortigão*; *Gonçalves de Araujo*, philanthropo eminente; *Augusto Emilio Zaluar*, inspirado poeta, fecundo escriptor; *José Feliciano de Castilho*, literato, jornalista, muito envolvido, durante certa época, na politica do paiz; attribuem-lhe o parecer sobre o projecto Rio Branco (lei do ventre livre); *Manoel Moreira de Castro* e seu sobrinho *dr. Luiz de Castro*, prestigiosos redactores do *Jornal do Commercio*, este ultimo tambem operoso literato, traductor cuidadoso da extensa obra de Roberto Southey, fallecido no Rio de Janeiro a 7 de maio de 1888; *Fernando Castiço*, escriptor; *Eduardo de Lemos* e *Manoel de Mello*, prestimosissimos; *Wenceslau Guimarães*, mentalidade sobremaneira larga e esclarecida, socio fundador da Sociedade Central de Immigração, na qual demonstrou a profundeza dos seus conhecimentos e o inexcedivel amor ao Brasil, fallecido no Rio de Janeiro a 14 de novembro de 1890; *Carlos Reinaldo Montóro*; *Corréa Moreira* e *Domingos Maria Gonçalves*, escriptores e jornalistas laboriosos; *Henrique Kopke*, dedicado educador e muitos outros bem conhecidos e presentes á memoria de todos. E tantos e tantos mais, sobretudo bemfeitores das instituições philanthropicas de toda as regiões do paiz, que haviam tomado como segunda patria.

AMERICANOS DO NORTE

Entre americanos, *David Jewet*, official de marinha, muito distincto nas guerras da Independencia e do Rio da Prata; *Kidder* e *Fletcher* compuzeram a obra *Brasil and the Brazilians* (1857), que tem tido successivas edições: *Ballard S. Duns*, viajante escriptor (1866); *Thomaz Ewbank*, viajante; *Myers*, collaborador do livro *Life and nature under the tropics*; *Milne Roberts*, notavel engenheiro, fallecido no Rio das Velhas (Minas Geraes); o sempre lembrado professor *Carlos Frederico Hartt*, nasceu no Canadá, mas viveu sempre nos Estados Unidos, onde foi professor numa das suas Universidades, fallecido no Rio de Janeiro em 1878, trabalhador indefesso, notavel pelos seus trabalhos ethnologicos, linguisticos e em sciencias naturaes; *Orville A. Derby*, illustre geologo; *Herbert Smith*, viajante e explorador de Mato Grosso; *John C. Branner*, o illustre geologo; *Dr. Horacio Lane*, notavel educador, etc.

* * *

Quem, ainda mais e por fim, sobrelevou em emi-
nencia e constancia de serviços os brasileiros ado-
ptivos do § 4.º, art. 6.º da antiga Constituição, os
visconde de Abaeté, *José Clemente Pereira*, *Couti-
nho*, o illustre regente do Imperio senador *Nicolau
Vergueiro* e tantos vultos politicos, os generaes *Lecór*,
Andréa, *Daniel Pedro Muller*, *Cunha Mattos*, almiran-
tes *Inhaúma*, *Angra*, *Barroso*; officiaes de mar e
terra, *Wandenkolk*, *Alincourt*, *Bellegarde*, etc.?

E menção especial se fará ainda aos que deveu o nosso paiz ao principe illustre que *ex vi* de lei especial adquiriu a cidadania brasileira pelos seus desponsorios com a Princeza Imperial: o Marechal de Exercito Conde d'Eu, generalissimo de nossas forças na phase final da campanha do Paraguay onde prestou os serviços assignalados que todos conhecem.

* * *

Não ha duvida possivel, muito deve o Brasil aos estrangeiros que vieram estabelecer-se em seu seio ou delle fizeram motivo de estudos e investigações, visitando-o e viajando pelas suas vastissimas zonas, alguns illustres, muitos prestimosos, todos activos, energeticos, amigos do trabalho e de coração dedicados ao progresso e á grandeza desta bella parte do continente americano.

Dr. LUIZ COUTY

SCIENTISTA ILLUSTRE E PRESTANTE SERVIDOR
DO BRASIL

(1854 - 1884)

Infelizmente para as sciencias, infelizmente para o Brasil e para a sua patria, a França, bem curta foi a preciosa existencia que é motivo deste brevisimo esboço biographico, antes singela enumeração de factos a symbolisarem outras tantas victorias do talento e do trabalho, do que apreciação philosophica e exacta de uma vida tão limitada em seu percurso, quanto admiravelmente preenchida em todas as suas phases rapidas e brilhantes.

Talvez mesmo seja caso de concisão.

Um dos mais notaveis e uteis estrangeiros que, chegados a este paiz americano, a elle dedicaram as melhores forças do corpo e as mais calorosas energias da alma, bastará, de certo, a simples relação do que pôde Luiz Couty fazer, aqui e na Europa, para de prompto dar a conhecer o seu immenso valor moral, a grandeza das esphas abrangidas pelo seu espirito, a possança indagadora da sua intelligencia e o muito que o mundo d'elle devêra esperar, se a morte lhe não tivesse logo tolhido o passo.

Difficil será, com effeito, encontrar-se quem, nos mais variados circulos do entendimento humano e em tão apertado prazo, mais tenha produzido, mais investigado, mais conseguido. Na vigorosa phrase de um dos seus biographos, o dr. d'Arsonval, parece que a natureza, receiosa de vêr por elle desvendados muitos dos seus segredos, se apressou em aniquilal-o!

I

Nasceu o dr. Luiz Couty em Nantiat, perto da cidade de Limoges, departamento do Alto Vienna (França) a 13 de Janeiro de 1854. Oriundo de familia respeitavel mas pouco abastada, fez, com applauso, os seus estudos secundarios em Dorat, recebendo a carta de bacharel em letras no anno de 1871, aos dezesete annos, apenas, de idade. Um anno depois, em 1872, formou-se bacharel em sciencias e, após notabilissimo concurso, conseguiu o lugar de assistente interno do hospital de Limoges.

Pouco tempo lá se demorou, pois em 1873 eil-o já em Pariz, a portentosa capital, empenhado de corpo e alma na lucta pela vida. Apresenta-se candidato a uma das vagas do hospital do Val de Grâce e, recémchegado da provincia sem protectores e nem sequer simples conhecidos, é, entre quatrocentos candidatos, collocado em sexto lugar! Em seguida, occupa diversos cargos de melindrosa clinica em outros estabelecimentos e, em 1875, sustenta these de doutor, a qual foi, a um tempo, corôada pela Faculdade de Medicina de Pariz, pela Sociedade de Cirurgia e pela Academia de Medicina.

Que radiosa estréa de carreira! Raros a terão tido nos annaes da sciencia.

Enthusiasta do grande Claude Bernard e discípulo predilecto do eminente Vulpian, cujos passos fôra seguindo de perto e de cuja estima justamente se gloriava, Couty, na posição nova que conquistara a poder de enormes esforços e sacrificios, achou-se, d'entre em breve, em opposição aberta a um chefe seu, o director do hospital de Saint-Martin. Era este declarado adversario da escola experimental e não perdia ensejo de manifestar feroz e odiento antagonismo ás idéas e investigações do subordinado, que ousadamente se alistára entre os mais adiantados combatentes dessa nova escola.

Em duas occasiões, bem a claro se accentuou aquelle rancor; uma, negando ao joven medico licença para ir assistir aos ultimos momentos e ao enterro do velho e adorado pai, em Nantiat — ferrenha e injustificavel prohibição, que o prejudicado soube vencer com a maior hombridade e pondo em jogo todos os impetos da indignação — outra, buscando, a todo transe, impedir que fosse pleitear a cadeira de professor adjunto da Faculdade de Medicina de Pariz. Allegava não o achar sufficientemente preparado para tão tremenda prova e, em vespéras do concurso, destacou-o para Bourbon-les-Bains.

Couty recalcitou. Exigiu a sua demissão, não lh'a deram; protestou e, só depois de muitas passadas e reclamações, obteve justiça e dispensa daquella intempestiva e acintosa commissão. Desmascarou então com vehemencia a guerra que soffria e confundiu os gratuitos detractores pela incontrastavel proficiencia, que á saciedade demonstrou em prelecções publicas e decisivas.

Foi classificado em primeiro lugar!

Triumphára, de certo; mas quantos odios não suscitára contra si, quantas prevenções e invejas!...

Nesse tempo, em junho de 1878, o sabio e ve-

nerando Vulpian recebera do Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, incumbencia de escolher quem, no seu conceito, estivesse mais no caso de bem reger a cadeira de lente de biologia applicada na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Não podia o abalisado mestre esquecer o destemido luctador, cujos rapidos progressos fôra com vivo interesse acoroçoando, dirigindo e applaudindo sempre.

Propõe o lugar a Luiz Couty. Este o aceita com reconhecimento e entusiasmo; pede, sem vacillar, demissão de adjunto á Faculdade de Medicina de Pariz; dá um pulo á aldeia natal; abraça a mãe e as irmãs; chega a Bordeaux; embarca num dos transatlanticos e parte para a America, alvoroçado de esperanças e immensos planos, como que a conquistar terras virgens e necessarias á completa expansão do seu genio e da sua gloria.

II

Recebido com certa prevenção no Rio de Janeiro, atirou-se Luiz Couty sem demora ao trabalho e alcançou logo assignalado posto no seio da sociedade fluminense tornando-se saliente pela facilidade da palavra e a firmeza dos conhecimentos technicos.

Modesto sem timidez, desenvolvendo actividade e usando de dicção incisiva e fórmulas originaes e attrahentes, fez repetidas conferencias publicas sobre assumptos da sua especialidade; chamou a si a attenção dos mais conceituados e populares medicos do paiz e, sahindo do circulo que parecia prendel-o pela natureza dos estudos, tão arduos quanto exclusivistas e absorventes, não tardou a encarar de frente os

problemas sociaes do Brasil que, pela sua complexidade e importancia, lhe impressionaram mais fortemente o espirito, avido de arcar com difficuldades correspondentes ás multiplas e valiosas forças de accção.

Como que de proposito, ajudava essas tendencias a materia que lhe cumpria ensinar, pois ministrava largo campo á explanação de concatenadas theses, quer no sentido méramente scientifico, abstracto e de investigação experimental, quer no da applicação immediata ás necessidades e aspirações do organismo social.

E, de facto, nada lhe podia quadrar melhor, com os elementos de que já dispunha e manejava como projecto operario, do que o estudo da vida em todas as suas manifestações e consequencias.

A um tempo, esquadrihava Luiz Couty, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, os menores segredos da conformação da massa encephalica de muitas dezenas de animaes, desde os anthropomorphos até aos reptis inferiores, como, em artigos na imprensa diaria, ou em brochuras e folhetos, acompanhava e apreciava com agudeza os factos variadissimos da sociedade organizada, as suas conveniencias moraes e materiaes, os seus destinos, emfim tudo quanto representa as mais elevadas funcções e a mais ampla conquista do cerebro humano.

E, exactamente naquelle período, a nação brasileira entrava numa phase perigosa e febricitante, vendo-se, do modo mais imperioso, a braços com o problema da transmutação do trabalho e da abolição da escravidão, cuja solução não se apresentava facil nem serena ao espirito publico.

Manejava Couty o bisturi de atilado experimentalista e meditava nas mais sérias elocubrações do philosopho e do economista.

Só deixava o laboratorio pelo gabinete; e se desprendia e levantava os olhos do facto analytico, depois de tel-o aprofundado com assombrosa perspicuidade por entre os meandros da acautelada e mysteriosa natureza, era para contemplar em synthese o mundo moral e nelle continuar a desenvolver todas as observações biologicas, sujeitando-as aos factores novos que emanam do valor e da perfectibilidade pensante do homem.

Nas suas viagens pelas provincias do Rio Grande do Sul e de S. Paulo, pôde Luiz Couty devidamente encarar as duas mais graves questões que então se agitavam no Brasil — escravidão e immigração. Colhendo minuciosos dados, já estatísticos, já de simples informações, não raro tanto mais exactos, preciosos e significativos, quanto a origem era humilde, pois buscava sempre e de preferencia interrogar homens do sertão e escravos, descreveu o arguto sabio a situação do paiz com toda a justeza e imparcialidade, ferindo os pontos delicados; mostrou as exagerações, não só daquelles que exigiam progressos repentinos, como dos emperrados e teimosos; fez justiça a quem a merecia, ora dando razão ao fazendeiro, ora o censurando; collocou-se acima das paixões do momento; sustentou sem temor nem acrimonia polemicas; propoz soluções e systemas de transformação, e isto tudo com uma facilidade, uma rapidez de comprehensão, por meio de combinações positivamente estupendas e que enchiam de crescente admiração quantos, mais de perto, lhe acompanhavam os surtos e planos de futuro.

Salientavam-se, entre estes, dois energicos batalhadores na grande scena da vida — Goffredo Taunay e Silva Telles⁽¹⁾ — espiritos preparados para

(1) Drs. Luiz Goffredo d'Escragnolle Taunay e Augusto Carlos da Silva Telles.

receberem as lições e os conselhos de Luiz Couty, que por seu turno pôde com orgulho applaudir uma notavel invenção desses habéis engenheiros brasileiros, até hoje mal apreciada, mas que deveria ter sido aproveitada como importantissimo auxiliar e propulsor do trabalho livre e racional⁽¹⁾.

Era de vêr-se a união intima, toda repassada de gozos scientificos, em palestras interminaveis, daquelles tres amigos, tres luctadores indefessos... E o chefe, cedo, bem cedo, devia cair para sempre!

Aliás, no meio das incessantes preocupações do irrequieto espirito, na anciosa febre que o impulsio-
nava cégamente para exagerados esforços intellectuaes, em sua superioridade de homem que sabia quanto já valia, era o trato de Luiz Couty mais possivel ameno, cordial, meigo, a lhe angariar por toda a parte promptas sympathias e sinceras affeições.

III

Em serviço do governo e no desempenho de commissão, voltou uma vez á Europa e, em Pariz, teve occasião de defender o Imperio americano de accusações, tanto mais graves e dolorosas, quanto eram feitas por pessoas dignas de todo o respeito pela lealdade das convicções anti-escravagistas, notoriamente o senador Schoelcher.

O ardor, a fé, a espontaneidade e proficiencia, com que Couty sem demora acudiu em prol do Brasil, mostraram bem que pelo coração já se sentia

(1) O seccador de café Taunay-Telles.

Em todas as fazendas em que foi montada esta machina, uns dez annos já passados, prestou e ainda presta excellentes serviços (1897).

ligado a uma patria nova, quasi tão estremecida como aquella em que nascêra e tanto sabia honrar.

E, com effeito, nada excedia os arroubos e eloquente entusiasmo com que, nos momentos de expansão e a prognosticar-lhe grandioso futuro, falava desta terra e do porvir que a esperava, uma vez desprendida das peias que lhe constrangiam o incremento e adoptadas as medidas largas e generosas, que a nossa evolução natural já ia aceitando, embora com lentidão impacientante para quem quizera marchar um tanto mais rapida e desassombradamente.

Desnecessarias, porém, as convulsões sociaes, as viravoltas radicaes politicas, sempre aleatorias e conturbadoras, a parada brusca na sua marcha gradativa e ascensional, amparada pelo regimen monarchico que tinhamos, tão bello e dignificador quanto seguro e bem ponderado, e que tanto a havia protegido dos azares da sorte e feito progredir.

«No Brasil, (1) dizia em 1884, o caminho é facil e o terreno está muito bem preparado para se alcançarem rapidos progressos. Que é preciso a bem do triumpho? Querer, querer de continuo e sem impaciencia, querer com decisão e tenacidade, querer o todo e os detalhes e sobretudo não se deixar estorvar e deter pelos vãos preconceitos que o nativismo resume todos em si, embora os revista de mil formas diversas.

«Se se quizer, o Brasil ha de evoluir sem luctas violentas nem revoluções, ficando sempre o mesmo Brasil; transformar-se-á por ser mais povoado, mais activo, mais forte e, daqui a trinta e oito annos, poderá celebrar o centenario da sua independencia, mostrando ao mundo um paiz sabio e lentamente, aberto a todas as raças de homens, unido,

(1) *O Brasil Novo* (22 de maio de 1884).

cheio de patriotismo e para o qual os principios de liberdade, igualdade e solidariedade não foram palavras ócas sem applicação pratica».

No dia 19 de novembro de 1883 se fundára no Rio de Janeiro a *Sociedade Central de Immigração*, mais ou menos nos moldes do vasto e fecundo programma de Luiz Couty. Tambem quantos incitamentos não lhe merecia aquella inolvidavel Associação, que tanto trabalhou desde o dia da sua sessão primordial até começos de 1890?!

E sejam estas linhas, incluídas no esboço biographico de um grande pensador sinceramente devotado ao Brasil, saudosa homenagem a esse valente grupo de homens a que a posteridade saberá fazer justiça e em que tive a honra de collaborar ao lado dos prestigiosos e inesqueciveis Beaurepaire Rohan e Wenceslau Guimarães, já partidos deste mundo, ⁽¹⁾ do philantropico André Rebouças, o nobilissimo exilado voluntario de Funchal, dos tão prestimosos Carlos Raynsford, David de Sanson, Saturnino Gomes, Ferreira de Araujo, H. Gruber, Octavio Haupt, a nos esforçarmos todos, na mais ingente e enthusiastica propaganda, em prol da immigração européa, do casamento civil, secularisação dos cemiterios, liberdade de cultos, grande naturalisação, lei de terras, leis Torrens e do *homestead*, revogação do Rescripto von der Heydt, e dos contractos de locação de serviços, attendendo, ainda mais, a um sem numero de medidas complementares e, ao mesmo tempo, impulsioando a extincção da escravidão e repellindo com a maxima energia a introdução de chins e *culis*, como elemento ethnico mau, pernicioso, inassimilavel.

(1) O visconde de Beaurepaire Rohan falleceu a 10 de julho de 1894. Nascera a 12 de maio de 1812, no Rio de Janeiro.
Wenceslau Guimarães falleceu a 14 de novembro de 1890.

Que campanha tremenda e gloriosa! Que batalhar de todos os dias e instantes!

Na sustentação daquellas idéas, na propagação de principios tão justos, sensatos, quasi intuitivos, contavamos, em primeiro lugar, com Luiz Couty, e jamais a sua penna ardente e operosissima nos regateou auxilio prompto e efficaz.

Quanto esforço, porém, em tudo isso!

E' que não basta proclamarem-se verdades, para que os outros as aceitem. Levantam-se logo teimosas resistencias, de todos os lados surgem tropeços, alguns naturaes e desculpaveis, outros absolutamente absurdos e inesperados, mas todos capazes de gastar as organizações mais robustas e mais adequadas a renhidos combates.

Como já dissemos, no problema vital para os destinos do Brasil — a transformação do trabalho — concentrára elle toda a attenção; dahi, essa esplendida serie de artigos que posteriormente reuniu em volume — *Le Brésil en 1884* — livro cheio de apreciações geniaes, observações agudissimas, conselhos amadurecidos, livro impressionista quanto possivel, mas de alcance legitimamente scientifico; e tudo num estylo limpido, convincente e com despreocupação completa da fórmula, o que, de certo, lhe incute mais um encanto e traz surpresas ao leitor, preso áquellas paginas palpitantes de vida e de interesse, escriptas dia a dia e, para assim dizer, sobre a perna.

Tudo isto, porém, não se prega impunemente. Couty teve dolorosa experiencia; mas não era dos que com facilidade se dobram e desanimam. De encontro a grandes obices, centuplicadas as forças, não descansava enquanto os não derrocava. Assim, na constituição de uma sociedade commanditaria para custear o *Messenger du Brésil* e fundar a *Revue de France et du Brésil*, que deviam dar o devido elas-

terio á propugnação de todas as theses uteis ao desenvolvimento da immigração e da gradual extincção do elemento escravo, considerado instrumento de trabalho deficiente e nocivo.

Em fins de julho daquelle anno de 1884, viu quasi plenamente realizados os seus desejos; mas já então sentia certos symptommas que o inquietavam: debilidade physica quasi insuperavel, oppressões, exigencias do corpo ao repouso, a lhe empecerem a comburente e vertiginosa actividade intellectual, que esta lhe não consentia tregoa.

Era a natureza que reagia contra o trabalho exhaustivo e instantes avisos dava ao espirito soffregos só de caminhar, caminhar sempre para diante e quanto mais depressa possivel.

No seu rosto expressivo, em que outr'ora se estampavam as vivas côres da saude e da mocidade, já se liam os signaes de fundo alquebramento e prenuncios de grandes devastações internas.

Nem por isto, porém, julgava Couty dever tomar por conta propria algum descanso. Calculava tel-o à bordo na viagem transatlantica, que pretendia fazer para Europa em meados do mez de novembro, afim de apresentar á familia a bella e adorada mulher, que unira á sua sorte em fins do anno de 1883.

Basta dizer-se que, affectado de uma pneumonia, quasi diariamente descia da Tijuca, onde estava nos ultimos tempos residindo, para vir á typographia do *Messenger du Brésil* escrever artigos e corrigir provas!

Tambem, quando cahiu prostrado no leito, não houve sciencia de medicos, não houve angustias e dedicação de esposa e amigos, que o salvassem e, ás dez horas e quarenta e cinco minutos da noite de 22 de novembro de 1884, depois de breve agonia, soltou o ultimo suspiro.

As suas derradeiras palavras foram: *Allons, c'est bien fini!* proferidas com a convicção e serenidade do profissional, que lavra sentença fatal e irrevogavel e se inclina perante mais uma victoria da morte!

E, de facto, até aos extremos instantes de vida ainda prescrevia medicamentos para si e com os dedos já hirtos e frios procurava no quasi extinto pulso seguir os progressos da destruição naquelle organismo, que tanto se agitara e tanto resistira.

E não tinha senão pouco mais de trinta annos de idade!

IV

Eis, em pallido e desalinhado resumo, a existencia de Luiz Couty a cuja morte acompanhavam manifestações do mais acerbo pezar. A imprensa toda do Rio de Janeiro, em sentidissimas phrases, lamentou a desaparição de tão illustre pensador, salientando-se a eloquente pagina que, em editorial da *Gazeta de Noticias*, escreveu Ferreira de Araujo. Em Pariz, causou a sua morte profunda impressão, sendo motivo de triste menção em todas publicações scientificas, que dedicaram longos elogios biographicos ao imperterrito lidador, de repente cahido no ardor do grande combate em prol da sciencia.

Aberta uma subscrição na *Gazeta de Noticias* para o tumulo desse leal amigo do Brasil, sepultado no cemiterio de S. João Baptista a 23 de novembro de 1884, depressa se attingiu á somma necessaria para compra, não só da concessão perpetua do carneiro n. 832, como de formosa pedra marmore, em que foi gravada a seguinte e commovente inscrição:

ESTE MODESTO CANTO DA IMMENSA TERRA BRASILEIRA
PERTENCE
PARA TODO SEMPRE AO
DOUTOR
LUIZ COUTY
DOADO
POR MUITOS DOS SEUS ADMIRADORES E AMIGOS
COMO PROVA DE SAUDADE E GRATIDÃO
AO JOVEN E ILLUSTRE SABIO TÃO
CEDO ROUBADO AO BRASIL E
À
FRANÇA
SUA PATRIA
NASCEU AOS 13 DE JANEIRO DE 1854
FALLECEU
AOS 22 DE NOVEMBRO DE 1884

V

Do mesmo modo, que o nosso espirito só de prompto apprehende os resultados e estragos de sangrentas batalhas ou demorados sitios, vendo em synthetico quadro estatistico o numero de mortos e feridos ou de projectis arremessados contra a praça investida, assim tambem agora pasmará o leitor, deixando correr os olhos pela estupenda relação de trabalhos scientificos e sociologicos que, além de innumerous artigos na imprensa diaria, sahiram da pena de tão extraordinario ente, marcados, todos elles, com o cunho de uma intelligencia excepcional e consagrada exclusivamente á indagação da verdade e aos grandiosos problemas, que em todos tempos impressionaram os homens mais eminentes na historia da humanidade.

E' a seguinte a bibliographia:

1.º — NA SOCIEDADE DE BIOLOGIA DE PARIZ

- 1876 — Estudos experimentaes sobre a entrada do ar nas veias.
 — Acção dos anesthesicos no elemento peripherico nervoso.
 — Acção da parada encephalica nas funcções circulatorias.
 — Relações do encephalo com o systema sympathico. —
 Myelite aguda das corneas anteriores. — Purpura hemorrha-
 gica. — Perturbações vaso-motoras e thermicas por compres-
 são da medulla. — Papel trophico das radículas posteriores
 medullares. — Temperatura das partes periphericas nas mo-
 lestias febris.
- 1877 — Asphyxia por lesão do systema sympathico. — Acção de
 bolhas gazosas do sangue na circulação capillar. — Tumor
 do pedunculo esquerdo do cerebro. — Hemianesthesia meso-
 cephalica. — Influencia da excitação dos sentidos no coração
 e nos vasos. — Modificações cardio-vasculares produzidas pe-
 las excitações sensoriaes e emocionaes. (Estes dois trabalhos
 em commum com o preclaro Charpentier, sendo o ultimo pu-
 blicado pela Academia das Sciencias de Pariz).
- 1878 — Acção physiologica do mate.
- 1880 — Observações sobre a pretendida zona motriz do cerebro.
 — Excitabilidade mecanica do involucro do craneo. — Cura-
 rização progressiva; efeitos da excitação muscular pela acção
 do curare.
- 1881 — Perturbações motoras por lesão no cerebro do macaco e
 do cão. — Perturbações sensitivas e intellectuaes dependentes
 de lesões e experimentaes no cerebro do cão e do macaco.
 — Efeitos das lesões e excitações corticaes do cerebro. —
 Acção do veneno das cobras.
- 1882 — Caracteres communs do veneno das cobras e sapos. —
 Zona motriz do cerebro dos papagaios.
- 1883 — Acção dos alcooes na excitabilidade do cerebro. — Es-
 tado do pneumogastro denominado esgotamento. — Primeiro
 periodo de strychninisação. — Influencia do frio prolongado
 (com o dr. Guimarães). — Influencia do café na nutrição
 (com o dr. Guimarães). — Acção do café na composição do
 sangue.
- 1884 — Algumas funcções medullares no cão.

2.º — NA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE PARIZ

- 1878 — Investigações sobre a temperatura nas febres. — Inves-
 tigações sobre a acção physiologica do mate.

- 1879 — A não excitabilidade do involucro pardo do cerebro. — A acção do veneno do Bothrops jararacussú (com o dr. Lacerda). — Um curare novo, extrahido da planta *Strychnos triplinervia*. — Origem das propriedades toxicas do curare dos indios. — Comparação da acção de diversos curares nos musculos lisos e estriados (com o dr. Lacerda). — Caso num musculo liso.
- 1880 — Algumas condições da excitabilidade cortical do cerebro. — Fôrma e séde dos movimentos produzidos pela excitação cortical do cerebro. — A difficuldade de absorpção e effeitos locais do veneno do Bothrops (com o dr. Lacerda). — As reacções na zona chamada motriz nos animaes paralyzados pelo curare.
- 1881 — Natureza inflammatoria das lesões causadas pelo veneno do Bothrops. — Natureza das perturbações produzidas pelas lesões corticaes do cerebro. — Mecanismo das perturbações provenientes de lesões corticaes. — Acção do mate nos gazes do sangue (com o dr. d'Arsonval). — Mecanismo das perturbações motoras derivadas de excitações ou lesões das circumvoluções cerebraes.
- 1882 — Analogia dos effeitos das lesões centraes e corticaes do cerebro. — Acção do permanganato de potassio contra os accidentes do veneno da jararaca. — Acção convulsiva do curare. — Analogia e differenças do curare e da strychnina em relação á acção physiologica.
- 1883 — Origem medullar das paralyrias consecutivas a lesões cerebraes. — Bilateralidade dos movimentos de origem cerebral em varias especies. — Cruzamento dos movimentos de origem cerebral. — Estudo dos nervos sensitivos na intoxicação curarica. — Excitabilidade na superficie das partes fundas do cerebro.
- 1884 — Distribuição physiologica de duas classes de movimentos. — O mecanismo medullar das paralyrias de origem cerebral. — Acção do café na composição do sangue e as trocas de nutrição (com os drs. Guimarães e Niobey).

3.º — NOS ARCHIVOS DE PHYSIOLOGIA

- 1876 — Estudo sobre a influencia do encephalo nos musculos da vida organica e especialmente nos órgãos cardio-vasculares.
- 1877 — Pesquisas experimentaes sobre os gazes livres intra-arteriaes. — Investigações sobre os effeitos cardio-vasculares das excitações dos sentidos.
- 1879 — Seis experiencias de excitação do involucro pardo do cerebro nos macacos.

- 1880 — Indicações sobre a temperatura peripherica e as condições de variabilidade. — Curare, sua origem, acção, natureza, emprego (com o dr. Lacerda).
 1881 — As lesões do cerebro.
 1883 — O cerebro motor.
 1884 — Ainda o cerebro motor.

4.º — NA GAZETA DE MEDICINA E CIRURGIA

- 1876 — Purpura de origem nervosa.
 1877 — Um caso de tumor que destruiu o pedunculo cerebeloso inferior. — A hemianesthesia mesocephalica.
 1878 — Perturbações sensitivas de origem mesocephalica.

5.º — NA REVISTA SCIENTIFICA

- 1881 — A criação do gado na America do Sul. — Um alimento novo. — O mate. — O consumo da carne e conservas.
 1882 — O café.
 1883 — O curare.

6.º — LIVROS, BROCHURAS, PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

- These de doutoramento.* — Investigações experimentaes acerca da entrada do ar nas veias. (1875. — Paris. — G. Masson).
These de concurso na Faculdade de Medicina. — Terminação dos nervos na pelle. (1878. — Paris. — G. Masson).
Relatorio sobre uma primeira excursão á zona cafeeira de S. Paulo. (Rio de Janeiro. — 1879).
Os estudos experimentaes no Brasil. (« Revista Brasileira ». — 1879).
O mate e as carnes conservadas. (Rio de Janeiro. — 1880. — 242 pags).
Lição inaugural do curso de Biologia. (Rio. — 1880).
A machina de seccar café, systema Taunay-Telles. (1881. — Rio).
A escravidão no Brasil. (Paris. — 1881).
A propaganda, na Europa, do café e carne secca (com os drs. Taunay e Telles. — 1882. — Rio de Janeiro).
Biologia industrial. — *O Café.* (Rio. — 1883. — 176 pags).
A febre amarella. — *Estudos de hygiene social.* (Rio. — 1883).
O Brasil em 1884. (Rio. — 1884. — 416 pags).
O café, sua cultura, preparo, permutas e usos. (Rio. — 1884).

Ao todo, sem contar infimos artigos diarios, 92 trabalhos scientificos, muitos dos quaes excitaram a admiração de homens da estatura de Brown-Sequard, Vulpian, Charpentier e d'Arsonval, estes dois ultimos seus amigos e companheiros, que tomaram o honroso compromisso de publicar em volume a parte mais importante de toda a obra de Luiz Couty.

Era, aliás, a grande ambição do illustre experimentalista encerrar e concretisar todas as suas observações e pesquisas num livro sobre o cerebro e o systema nervoso, essa chave do organismo physico, humano e consequentemente social.

Do plano geral déra já Couty idéa, a 15 de Março de 1884, ao seu amigo Charpentier nos seguintes termos:

« Por mim, está tudo prompto. Primeiro jacto — 500 paginas da minha letra, que darão 800 de impressão. — Eis o que faço. Após uma lição de *vulgarisação*, que constitue o primeiro capitulo, entro no assumpto pelo estudo dos movimentos suppostos cerebraes e, nos tres capitulos posteriores, mostro como elles se produzem, bem como suas perturbações por meio do bulbo e da medulla ».

E depois de indicar a natureza das sensações *conscientes e inconscientes*, analysa as funcções psychicas, que estuda *methodica e progressivamente*.

« Percepções e idéas. Séde cerebral. Fórmulas conscientes, dependendo da associação do mesocephalo. — Natureza *emocional* e em seguida *social* da idéa e, a este respeito, a *linguagem*. — Formação da idéa.

« (A) — A hereditariedade, o instincto.

« (B) — A *educação* pessoal ou *adquirida*. Os factores physico-chimicos (*coma*). — Os factores biologicos (*somno*). — Os factores sociologicos (*loucura*). Desenvolvimento cerebral. — Resultantes: a personalidade, sua constituição e papel. — Variações da

personalidade; *alcooolismo, hysteria, paixões*. — O modo de proceder; escolha dos motivos ideativos ou sensitivos; *liberdade*.

«(C) — Associação das personalidades: *sociologia*.

«O plano é vasto, dizia Couty com sobranceira, mas indispensavel é comprehendel-o assim, para sahir dos pontos de vista restrictos, dos horizontes acanhados, das concepções mal definidas, emfim da balburdia, em que giram hoje todas essas questões.

«Tentarei mostrar, de encontro a Darwin, Spencer, Bain e tantos outros, que as leis biologicas não explicam os factos psychicos e sociaes. A' selecção natural contraporei a individualisação, a inversa da especie, e mostrarei que a selecção sexual desaparece ante as mil fórmãs da associação, mai se desenvolvam um tanto as funcções do cerebro.

«Acima dos factos psycho chimicos e biologicos, admitto terceira classe de factos, materiaes — está entendido — os *psychicos*, que coincidem com a *acção associada* de diversos orgãos, ou partes de orgãos nervosos centraes; e aos outros orgãos biologicos hereditarios opponho o *systema cerebral*, cujas funcções dependem da educação».

VI

Muitos projectos de elucidação scientifica ficaram assim inconclusos, ou simplesmente esboçados. De subito se embebeu nas trevas da morte o olhar que investigava já longe e ia descobrindo résteas de luz para si e para quantos, chegados mais tarde, se atirem ardentes ás grandes conquistas da verdade.

Não importa!

O progresso é filho primogenito da lucta.

Se, no assalto da temerosa cidadella, cahiu quem tomára o primeiro degrau da escada, subam outros; e mais tarde, os felizes, os coroados dos louros da victoria saibam erguer um hymno de amor e gratidão áquelles que deram de barato a vida com todas as suas commodidades e egoismos e na encarniçada pugna succumbiram a bem de todos e para honra da humanidade.

Nesse dia, o nome de Luiz Couty de certo não será esquecido, lamentando a sciencia, no contemplar frio e sereno das cousas, que com elle se houvesse realisado a flébil e meiga sentença de Pindaro: Felizes os que morrem moços!

AUGUSTO LEVERGER

ALMIRANTE BARÃO DE MELGAÇO

(1802 - 1880)

ANNUA BIOGRAPHICA

1802 — A 30 de janeiro nasceu em S. Malô (França) Augusto João Manoel Leverger, filho legítimo e primogenito de Mathurino Leverger e Regina (Reine) Combes.

1819 — A 1.º de maio partiu com o pae para a America do Sul, onde abraçou a carreira marítima.

1820 — Immediato da escuna franceza *Angelica*, embarcou, nesse character, no paquete *General Lecór*, em que fez varias viagens de cabotagem, podendo assim estudar cuidadosamente a hydrographia do Rio da Prata.

1821 — A 30 de abril perdeu a extremosa mãe, que ficara em França. Continuou a navegar nos rios Paraná e Uruguay e estuario do Prata.

1822 — Falleceu-lhe o pae em Buenos Aires.

1823 — Todo o anno passou-o em Buenos Aires, procurando liquidar os poucos haveres paternos, o que não conseguiu.

1824 — Tornou a bordo do *General Lecór*, onde ainda esteve varios mezes. Pediu afinal ser admittido no serviço da Armada brasileira, o que lhe foi

permittedo em virtude do aviso de 11 de novembro, com praça de 2.^o tenente em commissão, embarcando na fragata *Nicteroy*.

1825 — Promovido a 2.^o tenente effectivo por decreto de 26 de abril. Destacou da *Nicteroy* para a nau *Pedro Primeiro* a 26 de agosto, regressando áquella fragata a 17 de setembro.

1826 — Foi passado para a fragata *Thetis*, a 15 de novembro.

1827 — A 19 de abril foi para a fragata *Principe Imperial*. — A 12 de outubro teve promoção de 1.^o tenente pelò commandante-chefe da esquadra no Rio da Prata, em virtude dos actos de bravura e distincção especial em repetidos encontros. Passou para a fragata *Piranga* a 8 de novembro e a 21 voltou á fragata *Principe Imperial* — Confirmada a promoção, teve, a 13 de dezembro, o commando da bombardeira *Dezenove de Outubro*.

1828 — Representou brilhante papel no renhido combate da Ponta de Lara a 16 de julho, merecendo ser condecorado com a ordem do Cruzeiro por decreto de 18 de julho. — Distinguiu-se tambem muito na acção do Salado a 30 de agosto. — A 8 de setembro passou a commandar a corveta *General Dorrego*

1829 — Desembarcou daquelle navio no Rio de Janeiro. — Foi nomeado, a 15 de outubro, commandante das canhoneiras empregadas no rio Paraguay e ao serviço da provincia de Mato Grosso.

1830 — Em novembro chegou, pela linha fluvial dos rios Tieté, Paraná, Pardo, de um lado, e Camapoan, Coxim, Taquary, Paraguay e afluentes, do outro, a Cuyabá, onde, mezes depois, aproveitando os muitos lazeres, abriu uma aula gratuita de mathematicas elementares.

1831 — Por aviso de 1.^o de dezembro se decla-

rou que continuasse no exercicio do seu posto, visto haver collaborado activamente nas luctas do Rio da Prata.

1834 — Partiu em março de Cuyabá e apresentou-se ao Quartel General da Marinha a 29 de setembro.

1835 — Por aviso de 30 de janeiro teve um anno de licença. — Nomeado para embarcar na fragata *Campista* a 4 de abril, foi revogada a ordem em vista da licença em cujo goso se achava, como consta do aviso de 13 daquelle mez.

1836 — Apresentou-se em 30 de janeiro, concluida a licença. Por aviso de 14 de abril teve prorrogação dessa licença por mais seis mezes, sem vencimentos. Reformado no posto de 1.º tenente sem soldo, já por não ter tempo para a reforma, já por ser estrangeiro não naturalizado.

1837 — Novamente chamado ao serviço activo, foi, por aviso de 6 de julho, nomeado commandante das canhoneiras de Mato Grosso, ficando, por decreto de 6 daquelle mez, sem effeito a reforma que lhe fôra dada, devendo contar-se-lhe antiguidade da data do posto. Por aviso de 7 do mesmo mez foi declarado, que não só era encarregado da flotilha fluvial, como da exploração do rio Paraguay e de outros daquelle provincia. — Promovido, em 7 de setembro, a capitão-tenente, por decreto de 15 desse mez, mandou-se-lhe contar antiguidade deste posto desde 22 de outubro de 1836, data da anterior reforma.

1838 a 1840 — Desceu e explorou os rios Cuyabá, S. Lourenço e Paraguay. Fez duas viagens á fronteira do Sul.

1841 — Por decreto de 14 de junho, foi nomeado consul geral do Imperio na Republica do Paraguay, ficando dispensado da commissão que exercia em Cuyabá. Condecorado com a Ordem da Rosa por decreto de 18 de julho.

1842 — Em abril partiu para Assumpção, mas viu-se obrigado a regressar, porquanto as autoridades paraguayas não o deixaram passar além do forte Olympo. — Por decreto de 23 de julho, teve promoção de capitão de fragata. — Pelo aviso de 25 de agosto teve classificação na 1.^a classe dos officiaes da Armada.

1843 — Foi, por decreto de 20 de maio, exonerado do lugar de consul geral. — A 25 de outubro casou-se, em Cuyabá, com D. Ignez de Almeida Leite, viuva de Benedicto Leite. — Teve ordem de seguir até Assumpção a cumprimentar o presidente do Paraguay D. Carlos Antonio Lopez.

1844 — Apresentou-se em fevereiro, de volta a Cuyabá, seguindo para o Rio de Janeiro, chamado pelo aviso de 27 de janeiro. A sua apresentação ao quartel general da marinha foi a 5 de outubro. — Por aviso de 11 de novembro, teve, pela terceira vez, ordem de regressar á provincia de Mato Grosso a desempenhar as funcções, de que estivera encarregado. — A 13 daquelle mez prestou juramento de cidadão brasileiro, apresentando a sua carta de naturalisação a 25. — Por decreto de 2 de dezembro foi condecorado com o officialato da Imperial Ordem da Rosa.

1845 — Partiu, a 1 de janeiro, para Cuyabá, onde chegou nos primeiros dias de abril, tendo seguido viagem terrestre pela provincia de S. Paulo.

1846 — Recebeu, em começos deste anno, ordem de ir estacionar em Assumpção com duas canhoneiras á disposição do ministro brasileiro Pimenta Bueno. Explorou então o rio Paraguay até á confluencia com o Paraná.

1847 e 1848 — Completou os seus estudos hydrographicos relativos ao Alto Paraguay.

1849 e 1850 — Acompanhou os dois presidentes





Lavergon



Marière



Lucor



Barroso



Clemente Pereira



Inhauma



Libero Baêro

successivos Joaquim José de Oliveira e João José da Costa Pimentel nas digressões que fizeram ás fronteiras da Bolivia e do Paraguay, percorrendo, nessa ultima, parte do districto de Miranda.

1851 — Entrou, a 11 de fevereiro, no exercicio de presidente da provincia de Mato Grosso, cargo para o qual fôra nomeado por decreto de 7 de outubro de 1850. Recebeu a noticia dessa nomeação, quando se achava no forte de Coimbra.

1852 — Por aviso de 26 de janeiro, communicou-lhe o governo Imperial haver sido nomeado tambem commandante das armas da provincia. — Por decreto de 3 de março, foi promovido a capitão de mar e guerra. — Exonerado a 16 de novembro do commando das armas, declarou-se, a 3 de dezembro, essa exoneração sem effeito.

1854 — Foi, por decreto de 2 de dezembro, promovido a chefe de divisão (contra-almirante).

1855 — Sahiu de Cuyabá, a 1 de fevereiro, com destino ao forte de Coimbra e á fronteira da provincia, afim de apoiar, á frente das forças da provincia de Mato Grosso, a demonstração militar feita pelo chefe de divisão Pedro Ferreira de Oliveira contra o governo do Paraguay.

1856 — De 14 de fevereiro de 1855 até 10 de novembro do anno seguinte conservou-se estacionado naquelle presidio de Coimbra, vigiando e protegendo a fronteira. Em fins deste anno voltou a Cuyabá.

1857 — A 1 de abril passou a administração publica ao vice-presidente Albano de Souza Osorio, que tivera nomeação desse cargo desde 31 de março de 1843. Augusto Leverger administrou, desta vez, Mato Grosso por espaço de seis annos, um mez e dezoito dias. — Por decreto de 6 de junho, nomeado commendador da Ordem de S. Bento de Aviz. — Exonerado, por carta Imperial de 5 de setembro, do

cargo de presidente de Mato Grosso, e nomeado, a 22 daquelle mez, 1.º vice-presidente.

1858 — Foi reformado, conforme pedira, no posto de chefe de esquadra (vice-almirante) graduado, a 26 de maio, tendo, por aviso de 1 de outubro, licença para fixar residencia em Mato Grosso.

1859-1862 — Passou vida tranquilla no seio da familia, occupado sempre com os seus grandes trabalhos ou hydrographicos, relativos aos rios da provincia, ou concernentes ás fronteiras.

1863 — Como 1.º vice-presidente teve que assumir, a 12 de março, a administração por causa da partida do presidente Herculano Ferreira Penna. Entregou-a, a 15 de julho, ao 16.º presidente da provincia Alexandre Manoel Albino de Carvalho.

1864 — Instado pelo governo Imperial partiu, em outubro, de Cuyabá a explorar o districto de Miranda até a fronteira do Apa. Em dezembro estava de volta, obrigado a interromper aquella exploração pela entrada da estação das aguas fóra das habituaes previsões, o que foi providencial, porquanto, do contrario teria, nos ultimos dias de dezembro sido uma das primeiras victimas da invasão paraguaya. Correu, aliás, esta noticia no Rio de Janeiro, sobresaltando o governo e quantos apreciavam devidamente tão illustre servidor do Estado.

1865 — Em vista da violação do territorio brasileiro salteado por numerosas forças inimigas e da subida dos vapores paraguayos pelo rio Paraguay, ameaçando a capital, Cuyabá, que se possuira de terror panico, Leverger apresentou-se ao presidente Albino de Carvalho a 20 de janeiro para ir fazer frente ao inimigo, impedindo-lhe o passo no Melgaço, á beira do rio Cuyabá. Foi o serviço de maior relevancia prestado pelo benemerito cidadão, o ponto culminante da sua proveitosissima carreira. Incalculaveis,

na verdade, os effeitos do pavor, que se apoderára de toda a população: abandono da capital, sua occupação pelo inimigo, fugida de milhares de familias para os matos e sertões, perda de um sem numero de vidas, desbarato enorme de bens materiaes, alem da vergonha de toda a nação. Naquelle momento, foi Augusto Leverger o antemural de Cuyabá e de todo o Brasil. — No dia 21 de janeiro, sem se ter despedido da familia, chegou ao Melgaço á frente de um primeiro destacamento de 300 praças, elevado depois a cerca de 1.000 e, ás pressas, levantou fortificações passageiras, que os paraguayos não ousaram vir atacar. Em fins de março, passado o perigo das consequências do terror e mortal desalento, voltou, doente de febres, a Cuyabá, onde foi recebido como salvador da patria, no meio das mais delirantes aclamações. — Por decreto de 7 de julho deu-lhe o governo Imperial o titulo de barão de Melgaço com grandeza. — A 6 de agosto teve, como 1.º vice-presidente, que assumir a administração da provincia, sendo nomeado presidente por carta Imperial de 2 de outubro.

1866 — Já em exercicio, prestou juramento e tomou posse do cargo a 13 de fevereiro. — Em março adoeceu-lhe gravemente a mulher. — A 1 de maio passou a presidencia ao 2.º vice-presidente Albano de Souza Osorio. — A 30 desse mez de maio falleceu a estremecida esposa. — Em julho, acommettida a cidade por horrivel epidemia de variola, prestou admiraveis serviços, dando proficuos exemplos de sangue frio e actividade.

1868 — Por decreto de 25 de julho se viu, pela terceira vez, nomeado presidente de Mato Grosso.

1869 — Tomou conta da administração a 26 de maio.

1870 — Passou a direcção da provincia a 10 de fevereiro ao 2.º vice-presidente Luiz da Silva

Prado. Teve exoneração do cargo por decreto de 31 de maio, nomeado, em seu lugar, o coronel dr. Francisco Antonio Raposo, depois barão de Caruarú.

Desde então completamente retirado da vida pública, aliás já com a idade de 68 annos, viveu cercado sempre da mais alta consideração do governo e de todos os brasileiros, do amor da familia e do reconhecimento e veneração de todo o Mato Grosso.

1880 — A 4 de janeiro escrevia á irmã, freira n'um convento do Sul da França, as seguintes palavras: «Entro neste anno sob auspicios pouco favoraveis. Ha cinco dias soffro bastante, e a minha fraqueza augmenta».

A 14 desse mez de janeiro exhalou o ultimo suspiro, contando de idade 78 annos, menos 16 dias.

* * *

Ao inclyto Augusto Leverger, barão de Melgaço, cabe perfeitamente o alevantado appellido de Ricardo Franco do Brasil-Imperio, do mesmo modo que áquelle eminente militar é applicavel o de Augusto Leverger dos tempos coloniaes.

Ambos se valem pelo conjunto de qualidades scientificas, civicas e guerreiras, honestidade, habitos de trabalho, superioridade de vistas, desinteresse, modestia, pundonor e profundeza de conhecimentos technicos.

Está a desafiar a penna de um Plutarco o estudo paralelo e comparativo da vida destes dois bellos typos de homens, que consagraram a existencia inteira e laboriosissima á grande zona matogrossense e ao serviço e dignidade da Patria.

AUGUSTO LEVERGER

O FINAL DE UMA CARREIRA GLORIOSA

DUAS PALAVRAS

Grande admiração votava o visconde de Taunay á personalidade do glorioso marinheiro francez abrasileirado, cuja permanencia de meio seculo em nossa Patria se concretisou numa serie dos mais relevantes serviços prestados ao Brasil.

Assim, com verdadeiro amor, escreveu-lhe a historia da longa e bella vida, quasi toda escoada em Mato Grosso, onde, por occasião da invasão paraguaya, foi o verdadeiro antemural de Cuyabá. Esta biographia começou a publical-a em diversos numeros da *Revista Brasileira* (phase José Verissimo), onde appareceram os capitulos da primeira parte do trabalho.

Pretendia imprimir o estudo completo em volume mas a morte impediu-lhe a realisação deste projecto muito acarinhado.

Procurei descobrir a segunda parte da biographia de Leverger e não logrei resultado algum, muito embora soubesse, por uma serie de indicações do *Diario* de meu Pae, e de suas cartas a diversos amigos, que elle concluiu a redacção da narrativa.

Assim, quando neste anno de 1932 propuz ao meu prezado amigo, o sr. Walther Weiszfiog, a impressão do que meu Pae redigira da biographia de Leverger, imaginei completal-a com uma serie de capitulos da lavra de meu eminente amigo, o sr. dr. Virgilio Corrêa Filho, tambem autor, de muito justamente reputado estudo biographico sobre Leverger, intitulado: *Um bre-tão cuyabanisado*.

Obtida a acquiescencia deste illustre escriptor fiquei a dever-lhe novo e grande obsequio e assim se publicou a biographia

de Augusto Leverger, terminado por um annexo, constante de varios capitulos de uma prosa forte, tão attrahente quanto precisa.

Com verdadeiro prazer pude realisar esta associação, em volume, da obra incompleta de meu Pae e das paginas do dr. Virgilio Corrêa Filho, dignas do joven autor de monumental estudo sobre *As raias de Mato Grosso*, das excellentes *Monographias cuyabanas* e outros numeros de já extensa e valiosa bibliographia, onde se casam o criterio do pensador á argucia do historiador, o afan da rebusca e a preocupação da verdade.

Surgiu o livro, ha poucos mezes, ás vitrinas das livrarias e o publico tem-lhe feito boa acolhida nesta época em que a retracção dos compradores é immensa.

Decorrido pouco mais de mez da sua apparição surgiu-me curioso incidente de cunho pittoresco.

Recebi do Rio de Janeiro, em remessa postal não registrada, um pacote de manuscriptos em que ao abrir reconheci originaes de meu Pae. Puz-me a lel-os e com a mais grata surpresa verifiquei que se tratava da segunda parte da biographia de Leverger que eu tanto, mas em vão, procurara!

Examinei, e com o maior cuidado, o envolucro, cujo sobrescripto, traçado a machina, não trazia uma unica indicação de procedencia. Pelos carimbos postaes pouco se poderia deduzir. Fóra deitado á caixa no centro da cidade do Rio de Janeiro! Eis quanto pude apurar!

Tira por tira percorri detidamente o manuscripto. Nenhum vestigio nelle deixara o mysterioso doador ou antes restituidor.

Nelle não ha a menor solução de continuidade mas algumas anomalias se me deparam. Assim esta segunda parte, á tira 83 começa numerada com um I romano e logo á tira 89 surge um IX. A's de numero 105, 121 e 133 respectivamente encabeçam os ordinaes X, XI e XII. Por que esta numeração tão fóra de proposito? Teria sido devida a um lapso de memoria do autor?

Acaso teria elle querido intercalar ainda os capitulos promptos e numerados de II a VIII? Não sei como explicar o caso, tanto mais quanto na tira 89, onde ao capitulo I se segue brusca-

mente o capitulo IX, não ha a menor emenda; ella está inteiriça, homogenea, primorosamente calligraphada, sem uma rasura.

E o que mais me causa estranheza vem a ser a perfeita coordenação dos assumptos. As primeiras linhas do capitulo IX são a continuação positiva, indiscutivel, das ultimas do capitulo I. Poder-se-á objectar que esta numeração vem a seguir da primeira parte mas tal argumento não pode subsistir, pois tenho em meu poder os originaes desta ultima, cujo ultimo ordinal capitular é XVII. No fim da tira 141 deixou meu Pae a seguinte nota: Concluido a 14 de março de 1897.

E isto vejo-o comprovado por diversos documentos.

Corriam então penosissimos dias para os adeptos do regime imperial.

Occorrera o desastre da columna Moreira Cesar em Canudos, acontecimento que provocara scenas da maior violencia no Rio de Janeiro, e em diversas partes do paiz, taes como o empastelamento do «Apostolo» e outros jornaes, o assassinato do coronel Gentil José de Castro e o saque de sua casa, a tentativa de morte do visconde de Ouro Preto na estação de S. Francisco Xavier. Attentado, este, que não victimou o preclaro brasileiro porque os seus assassinos se viram desarmados e deslumbrados pelo devotamento do filho illustre do estadista do Imperio, interpondo-se á sanha dos aggressores, n'um lance de inenarravel piedade, digna de eterna rememoração, destes que bastam para a glorificação de uma vida.

Achava-se então meu Pae com a saude gravemente comprometida. O diabetes, dia a dia, o prostrava cada vez mais. Immerso na mais profunda melancolia passou os dias e as semanas deste lobrego mez de Março em Petropolis. Trabalhava sem cessar, para esquecer-se das agruras do momento, redigindo a parte final da biographia de Leverger.

A seu bom amigo, o dr. João Ribeiro dos Santos Zamith, escrevia, exactamente a 14 de março de 1897.

« Com falta absoluta de qualquer garantia conservo-me recluso aqui (em Petropolis) tendo como consolo unico escrever a biographia de Augusto Leverger, barão de Melgaço.

Ha dias em que encho vinte e trinta tiras de papel. Sahirá cousa boa e longa, digna do biographado ».

Ora, á vista da nota apposta ao final da tira 141 dos originaes que agora recebo, de que exactamente neste dia 14 de março de 1897 concluiu meu Pae o seu trabalho só se me apresenta uma explicação. E' que na mesma data da carta ao dr. Zamith, á noite provavelmente, terminou elle a redacção da biographia do grande bretão cuyabanisado na phrase expressiva de Virgilio Corrêa.

Recorrendo aos *Diarios* de meu Pae encontro as seguintes referencias a tal trabalho e aos dias penosos dos motins em que ainda por cumulo de infelicidade, occorreu o fallecimento de parente a quem muito estimava.

— Petropolis, 8 de março de 1897.

Fui á estação afim de descer ao Rio mas a vista da agitação que dizem lá reinar por causa das noticias officiaes de Canudos e do Antonio Conselheiro, voltei por conselho do Telles (dr. Augusto Carlos da Silva Telles concunhado de meu Pae, seu amigo dedicado, verdadeiro e segundo Pae de quem escreve esta nota), voltei para casa.

Terriveis noticias de Canudos. Derrota completa das forças leaes morrendo os coroneis Moreira Cesar, Tamarindo e muitos officiaes. Nunca vi o primeiro mas conheci o Tamarindo desde os tempos da expedição de Mato Grosso, ha 32 annos, já em 1865, e muito me dei com elle. Seja-lhe leve a terra!

Desordens graves no Rio de Janeiro. Quanto é doloroso tudo isto! Com vantagens para quem? O paiz inteiro é que soffre immensamente, Santo Deus! :

9) Dia angustioso! Não desci ao Rio. Tive noticia do cruel assassinato do coronel Gentil José de Castro escapando de grave perigo o Ouro Preto e Affonsinho que com elle se achavam na occasião.

Telegramma do sr. Francisco Werneck da estação de Parahyba do Sul, annunciando-me a morte do bom Alfredo! (Coronel Alfredo Carlos Teixeira Leite, cunhado de meu Pae) a quem de ha dois annos para cá devia eu tantos favores com o solicitado

agazalho dado a meu filho (Affonso). Falleceu ás 7 horas e meia da tarde de hontem e sepulta-se hoje em Vassouras para onde se transportou o corpo. Telegrapho ao Werneck, Eugenio e Alfredo-nho (drs. Eugenio Teixeira Leite, Alfredo Teixeira Leite Junior, irmão e filho primogenito do fallecido).

Eu o conheci desde 1873 em Vassouras, ha quasi 24 annos. Exaltado e por vezes inconveniente. (Era republicano extremadissimo) mas bom como ouro! Mandeí á «Gazeta de Petropolis» umas linhas acerca do bom Alfredo. *Sit terra levis!*

Começando hontem a biographia de Augusto Leverger tenho-a adiantado sobrenaneira. Creio que afinal darei conta da incumbencia, ha muito procrastinada e que devera já estar concluida.

10) Carta ao Costa Guimarães (general Antonio Joaquim da Costa Guimarães, dedicado amigo de meu Pae, e seu collega na directoria da Companhia S. Christovão). A resposta foi que eu não devia descer já. Que estado de cousas! Muito tenho escripto a biographia de Leverger. Dei parte ao Glaziou (Augusto Glaziou, o illustre botanico) que a estava concluindo, o que sem duvida lhe causará sincero prazer bem como á irmã (s.c. de Leverger) monja, se viva fôr.

11) Noticias não muito tranquillisadoras vindas á tarde. Parece que a calma é mais apparente do que real e consolidada.

12) Restabeleceu-se a calma, mais apparente, comtudo, do que real, pela instigação dos jornaes. Se todos estão como eu (sc. compromettidos na conspiração monarchica instigadora dos jagunços de Antonio Conselheiro, segundo apregoavam os jacobinos), o sangue que já correu e ha de ainda correr, é de innocentes e martyres, sujeitos, sem meios de defesa alguma, a todas as violencias dos que têm armas e todos os elementos de aggressão. Que triste situação, a reproduzir os horrores da Revolução Francaza! O Floriano está se fazendo saudoso. Era ao menos um braço forte, contra os desmandos geraes. Agora ninguem é e será responsavel! Continuo a trabalhar seguido na biographia de Leverger.

13) Convite de missa do bom Alfredo, na «Gazeta de Petro-

polis». Não fui a essa missa o que muito senti. As noticias á tarde ainda mais graves, tendendo as cousas a tomar aspecto de absoluta anarchia.

14) Domingo. Conclui a biographia de Augusto Leverger. Vou escrever o epilogo. Diversas cartas de pesames.

Este epilogo a que se refere o *Diario*, encontrei-o no meio dos papeis de meu Pae, em duplicata até. E curioso! em duas séries de tiras, ambas numeradas 103 e 104. Não está concluido e as laudas a elle referentes achei-as de envolta com muitas notas esparsas, referentes á historia de Mato Grosso, e á viagem de Hercules Florence na expedição do barão de Langsdorff a que tambem pertencia meu tio avô Adriand Amado Taunay, afogado nas aguas do Guaporé a 5 de janeiro de 1828.

Com outra obra de meu Pae, *A cidade de Mato Grosso, o rio Guaporé e a sua mais illustre victima*, occorreu o extravio dos originaes, estes infelizmente e desde longa data ausentes de seu archivo. E a meu ver hoje ovelhas desgarradas que jámais voltarão ao aprisco.

Reeditando em 1924 a primeira parte deste livro e ajuntando-lhe os fragmentos que encontrara no acervo de meu Pae, a tudo impuz novo titulo: *A cidade do ouro e das ruinas*.

E, a proposito da perda desses originaes, escrevi as seguintes considerações: Sentimentos de ordem diversa levaram o visconde de Taunay a occupar-se de Villa Bella. Entre elles, o facto de se prender, e de modo tragico, a memoria de seu tio Amado Adriano Taunay, áquella localidade e o grande interesse que lhe despertava, sempre, tudo quanto se referia a Mato Grosso, desde que naquella immensa circumscripção central, e semi-deserta, passara alguns annos da adolescencia, nos transes mais angustiosos que imaginar se pode, durante a marcha da columna invasora do norte do Paraguay, terminada pelos horrores da Retirada da Laguna.

Deixara Adriano a mais suave lembrança aos irmãos desesperados com a fatalidade que lhe cortara o fio da existencia. E esta recordação, transmittida do modo mais encomiastico ao escriptor, desde a primeira infancia, pela continua rememoração

paterna, haveria de leval-o um dia a tratar, por sua vez, de tambem contribuir para a homenagem dos seus maiores, á memoria do moço de talento, tragado peia corrente entumecida do Guaporé.

Dahi o germe da idéa que o levou a escrever esta monographia, de que apenas completou a primeira parte. Publicada, em 1891, poz-se activamente a compôr a segunda, de que pelo menos redigiu trinta e um capitulos, cujo total formava um numero de paginas muito mais volumoso do que a primeira parte.

Interrompeu esta composição, á espera de apontamentos que de Mato Grosso lhe enviavam amigos e informadores eruditos. Poz-se neste interim a escrever as suas *Memorias*, cujos originaes se acham depositados na Arca do Sigillo do Instituto Historico Brasileiro, para serem divulgados em 1943, se assim contudo o entenderem conveniente os descendentes do seu autor.

Cessado o trabalho sobre Mato Grosso, não o retomou mais. Ao fallecer, pouca cousa se encontrou no seu archivo referente a esta monographia; infelizmente muitissimo menos do que já preparara.

Completo se me depararam os capitulos numerados XVIII, XIX, XX. Do XXII apenas havia a primeira lauda. Dos anteriores a XVIII nada se achou, assim como quanto aos de numero XXIII a XXIX. O XXX estava completo, do XXXI existiam as primeiras paginas. Assim, pelo menos estavam redigidos trinta e um capitulos da segunda parte do estudo mato grossense. Delle apenas foi impossivel descobrir os cinco aqui transcriptos, e mais uns fragmentos. Que fim levaram os demais? Ignoro o inteiramente. Talvez estejam em mãos de correspondentes do autor, ou dos seus successores, pois já ha vinte e cinco annos que estes originaes não se acham em poder da familia do escriptor.

Informou-me pessoa de toda circumspecção que vira outr'ora, em mãos do general Francisco Raphael de Mello Rego, antigo presidente de Mato Grosso, muitas paginas de uma obra inedita de meu Pae, seu intimo amigo. Infelizmente de tal vim a saber quando de ha muito haviam fallecido o general e sua viuva, d. Maria do Carmo de Mello Rego, sem deixarem descendentes. E sua morte occorrera pouco depois á do amigo.

Era o general homem sobremodo culto e versado em historia mato grossense e meu Pae, creio, lhe submetera o trabalho á apreciação esclarecida, como já em relação á primeira parte fizera.

Não sei que destino coube a estes papeis; nem tive como me orientar a tal respeito. Dispersou-se inteiramente o archivo Mello Rego. Em poder de bibliophilos e colleccionadores já tenho visto obras de meu Pae, com dedicatorias autographas ao general e numerosas peças da sua correspondencia. E' possivel pois, que algum colleccionador tenha guardado as laudas das que faltam á segunda parte do estudo sobre Villa Bella. Mas julgo mais provavel estejam estes originaes irremediavelmente perdidos.

Qual a procedencia da segunda parte da biographia de Leverger que tão curiosa, tão pittorescamente volta ao espolio literario de meu Pae?

Espero que o generoso doador, amigo do silencio e do segredo, queira um dia levantar o mysterio em que envolveu o seu gesto de elevada inspiração.

Seja como fôr, seja a quem fôr, aqui lhe deixo os meus protestos cordealissimos de reconhecimento, e as minhas esperanças para que o seu procedimento gentil imitado seja pelo detentor eventual da segunda parte d'*A cidade do ouro e das ruinas*.

Do conjunto da obra do biographo de Leverger, nunca ninguém disse mais elevadamente do que Virgilio Corrêa Filho, numa *abundantia cordis* de mato grossense apaixonado de sua terra natal e grato ao escriptor que tanto evocou as cousas de seu querido Mato Grosso.

A este amigo eminente seja-me, pois permittida a simples retribuição da dedicatoria destes ineditos agora divulgados.

S. Paulo, 5 de julho de 1932.

AFFONSO DE E. TAUNAY

AUGUSTO LEVERGER

O FINAL DE UMA CARREIRA GLORIOSA

I

Deixa Leverger em 1863 o governo de Mato Grosso. Proseguimento de suas grandes explorações geographicas. Seus contactos com o Guia Lopes. Prenuncios da invasão paraguaya.

Haviam os annos corrido.

Eis-nos em 1863.

Tomado o descanso de que tanto carecia, não reluctou Augusto Leverger em ir occupar, na qualidade de 1.º vice-presidente, a cadeira presidencial, por ter sido escolhido senador do imperio pela provincia do Amazonas o presidente Herculano Ferreira Penna⁽¹⁾. Por pouco tempo, aliás era interinidade, pois, dentro em tres mezes, Leverger readquiriu a liberdade com a chegada do novo presidente nomeado, brigadeiro Alexandre Manuel Albino de Car-

(1) Nas suas notas diz Leverger que o presidente Herculano Ferreira Penna fôra eleito senador pela sua provincia natal, Minas Geraes; mas houve equivoco. É, com effeito, o outro mineiro, mas tendo presidido a provincia do Pará, ainda unida á do Amazonas, de 12 de novembro de 1846 a 8 de maio de 1848 foi incluído na lista triplice senatorial desta provincia quando separada e escolhido em 1853. Presidiu Mato Grosso de 8 de fevereiro de 1862 a meados de 1863; falleceu em 1867.

valho, que tomou posse do cargo a 15 de julho de 1863.

Tinha, porém, o governo os olhos postos sempre no proveitosissimo e incansavel marinheiro, achando-o no caso, embora reformado, de prestar ainda os mais relevantes serviços.

Com muitas instancias encarregou-o pois da ardua incumbencia, que só mesmo um homem como Leverger podia, com todo o desinteresse, o habitual, e está tudo dito, aceitar e levar ao cabo — incumbencia que de outro modo só poderia ser desempenhada por dispendiosa commissão de engenheiros e especialistas — a exploração chorographica do districto de Miranda desde o curso daquelle rio até a fronteira do Apa, isto é toda a vasta parte meridional de Mato Grosso.

E' preciso conhecer de *visu*, como quem escreve estas linhas, semelhante região, é preciso ter idéa da inclemencia das estações naquellas paragens, enormidade de inundações, perigos das regiões apaúladas, difficuldades de communicação, mil tropeços e incommodos, para avaliar devidamente o que era esse commettimento a que Leverger se abalançou de animo sereno, sem obrigação nenhuma restricta de se comprometter a tanto.

Já velho porém, com 62 annos completos, em janeiro deixou todos os habitos e conforto do amoro lar e lá se foi dar cumprimento á tarefa, sózinho e com os auxiliares rusticos que encontrou, camara-das e sertanejos. Porque?

A razão é que sentia no intimo, e com força immensa, o contacto com a natureza virgem e ainda não devassada, que leva o verdadeiro filho do sertão a se metter por lugares desconhecidos e a aprofundar os mysterios de zonas ainda não exploradas.

A esse sentimento de tão curiosa e mal explicada impulsão juntava o gosto da investigação scientifica e da exactidão geographica. Com uma simples bussoia de Casella em punho, ao passo do pacato animal que cavalgava, cuja regularidade chronometrica da andadura buscava quanto possivel acertar, seguia elle, indifferente ás mais elementares regalias da vida commoda, devassando terras, colhendo dia a dia, informações, rectificando enganões dos viajantes que por ventura tivessem, bem raro, por ali transitado, e interrogando sem cessar os conhecedores certos dessas localidades, homens antigos, ou simples peões, escravos e indios.

E deveras, só quem alguma vez se dedicou a esse trabalho póde saber de quanta paciencia é necessario revestir-se para arrancar, pälavra por pälavra, a minima indicação que tem de ser acareada com muitos outros testemunhos para merecer fé e satisfazer o escrupulo a quem quer affirmar cousas com segurança e exacção.

Não ha naturezas mais concentradas e inimigas de expansões do que os homens do sertão. Gostam sim de larguissimas excursões por lugares invios mas não se lhes dá, absolutamente, o contarem a quem quer que seja o que viram e devassaram. O goso que colhem nesses descobrimentos de florestas virgens, rios não denominados e campos que ninguem pisara antes delles, é todo intimo e difficilmente, só por intermittencias e em dias de capricho, transmittem os intuitos a que obedeceram em taes explorações ou as sensações que nellas experimentaram.

— Nada melhor no mundo, dizia-me por vezes o velho José Francisco Lopes, o famoso sertanista, nosso mallogrado guia na Retirada da Laguna e irmão do Joaquim Francisco Lopes, tambem celebre nesta especialidade, do que andar por *fundões*, que

só Deus conhece e alguns indios, que valem como bichos do mato.

E então, embora a custo, alludia aos lugares a que tinha levado Augusto Leverger, senhor *Lévergerr*, dizia elle — toda a costa do Apa, o cordão dos rios dos Velhos, da Prata, das Cruzes, affluentes do Miranda, os campos da Pedra da Cal e outros e com ufania relembra que os nomes por elle dados haviam sido logo adoptados e figuravam já na *mapparia* daquelle *graúdo na sabença*.

Saber lidar com essa gente, que tem orgulho muito melindroso, e, ao par de não poucas singularidades de genio, muitos sentimentos nobres, constitue verdadeira arte.

Esse dom o possuia, em extremo, o bondoso e chão Leverger. Era o seu melhor tempo, quando longe da familia, no meio das indagações hydrographicas, vivia entre os seus guias sertanistas e camaradas, gente honesta e branda que rodeava solícita o velho marinheiro e lhe demonstrava ardente admiração.

Se nas anteriores viagens colhera affeições e amizade por toda a parte em que apparecia, sem excepção das tribus de indios *guanás*, *kinikináos*, *laianos*, *terenas*, *enimas*, *guaycurús*, *cadiuéos*, *quatós* e outras que visitára e onde se demorara não pouco, nessa ultima exploração poz o tecto a todo esse formoso edificio de espontaneos affectos. Desde a casa de fazenda, senão luxuosa, pelo menos confortavel em tão distantes páramos, até a choupana coberta de sapé ou o rudimentar rancho de folhas de palmeira, cortadas de fresco, o acolhimento era o mesmo, a alegria identica, a hospedagem franca, sem limites, homenagem prestada de coração ao grande servidor que tanto fizera e ainda estava fazendo pelo immenso Mato Grosso.

Este levantamento topographico do districto de Miranda, constitue valiosissimo trabalho da maior fidelidade, como tudo quanto sahia das mãos de Leverger. Passo a passo foi tomando rumos magneticos, rectificando noções chorographicas erroneas, reproduzidas de uns para outros mappas, e organisando uma carta colossal, cuja exactidão para os lados da fronteira no costão do Apa, como pittorescamente dizia o guia Lopes, pude, na nossa invasão do Norte do Paraguay, em meados de 1867, verificar, admirando a copiosidade, a riqueza de minucias e pormenores, que de certo, teriam sido deixados de lado por espiritos menos escrupulosos no conseguimento pleno da verdade.

Quando Augusto Leverger percorreu o districto de Miranda e estudou a zona contestada entre o Brasil e o Paraguay, a qual se estendia desde as nascentes do rio Nioac⁽¹⁾ na serra de Amambahy, tambem chamada Maracajú, e a corrente de E. para O. do Apa, o dictador Francisco Solano Lopez já tinha em mente mandar invadir e occupar pelas suas tropas aquella zona.

Por parte do Brasil, entretanto, apesar de alguns indicios que deveriam ter dado que pensar, o sentimento era da mais completa segurança. Não passava pela idéa de ninguem a possibilidade de semelhante aggressão.

Não tem, pois, o menor fundamento a asseveração do coronel Centurion nas suas *Memorias*, postas em circulação entre nós pelo Dr. Eunapio Deiró, de que se as tropas entradas por terra em Mato Grosso, não encontraram e deixaram de aprisionar as popu-

(1) *Nioac* é corruptela das palavras guayeurús *anhu ac*, clavicula quebrada. A Assembléa provincial deu a essa localidade o nome de Levergeria; mas o appellido official não persistiu, apesar da muita estima dos habitantes a Leverger.

lações, foi porque estas se haviam internado «*en virtud de una orden del gobierno brasileiro que les fué comunicada dos mezes antes, en prevision de una invasion paraguaya.*»

Com bons motivos reflexiona o Sr. Deiró que tal asseveração, a ser exacta, é de gravidade excepcional, patenteando falta de lealdade do nosso governo para com a nação, a quem se fazia crer que a guerra nos fora inopinadamente e por cruel e ineluctavel necessidade.

Merece, pois, o caso explanação e ser-nos-á desculpado encaral-o um tanto detidamente, tanto mais quanto nelle tambem vai figurar a personalidade de Augusto Leverger.

II

As asseverações falsas do coronel Centurion sobre a espera em Mato Grosso da invasão paraguaya. Argumento irrespondivel: a presença de Leverger no sul da provincia. Jornada feita com o Guia Lopes. Contestação opposta a autores paraguayos. Depoimentos diversos.

De todo lhe falta base. Percorri em 1865, 66 e 67 o districto inteiro de Miranda desde o seu limite septentrional, rios Coxim e Miranda e talvez mais ao Norte, rio Piquiry, até á fronteira da republica do Paraguay e nelle encontrei, sempre e sempre, as mais irrefragaveis e completas provas e testemunhos de quanto a população, aliás escassa e disseminada, foi surprehendida por aquella invasão, de cuja probabilidade e até possibilidade ninguem cogitava, até nos pontos mais chegados ao rio Apa.

Aviso e ordem no sentido indicado pelo coronel Centurion jámais houve, nunca existiram. Em tal ninguém me falou, sequer vagamente.

Ao districto militar de Miranda, sem excepção de local algum, presidia a maior calma, a mais firme cõnfiança de uma paz mais que secular. Mal se suspeitavam até quaesquer complicações, com o Paraguay, quando começaram a chegar as primeiras e assombrosas noticias de que a linha do Apa rigorosamente respeitada pelos nossos vizinhos, desde 1855, sobretudo, havia sido transposta, avançando pelo territorio brasileiro a marchas curtas, demoradas, e como que hesitantes, numerozo corpo de exercito inimigo, composto das tres armas.

Era verdadeiro e inesperado ribombo de trovão, seguido de mortifero raio.

Formara se o temporal, a desabar já, em atmospheria limpida e serena, no pensar de todos quantos habitavam essa parte do Brasil, tão exposta, contudo; tremendo acordar, que fez, sem transição, sahir, innumeras familias do remanso da habitual e nunca interrompida calma, para os horrores da mais precipitada fuga, a buscarem asilo nos matos, bre-nhas no alto das serras, nas anfractuosidades das montanhas ou na solidão do grande deserto de Camapooan e Sant'Anna do Paranahyba.

A tal respeito havia uma só voz; e assim ouvi da bocca de muitos membros das importantes familias de D. Maria Domingas de Faria, tenente coronel Caetano da Silva e Albuquerque, seu filho, seu intelligente sobrinho Luiz Generoso de Albuquerque, João Mamede Cordeiro de Faria, de João Pacheco de Almeida, bom e inesquecivel amigo que me hospedou tantos mezes e depois indigna e traçoeiramente assassinado em 1867, Cardoso Guaporé, preto octogenario então, sobremaneira intelligente, ra-

bula e collecter da villa de Miranda, Valerio de Arruda Botelho, Canuto Virgolino de Faria, Antonio Alves Ribeiro, Antonio Maria Tonhá, o pratico mais afamado de todos aquelles sertões, José Alves de Arruda e seu sogro Francisco Dias, indiatico valente e forte, de mais de cem annos nessa época, pae entretanto de uma criancinha de mezes e que viveu mais duas décadas, pois só veiu a fallecer em 1886, João da Costa Lima e tantos, tantos outros que eu poderia ainda enumerar, asseverando todos, a uma, o estado confiante dos espiritos e o pasmo e terror que os avassalaram, quando se deu a repentina aggressão paraguaya.

Do mesmo modo, sem discrepancia, officiaes e praças do 2.º corpo de cavallaria estacionado em Nioac, força unica, nos fins de dezembro de 1864, e em extremo desfalcada (se não me engano não teria sequer 200 homens de pessoal combatente) todos se mostravam ainda attonitos da repentinidade de tão formidavel e dolorosa invasão, feita contra as mais comesinhas regras da boa fé internacional. Citarei o velho e valente major Pedro José Rufino, que tão bellos serviços prestou na retirada da Laguna e com quem eu conversava sempre sobre as cousas de Mato Grosso; o capitão Costa Pereira, official reformado de cavallaria, mas de grande bizzarria e notavel intelligencia e o meu inolvidavel e meigo, ainda que bem humilde amigo, alferes honorario, então simples segundo sargento Salvador Rodrigues da Silva, hoje fallecido. Citarei ainda nominalmente, por o merecerem pelo seu alto valor moral e guerreiro, os dois soldados e irmãos, Martinho e Alexandre de Campos Leite, meus fidelissimos e inapreciaveis camaradas, nas mais penosas e arriscadas explorações, verdadeira e respeitosa homenagem de gratidão que aqui rendo, relembrando os nomes destes leaes compa-

nheiros de ingentes trabalhos. Citarei tambem, entre indios os capitães José Pedro de Souza, Flavio Botelho e Lapagates, este cadiuéo, o outro kinikináo, o primeiro terena.

Ninguem, ninguem discordava da impressão unica existente em todo o districto, isto é, que o governo paraguayano havia quebrado, em pleno socego da paz, solemnes tratados para dar execução a plano de longa data premeditado, a bem da occupação de terras brasileiras, sem opposição nem resistencia.

Sabia-se, por certo, no districto e nisso se falava, das difficuldades que em futuro mais ou menos remoto, se haviam de originar das pretensões paraguayas sobre a zona contestada, mas essa mesma fita do terreno era constantemente rondada por piquetes nossos de cavallaria que chegavam até á margem direita do rio Apa, bem defronte do forte de Bella Vista, com cuja guarnição trocavam amistosos cumprimentos ao passo que nunca se viam, nesse lado controverso, partidas paraguayas de fiscalisação e vigilancia para impedirem signaes da posse brasileira.

Pelo contrario, ali mesmo, nessa faixa litigiosa, se haviam, a pouco e pouco, formado valiosos centros de criação, estabelecidos por gente de Minas Gerais que viera, e vinha vindo, espontanea e seguidamente, dos lados de Camapoan e dos campos, sobretudo, do Pardo, Brilhante e Vaccaria, a localisarem-se, de vez, nas formosas e fertilissimas planicies dobradas, do ribeirão da Cruz, Morro da Margarida, Pedra de Cal e Machorra.

Ainda mais, por estes lugares todos, andou, muito pouco tempo antes da invasão, *mez e meio tão somente* o illustre Augusto Leverger, acompanhado por José Francisco Lopes, o grande sertanista, figura de verdadeira epopéa, qual se mostrou aos que

emprehenderam e concluíram a heroica e tremenda retirada da Laguna.

Os dois benemeritos velhos — Leverger tinha então quasi 62 annos e Lopes para cima de 70. — montados em animaes communs de passo arrastado, exploraram sósinhos, sem a menor protecção, com a maior despreocupação e serenidade, toda aquella aberta região, invia e agreste, mas de estupenda belleza, um dos mais admiraveis recantos do mundo, pela pureza das aguas, a correr de todos os lados, elegancia dos innumerables palmeirae, colorido esmeraldino da interminavel e miuda relva, como garrida e fina alfombra a cobrir immensas extensões e grandiosidade das perspectivas.

Ja Leverger levado pelo amor da sciencia e da chorographia a bem de seu querido, tão querido Mato Grosso; o guia pelo innocente orgulho de fazer ver — como depois nos dizia com engraçada emphase: «a um *graúdo* que andava de *agulhão* (bussola) na mão, terras, que, antes d'elle, só Deus conheceria!»

Desta exploração vejamos o que textualmente escreveu posteriormente Leverger:

«Parti de Cuyabá em abril de 1864 e não contava voltar no fim do anno; mas a estação das chuvas entrou mais cedo e tornou-se mais rigorosa do que costumava ser. Vi-me, pois, forçado a interromper os meus trabalhos de exploração chorographica *nos ultimos dias de outubro* e foi a minha salvação, porquanto, achando-me tão chegado á fronteira, teria, sem duvida alguma, *sido uma das primeiras victimas da invasão paraguaya*».

Seria possivel que o governo brasileiro, tendo sciencia ou simples suspeita de qualquer movimento de hostilidade, com tanto tempo de antecedencia, que o tornou publico *dois mezes antes em todo o dis-*

tricto de Miranda, conforme quiz fazer crer o coronel Centurion, dando o facto como averiguado, e imaginando o tal aviso e ordem de concentração das familias, informação fantastica que o Dr. Deiró pareceu aceitar, seria possivel, que o governo houvesse deixado correr tamanho risco, exactamente ao homem de maior prestigio e renome, em todo o Mato Grosso, vulto muito conhecido e respeitado no proprio Paraguay?

Simplemente inacreditavel absurdo!

Nessa zona foram de chofre aprisionadas algumas familias estimaveis e de reputação. Lembromeda de Barbosa Bronzique⁽¹⁾ perto do rio Desbarrancado⁽²⁾ confluyente do Nioac, que os paraguayos, depois de lhes saquearem a casa, e outras violencias, deixaram ficar em suas terras o que, depois, motivou ser toda ella barbaramente trucidada pelos indios cadiueus⁽³⁾ sob o pretexto de que havia feito causa commum com os hespanhoes⁽⁴⁾.

Tambem aprisionada toda a familia de D. Senhorinha Lopes, mulher do nosso guia, levada ella com numerosissimo pessoal, da fazenda do Jardim, junto ao rio Miranda, para a villa Horcheta, a 7 leguas de Concepcion, no Paraguay e isto pela segunda vez, pois, em 1853, havia sido presa e internada por ter estabelecimento de gado vaccum no territorio contestado. Solta só depois de longos annos, em virtude de reclamação especial e internacional, feita por

(1) Corruptela do nome allemão Brunswick. Sem duvida algum ascendente seu provinha daquelle grão ducado.

(2) Foi ahi que o major Pedro José Rufino oppoz alguma resistencia á invasão paraguaya (Vide *Retirada da Laguna*).

(3) Tribu de guaycurús, semi-barbara, que ora matava brasileiros, dos quaes se dizia comtudo amiga e fiel alliada, ora paraguayos. Chegou a tomar e destruir o forte de Rinconada na linha do Apa e inspirava terror a ambos os lados combatentes.

(4) Para os indios de todo o Matto Grosso só ha ainda hoje portuguezes e hespanhoes ou castelhanos.

José Maria da Silva Paranhos (o immortal visconde do Rio Branco), voltára não mais ao *Retiro*, mas a outra fazenda que abrira umas leguas acima e denominara Jardim. Não fora ahí mais vexada até 1864 e vivera feliz e considerada no meio de grande descendencia.

Um dos seus filhos, enteado e sobrinho de José Francisco Lopes, *um mez antes da invasão*, caminhou para o Sul, e foi com mulher e filhos, estabelecer-se junto ao morro do Retiro, no local occupado outróra pela mãe, a legua e meia da divisa do Apa e não levou comsigo senão mansos bois de carro e pacificos instrumentos de lavoura e industria pastoril.

Querem-se ainda mais provas da absoluta confiança que imperava em todos esses lugares, destinados, comtudo, a tão terrivel desastre e imminente subversão?

Vamos agora aos ligeiros indicios, que davam que pensar a alguns mais suspeitosos. Corria que varios tropeiros, já vestidos com certo apuro no traçar, já grosseiros, andavam pelas fazendas, comprando gado e animaes muares. E que negociantes e mascates ambulantes percorriam aquellas terras offerecendo á venda joias e quinquilharias e aproveitando ensejos de tirar informações.

Interessante episodio me foi então contado, com mil pormenores a omittir, pelo tenente da guarda nacional, João Faustino do Prado, filho do mais que octogenario João Leme do Prado e descendente directo de celebre *bandeirante* dos que, partindo de S. Paulo de Piratininga e internando-se nas vastidões de Mato Grosso, tantas terras deram á corôa de Portugal.

Mostrou-me sempre esse João Faustino a mais carinhosa affeição e ao seu sympathico nome ligo

bellas recordações. Não sei se existe mas é provavel pois é de raça rija e fibra resistente.

Referiu-me, que, nos primeiros dias de outubro de 1864 chegára á sua fazenda do Morro do Azeite, a poucas leguas da villa de Miranda e á margem direita daquelle rio, um homem que se dizia hespanhol mas morador antigo do Paraguay. Visitara o districto todo, offerecendo á venda cavallos e bestas, que, aliás, não trazia.

Queria, affirmava, arranjar clientela para a collocação de excellentes animaes, comprados em Entre Rios e Corrientes. E como a enzootia chamada *peste de cadeiras* faz annualmente victimas sem conta em Mato Grosso, declarava-se muito satisfeito com as encommendas já inscriptas no seu canhenho.

Era typo bem apessoado, de maneiras insinuantes, prompto sempre a generosidades de dinheiro, um tanto reservado, mas quando falava, verboso e até eloquente.

Fazia-se chamar D. Manoel Perez.

Recebeu João Faustino com a franqueza e amabilidade de costume, e tres dias se passaram na maior cordialidade e alegria.

Sem cessar, interrogava o tal hespanhol, mas nunca tomava notas.

Na vespera da annunciada partida, depois de jantar largamente, e entrar um tanto na excellente «laranjinha» tornou-se mais expansivo e, mostrando-se reconhecido á bella hospitalidade que recebera, acabou por confessar que era paraguayo e até occupava no seu paiz elevada posição.

— Mas então, indagou João Faustino, que faz viajando por cá?

— Ah! viajo por necessidade de saúde e para conhecer o seu Brasil, de que muito nos occupamos lá no Paraguay. Olhe, meu amigo, o Imperador Pe-

dro II deveria entender-se com *El Supremo*. Juntos dariamos muita pancada nos *picaros* argentinos e *selvajes* orientaes. Tomariamos, nós Corrientes e Entre Rios e ustedes a Banda Oriental, tudo isto em poucos mezes. E' o que se deveria fazer». Depois de certa concentração, perguntou de repente a João Faustino: «Porque é que o amigo não se muda daqui? E' sempre mau, para quem tem pae tão idoso, mulher e muita familia estar perto de fronteira». — «Estranho explicou o outro, o que o senhor me diz; nem posso imaginar o que me virá nesta minha *situação* (fazenda) tão retirada no fundo destas solidões».

Comprehendeu o paraguayoy que se adiantára demais, e recolheu-se ao silencio.

No dia seguinte, porém antes de montar a cavallo para ir ao porto (1) tomar a *igurié*, que por agua devia leval-o á villa de Miranda, insistiu na *recommendação* da vespera:

— D. Faustino, disse elle, porque é que *usted* não sahe daqui quanto antes?

— Porque razão, meu amigo?

— Eu lá sei... não vê nuvens escuras do lado do Sul?

E a um gesto de confiança que vagamente alludia ás enormes distancias interpostas, observou emphaticamente:

— A Republica fará como o rio de que tem o nome; inundará centenas e centenas de leguas, ao sahir do seu leito. Vejo, porém, que *usted* não tem medo de nada.

E, a proposito de sangue frio em tudo, contou uma anecdota picaresca bem engraçada, que me ficou na memoria e me fez rir, quando narrada por João Faustino.

(1) Porto é a aberta nas barrancas dos rios, natural ou feita de proposito.

Já na barranca do rio, accrescentou:

— Olhe, amigo, o Brasil não está nada preparado. Na villa de Miranda e na fronteira só ha cabides de armas (palavras textuaes depois repetidas pelo coronel Resquin, quando occupada por suas tropas aquella povoação).

E continuou todo risonho:

— Gostei tanto, D. Faustino desta sua bella e boa terra que breve aqui voltarei, trazendo alguns amigos e companheiros.

Ao que retrucou o bom do brasileiro com toda a simplicidade e effusão, que a casa, fazenda e haveres seus ficavam a completa disposição delle e de quantos amigos e companheiros o devessem acompanhar nessa annunciada segunda visita, que ia ser esperada com impaciencia e, mais que isto, anciedade.

Era a invasão paraguayal

III

Chegada de Leverger a Cuyabá. As primeiras noticias da invasão paraguayal. Attitude do presidente da Provincia. Panico em Cuyabá. Apresenta-se Leverger ao governo de Mato Grosso. Sua partida para Melgaço onde estabelece um campo entrincheirado. Admiravel actuação do heroico marinheiro.

Escapara Augusto Leverger do gravissimo perigo de ir desde logo figurar em Assumpção, entre os faceis tropheus e de prompto alcançados pelas armas paraguayas na sua desleal incursão pelo territorio brasileiro a dentro. Reservava-o a Providencia para prestar a Mato Grosso serviços da ultima relevancia, servindo-lhe de braço forte; e broquel ante

o qual estacou essa formidavel invasão, de que o eminente marinheiro ia sendo uma das primeiras victimas, sem que de leve suspeitasse semelhante emergencia.

Bem acertado o pensamento que faz dos homens illustres e superiores um instrumento, mais ou menos saliente do destino, para determinados fins em momentos graves.

Em começos de dezembro chegava a Cuyabá e menos de um mez depois, a 6 de janeiro de 1865, arrebentou naquella cidade a primeira noticia da entrada dos inimigos em solo matogrossense. Possuiu-se a população toda de terror, que se foi aggravando e subindo ao auge com os pormenores nos dias seguintes.

Abandonado pelos nossos o forte de Coimbra, na noite de 28 para 29 de dezembro, e após tres dias de bella resistencia, apesar de quasi desprovido de meios e da sua pessima posição militar, no dia 3 de janeiro se haviam os paraguayos apoderado de Corumbá, de onde vinha fugindo um mundo de familias brasileiras e povo miudo e indios, que por toda a parte espalhavam o panico, buscando o abrigo da capital.

Nella tudo era desordem e confusão, que mais augmentou com a volta repentina de uma força militar, mandada ás pressas postar pelo presidente, brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho, no ponto do Melgaço, 20 leguas abaixo de Cuyabá, numa collina á margem esquerda desse rio, affluente do S. Lourenço, que por seu turno, conflue no grande Paraguay. Nesse momento, as inundações eram completas e mais difficultavam as precarias condições dos fugitivos, ajudando a subida dos vapores paraguayos.

Aquelle presidente, que tomara conta do impor-

tante cargo a 13 de julho de 1863, embora correcto quanto á attitude pessoal e sem duvida capaz de cumprir debaixo das ordens de outrem o seu dever de militar, não estava á altura de tão melindrosa situação. De todo lhe faltavam a iniciativa, o enthusiasmo e a espontaneidade indeclinaveis para infundir em tão apertada conjuntura coragem e calma a uma população inteira apavorada e presa de desespero, que se voltava para elle, representante supremo da autoridade e clamava por providencias promptas, energicas e tranquilisadoras.

Na sua quasi impassibilidade só via inercia e incapacidade, só enxergava impotencia e fraqueza ante o formidavel perigo.

Não ha duvida, se os paraguayos tivessem sido menos cautelosos nos movimentos e mostrado mais um só bocadinho de temeridade em affrontar o desconhecido, teriam, no proseguir dessa facil campanha, entrado em Cuyabá com a maior commodidade, sem encontrarem obstaculos e resistencia, só tendo o trabalho de arrebanhar prisioneiros aos magotes.

Basta um simples momento para dar a conhecer ao povo nas occasiões de crise, o chefe que tenha.

Perdida radicalmente a confiança, nas qualidades do presidente, que ficara como que de braços cruzados a esperar os acontecimentos, começou a mais horrorosa debandada.

Tudo fugia de Cuyabá. Era o espectáculo medonho, pungente e não raro comico.

Houve paes que abandonaram as familias, tomando rumo desconhecido, como que resolvidos a salvarem unica e tão, sómente o seu *vulto*, como se dizia depois.

Repetiam-se as scenas que se haviam dado no districto de Miranda, que já deixei annotadas em outro livro e que, passado aquelle panico, provocavam

longas e gostosas gargalhadas. Assim, um sujeito, barbado até aos olhos, que se disfarçara em mulher e sobre cujos enormes seios de chumaços se expandia esplendida barba negra de verdadeiro capuchinho; assim também outro que fugira com um gallo debaixo do braço, sem saber pelo que e, só á noite, verificou ter abafado o gallinaceo de tanto o apertar ou então um terceiro que viajara em canôa dias inteiros levando á mão, absolutamente inconsciente, um ananaz!...

Este era o lado grotesco, mas quanto soffrimento, que dor, que transes de velhos, mulheres e crianças! Todas as classes confundidas a carregarem trouxas de roupa e moveis, tudo quanto lhe permittiam as forças, sem saberem que direcção tomar, para onde dirigir os incertos passos.

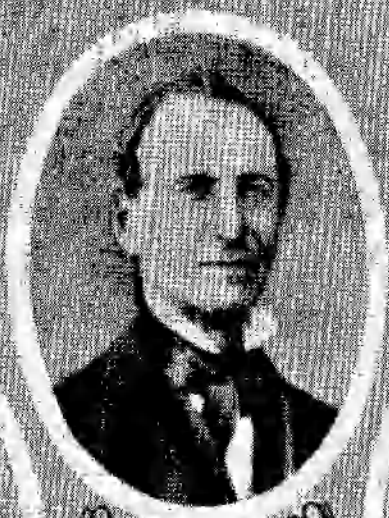
Muitas haviam já seguido pelas solidões afóra para as provincias de Goyaz e do Pará, ao azar, quasi sem meios de conducção nem como vencerem o sertão em toda a sua impassibilidade e agreste fereza.

Ia a cidade ficar abandonada ou entregue aos indios e ao saque dos aproveitadores destes tristes momentos.

Achava-se Augusto Leverger, meio adoentado, em sua chacara, quando por ella começou a passar essa avalanche de gente tomada de inexcedivel terror. Não poucos paravam, imploravam a sua protecção, invadiam-lhe a casa e ali se deixavam ficar como que acolhidos a repentina e segura protecção.

Sentiu-se o illustre marinheiro entranhadamente abalado. Em suas veias corria ainda o sangue do bizarro guerreiro, que nas aguas do Rio da Prata sempre soubera fazer frente aos inimigos do Brasil.

Fardou-se, poz ao peito a sua bella venera do Cruzeiro — *benemerentium premium* ganha ao fogo, de encarniçado combate, 37 annos atraz, atou á cinta



Felix Talmon



F. Denis



Wied



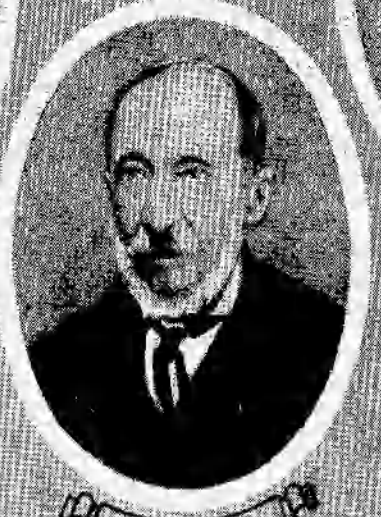
Ribeyron



d'Orbigny



H. Florence



Tauschhaus



WILLIAM



J. M. de B...



J. de A...



Blumenthal



J. M. de B...



J. de A...



Blumenthal

a velha e gloriosa espada de batalhador da Punta de Lara e acto continuo foi ter com o presidente Albino de Carvalho, que encontrou apathico, irresoluto e desanimado.

Era a 20 de janeiro de 1865.

Falou-lhe linguagem de soldado, respeitoso mas cheio de coragem para si e para os outros. Conhecedor certo das localidades mostrou que não havia motivo para tamanho desalento e que medidas de grande e immediato alcance podiam ainda ser tomadas e salvar a capital, ameaçada mais pelo effeito do pavor geral, do que mesmo pelos paraguayos.

Offereceu-se afinal para, sem a menor dilação, collocar-se á frente das tropas que haviam voltado do Melgaço, e que para lá deveriam logo e logo regressar, tanto mais que nem sequer ali haviam desembarcado.

Aceito com soffreguidão o salvador alvitre, dirigiu-se incontinentemente Leverger ao porto, arengou soldados e povo que o acclamaram com delirio e, sem voltar á casa a despedir-se da familia, embarcou e seguiu rio abaixo nesse mesmo dia 20.

Comprehenda-se bem a situação desse homem acostumado á vida reconcentrada, sem acção directa portanto sobre as massas populares e sobre a soldadesca, não podendo agir sobre elles pela palavra de tribuno e pelo arrastamento da linguagem que mais poderosamente os move e impelle, sem tirocinio, nem pendor para semelhante papel e ter-se-á idéa approximada da immensa responsabilidade que, de repente, assumira e parecia dever acabru-nhal-o.

Se fracassasse esta segunda tentativa de ida ao Melgaço, então o panico não conheceria mais limites; fôra desastre immenso e irremediavel, que, de roldão levaria tudo por diante de si, á maneira de verti-

ginosa torrente, arrebatando como um dos primeiros destroços o nome e o prestígio de Leverger.

Que era, afinal, esse Melgaço? Pequena elevação á margem esquerda do rio Cuyabá cercada de immensos alagadiços. Nelle nenhum começo ou signal sequer de fortificação — uma singela posição dominadora da corrente de agua que poderia dar subida aos inimigos até á capital.

Abalado como já estava o espirito da tropa que voltava, resistiria ella ao desanimo e ao influxo da indisciplina, quando tornasse a chegar ao local onde deveria desembarcar e ter de estacionar por tempo indefinido?

E em que estação? Na das aguas em que diariamente á tarde, os céus, tenebrosos e riscados de sinistros relampagos, despejam, pesadissimas cargas de chuva, que tudo penetram, alagam, inundam, fazendo transbordar os menores corregos.

Com previdencia calculou Leverger, que a melhor hora da chegada ao ponto que no momento se ia tornar a chave da situação militar era pela manhã, quando a natureza sorri, garrida e revivificada, aos olhos do homem e só lhe infunde esperanças, arredando tristezas e apprehensões e espancando sinistros prognosticos. Navegou pois nesse intuito e foi occupar o Melgaço ao despontar de um dia radioso.

O effeito no animo dos 300 homens que commandava foi excellente. Saltando em terra, alegres e resolutos, sem demora se atiraram a levantar a primeira trincheira de fortificação passageira, que Leverger logo delineou.

A' tarde, quando os horizontes se ensombravam e desabou o temporal que era de esperar, a partida estava, para assim dizer ganha. Além da linha de defeza que já ia avultando, haviam os soldados preparado, em alacre azafama, abrigos e ranchos cobertos

com folhas de palmeira. Entre elles passou Leverger esta primeira noite de provação, não querendo voltar a bordo a occupar o belichinho, em que pudera comtudo acommodar-se muitissimo melhor.

Era o valor do exemplo que por parte de um chefe ainda não bem conhecido da soldadesca impressionou-a mais fundamente do que eloquentes e vibrantes falas e ordens do dia.

Trabalhava-se sem cessar, muitas vezes com agua pela cintura, e até pelos peitos. Elevado o destacamento de 300 praças a 1.000, quasi todas da Guarda Nacional, cuja conducta foi positivamente admiravel, cresceram, com rapidez, as obras, apezar de todos os contratempos, chuvas incessantes, privações de toda a especie e bem de prever em expedição tão ás pressas arranjada, tudo sem que ninguem se queixasse sequer e ainda menos dêsse motivo ao menor castigo ou simples reparo.

Era o rosto de Leverger o espelho em que se reflectiam a serenidade e a confiança geraes. Que poderoso influxo o de um unico homem em conjuntura apertada! Falte esse ente que se tornou indispensavel e as difficuldades que poderiam ser vencidas e obviadas transformam-se em angustiosa contingencia e afinal acabam por medonha catastrophe.

Bem applicaveis ao caso os versos, que o grande epico portuguez consagrou a um dos heroes da sua patria (Lusiadas VIII, 34):

*« Mas olha Ruy Pereira, que c'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto*

No fim de poucas semanas, os meios defensivos planejados por Leverger e executados sob as suas vistas immediatas e de continuo zelosas estavam quasi concluidos e a installação de toda a força de guarnição se fôra tornando supportavel graças aos recur-

sos que iam, á medida chegando de Cuyabá. Foi, pois, o Melgaço o escudo protector da capital, ponto que os paraguayos jamais ousaram enfrentar, já por se ter constituido valente posição estrategica, já pelo nome de quem o defenderia até á ultima gota de sangue.

Por tudo isto, a pouco e pouco, se restituira a tranquillidade a Cuyabá onde gradualmente se fôra dissipando o terror, regressando as familias aos lares desertados e entrando a vida publica e particular em seus eixos mais ou menos normaes.

IV

Regresso triumphal de Leverger. Gratidão dos cuyabanos. Echos dos serviços de Leverger no Senado Imperial. Palavras de Rio Branco. Confere D. Pedro II ao illustre cabo de guerra a grandeza do titulo de barão de Melgaço. Modestia de Leverger. Nova nomeação para a presidencia e commando das armas de Mato Grosso. Grave enfermidade de Leverger. Extraordinarias demonstrações de amizade de seus concidadãos.

Não foi comtudo senão em fins de março, que Augusto Leverger, deixando o Melgaço, poudé voltar á cidade, onde a população levantou-se em peso como uma só pessoa para recebê-lo no desembarque com immensas acclamações e lagrimas sem fim.

Nunca houve triumphador mais abençoado!

Amigo porém, mais em tudo do socego da sua casa, fugiu quanto poudé ás ovações e foi abraçar a saudosa e sobresaltada familia. Levava o germen de teimosa febre intermittente que então o reteve de cama algumas semanas.

Por tão nobre feito corôado de tamanho exito, o governo central, dando provas de gratidão que honravam o Brasil todo, nomeou-o Grande do Imperio e agraciou-o com o titulo de barão de Melgaço.

Com toda a razão podia o illustre Silva Paranhos, depois visconde do Rio Branco, na sessão do Senado de 5 de junho de 1865 exclamar com a habitual eloquencia:

«Eu quizera Snr. Presidente, neste momento, não desviar os meus olhos do quadro que tão vivamente a elles se apresenta das scenas de dor e consternação de que é theatro a infeliz provincia de Mato Grosso. Eu quizera mostrar ao Senado o doloroso espectaculo que apresenta aquella população em desespero, julgando-se abandonada pelo governo, appellando para o céu e agrupando-se em torno do velho e bravo chefe de esquadra Leverger (*apoiados dos Snrs. Penna, Pimenta Bueno e outros*) adorado como um idolo, como enviado de Deus para salvar-a das garras de ferozes inimigos».

Muito curioso o trecho intimo em que Leverger em carta muito posterior, á irmã fala em tudo isso e moralisa o que elle fizera com tamanha boa vontade e singeleza — preciosissimo trecho documental do que valia esse homem excepcionalmente bom e modesto.

Eil-o:

«Lisongeu-me a distincção que recebi e ainda hoje por ella sinto gratidão; mas longe estava de desejal-a, porquanto um titulo nobiliarchico um tanto elevado é onus não pouco incommodo para quem dispõe de meios menos que mediocres, o que tive por vezes occasião de verificar por modo até penoso, quasi vexatorio».

Alludindo ás palavras que pronunciei na 'Camara

dos Deputados, como consta do prologo desta biographia, observou elle:

«Exaltou-se demasiado o que se chamou a minha dedicação e ainda ha pouco no Parlamento della se fez encomio exagerado. Deveras prestei um bom serviço mas não me custou esforço algum extraordinario e ainda menos heroico, segundo foi capitulado. Eu não partilhava o terror dos habitantes e, conhecendo bem a navegação fluvial daquellas paragens e a qualidade e calado dos navios da flotilha paraguaya, julgava muito improvavel que subisse o rio, carregando forças um tanto consideraveis. E, com effeito, só dois vaporesinhos chegaram a umas quinze leguas do Melgaço. Nada mais fiz, portanto, do que dar bom exemplo, esforçando-me por incutir nos outros a minha convicção e segurança».

Desde as primeiras hostilidades do Paraguay, o governo Imperial tivera intenção do nomear Augusto Leverger presidente e commandante das armas da provincia de Mato Grosso. Se assim não se fez, foi por ter corrido no Rio de Janeiro o boato de haver elle sido victimado na fronteira do Apa.

Desvanecida essa ballela, que produziu muita e dolorosa impressão nos circulos dirigentes da Côte não tardaram aquellas nomeações que pela morosidade das communicações por terra, só chegaram a Cuyabá em julho de 1865.

Tão criticas eram as circumstancias, tal se manifestou a alegria da população, tanto o alvoroço que mostrou, já de confiança absoluta, já de ancia pela possibilidade da recusa, que Leverger, embora muito lhe custasse, não teve remedio senão aceitar aquellas funcções, entrando em exercicio naquelle mez de julho, a 9.

Excusado dizer-se quanto se viu elle acabrunhado de trabalhos, inquietações, tropeços e difficulda-

des de toda a especie. Só a poder de muita serenidade e paciencia os ia vencendo, alentado, de uma parte, pelas incessantes provas de consideração do Governo, de outra, pela veneração cada vez mais crescente dos administrados, que nelle viam um salvador, um pae.

Tantas canseiras, porém, e tão accumuladas causas de preocupação o fizeram enfermar gravemente, em dezembro desse anno de 1865, e a romaria á sua casa particular ininterrupta, immensa, diaria, de todas as classes da sociedade, até de tribus inteiras de indios, patenteou do modo irrefragavel, eloquentissimo, a profundeza e verdade de sentimentos que toda aquella gente lhe dedicava.

V

Difficuldades politicas. O commando superior da Guarda Nacional. Má vontade do partido liberal. Palavras de Nabuco de Araujo. Deixa Leverger o governo. Sua viuvez e acabrunhamento.

Apezar de poder assim contar com todas as sympathias da população, manifestadas por modo estrondoso, politicamente era a posição de Augusto Leverger sobremaneira difficil. Ainda que buscasse tão sómente administrar, imprimindo ao seu governo cunho de absoluta imparcialidade não via o partido liberal, quer de Mato Grosso, quer da Côrte, com bons olhos que occupasse a cadeira da presidencia um homem que, embora prudentissimo, e em extremo moderado, se não pertencia, de corpo e alma, á feição conservadora, pelo menos para ella mostra-

ra pendor desde os primeiros tempos de sua chegada á provincia.

Faziam por isto os dominadores da situação empenho especial não já na substituição dessa autoridade por outra de sua grey mas pelo menos em repor, no commando superior da Guarda Nacional, elemento valioso nas eleições de então, o brigadeiro barão de Aguapehy (João Baptista de Oliveira), o qual já havia sido causa de desgostos para Leverger, porquanto era voz geral, como atraz ficou dito, que a sua retirada do ponto fortificado de Melgaço fôra devida a insinuações do presidente Albino em relação a esse commando superior.

No Rio de Janeiro fazia-se grande e continua pressão nesse sentido mas o gabinete ministerial não achava justo, nem patriotico, praticar qualquer acto que, por parte do governo, parecesse desejo de magoa e acinte a quem tanto, e tão espontaneamente, se sacrificara por Mato Grosso e, em summa, pelo Brasil, no momento de perigo e de terror, em que todos, menos elle, perderam a cabeça.

As repetidas, e cada vez mais instantes, solicitações de partidarios e amigos, disse energica e definitivamente Nabuco de Araujo, em conferencia de ministros: «No fundo se agita uma questão entre os barões de Melgaço e de Aguapehy e entre os dois não póde haver um instante sequer de vacillação e duvida. Este, não ha duvida é um liberal distincto, chefe prestimoso do partido; mas aquelle está carregado de serviços da maior relevancia feitos á Patria».

Tudo isto se sabia e repercutia em Cuyabá.

Foi quando em março de 1866, mal restabelecido Leverger da grave enfermidade que o salteara, viu por tal fórmula complicados os soffrimentos da estremecida esposa que poucas esperanças teve o seu ferido coração de a poder salvar.

Era demais! Extenuado de forças e não recebendo a demissão solicitada instantemente, passou então a 1 de maio o governo ao 1.º vice presidente e o commando das armas ao official mais graduado.

Tinha que se consagrar de todo á mulher que aliás pouco durou, expirando-lhe nos braços a 30 de maio daquelle anno de 1866.

Haviam vivido juntos 23 annos, sem uma nuvem, um simples desgosto, o mais leve desaccordo na intimidade de casal modelo.

Sem exageração pode se dizer que Cuyabá se cobriu todo de lucto, identificando-se com a dor immensa do seu adorado Leverger.

Não foi senão em fevereiro de 1867, que chegou a noticia da exoneração pedida, dada comtudo só em setembro. A 2 daquelle mez tomava conta da administração o dr. José Vieira Couto de Magalhães.

VI

O dr. José Vieira Couto de Magalhães, novo presidente de Mato Grosso. Projectos de retomada de Corumbá. Objecções de Leverger. Sua collaboração na jornada victoriosa do coronel Antonio Maria Coelho. Terrivel epidemia de variola em Mato Grosso. Serviços prestados por Leverger. Elevadissimo altruismo.

Era o novo presidente moço, cheio de vigor e vontade de se distinguir, além de muito inclinado, por indole, a cousas militares e de guerra.

Desde que tomou conta das redeas do governo provincial pensou no plano, de descer o rio Paraguay

e, por um golpe de mão, apoderar-se de Corumbá⁽¹⁾ cuja guarnição paraguaya, sabia-se, havia sido desfalcada pela necessidade que já sentia o dictador Francisco Solano Lopez de preencher as enormes vagas produzidas no seu exercito do Sul depois das grandes batalhas e continuos encontros que tivera e tinha com as forças alliadas.

Sem a ninguem desvendar taes projectos, foi habilmente preparando as cousas, reiterando os exercicios no acampamento que formou junto á cidade de Cuyabá e dispondo a esquadilha fundeada no porto para navegar com facilidade.

Quando se sentiu mais ou menos aprestado, abriu-se antes de qualquer passo decisivo, tão sómente com Augusto Leverger, a quem logo e logo offereceu o commando dessa expedição.

— Se eu me sentisse, respondeu-lhe o barão de Melgaço, mais forte, menos alquebrado pela idade e os desgostos, aceitaria de bom grado essa incumbencia, embora perigosa e ajudaria V. Ex. por todos os meios em tão patriótica e brilhante empreza; mas deveras não me acho na altura della. Quando muito estou proprio para a defensiva, não mais para a offensiva.

Depois, acrescentou com alguma vacillação, ha outra razão de grande peso; sou cidadão naturalizado⁽²⁾.

— Que importa? replicou o presidente com surpresa e fegosidade. V. Ex. nesta qualidade não prestou em 1865 tão relevantes serviços a Mato Grosso e ao Brasil todo? Quem salvou Cuyabá e a honra da provincia?

(1) Este é o nome que desde 1862 tem a antiga povoação de Albuquerque. Até então só se chamava Corumbá a serra proxima a essa localidade.

(2) Referiu-me com muitas minudencias este caso o major João Lopes Carneiro da Fontoura, que foi intimo de Leverger.

— O caso é differente, observou Leverger com pausa. Naquella occasião qualquer que tivesse um bocado de iniciativa podia servir. Agora eu seria intromettido, quando ha tanta gente moça e anciosa por se distinguir. Não posso como naturalizado, nem devo, num momento destes, em que tudo é enthusiasmo, antepor-me aos filhos natos do Brasil. Actualmente ha mais necessidade de temeridade e promptidão de movimentos do que de coragem reflectida e calma.

E acastellou-se nesta razão. Intimamente, porém, não lhe sangrava a ferida aberta em 1865?

Combinavam, entretanto os dois no maior sigillo acerca do commando das forças de ataque, seus movimentos e tudo quanto poderia ser feito, dando Augusto Leverger inapreciaveis conselhos sobre a navegação dos rios, habitos dos paraguayos, modo de viver em destacamentos e longas paradas, o que tudo observara com o maior cuidado desde os primeiros dias de contacto com aquella gente, no forte Olympo.

Sem intenção certa, no espirito dos homens observadores e reflectidos, as menores minucias costumam gravar-se de modo claro e indelevel — especie de aptidão intima, imperceptivel, mal presentida até que depois reproduz com absoluta exactidão nos minimos pormenores, tudo quanto, um dia, lhes feriu mais particularmente as vistas e a attenção. Dir-se-ia uma chapa collodiada por natureza, e em extremo sensivel, a apprehender os objectos que tenha diante de si, com utilidade repentina, muitos e muitos annos depois.

Levar-nos-ia longe demais contar as peripecias de toda essa breve e bella campanha, que fez cahir em nossas mãos a cidade de Corumbá com toda a sua guarnição, gloriosa, sem duvida, para quem a dirigiu, o coronel Antonio Maria Coelho e sobretudo

para o presidente Couto de Magalhães, que de tudo foi a alma activissima e previdente.

Della, porém proveio em pleno triumpho um mal terrivel, tanto nas conjunturas humanas, as extremas afflicções caminham, passo a passo, ao lado das supremas alegrias.

Esse mal foi medonha epidemia de bexigas. Desde longuissima data toda a provincia de Mato Grosso tivera muito particular e bem infundado orgulho de ser região de salubridade excepcional, livre, sobretudo, indemne, de duas poderosas causas de morte em todas as outras partes do mundo — tysica pulmonar e variola.

Em que se firmava tão absoluta e arraigada confiança? Haverá, com effeito, verdade na antinomia que não poucas autoridades medicas querem enxergar entre as febres intermittentes e as molestias do apparelho pulmonar? Se assim é, na realidade, Mato Grosso, sobretudo nas suas immensas zonas apaúladas onde imperam as taes pyrexias consecutivas ás vastas enchentes dos rios e decomposições de materias vegetaes, em escala enorme, deve gosar daquela regalia se é que, de facto, possa existir.

Quanto á variola, porém, nem sequer se dava essa hypothetica e bem duvidosa base a tamanha despreocupação, pois era conhecido que, algumas vezes havia ella atacado tribus de indios e as anniquilado de vez, sem deixar um unico representante para sequer estudos ethnographicos.

Assim acontecera, quasi radicalmente com os *laianos*, um dos ramos até então dos mais numerosos da familia *chané*, que se subdivide como se sabe, em *guanás*, *laianos*, *kinikinaos*, *terenás* e *enimas*, estes para lá do rio Paraguay e aquelles outros quatro para cá, do lado mais propriamente brasileiro.

Mas, quem, em Mato Grosso, tinha em conta in-

dios? José Francisco Lopes resumia o pensamento geral quando os qualificava *tão bons como bichos do mato*.

Só espiritos de escól, como nos tempos coloniaes Oeynhausén, Miranda Montenegro, Ricardo Franco e poucos outros e nos mais chegados a nós, Leverger, Beaurepaire Rohan e os missionarios capuchinhos entre os quaes salientarei o bondosissimo e celebrado Frei Mariano de Bagnaia que os tratava com carinho de pae e os protegia á medida das forças.

— Meus filhos, meus filhos indios! clamava elle de continuo e no auge da afflicção nos dias da invasão paraguaya. Quem os ajudará em transes taes!

E foi entregar-se prisioneiro aos inimigos para ver se por esses estremecidos entes podia fazer alguma cousa no sentido de amparal-os e soccorrel-os (1).

Em relação a variola, porém, diziamos, a população matogrossense nutria a inabalavel convicção de que jamais teria que della se receiar. Assim era, assim devia ser.

Experimentou crudelissima decepção.

Foi uma aggressão tão violenta e inesperada, tão em completo descuido, absolutamente como a paraguaya nos ultimos dias do anno de 1864, em plenissima paz e segurança.

Quando se deu a tomada de Corumbá, a guarnição desta cidade estava luctando com tal epidemia, trazida dos exercitos que se degladiavam ainda defronte e em torno de Humaytá.

Os mortos e vencidos tiveram singular vingança. Transmittiram aos brasileiros, victoriosos e exultantes, a temerosa enfermidade.

(1) Foi salvo depois em 1869 na Campanha da Cordilheira e voltou a Mato Grosso, mas com a saúde muito abalada pelos soffrimentos do captiveiro de que lhe proveio a demencia.

E em toda a provincia raros, rarissimos eram os vaccinados! Ninguem jamais quizera, de sempre, sujeitar-se ao admiravel perservativo de Jenner. Delle chasqueavam e nunca se havia feito a minima requisição ao governo central de pús vaccinico. Só deviam ter bexigas quantos se sujeitasem á vaccinação. Nem havia meios de argumentação em contrario, tendo varias vezes, os esforços de Augusto Leverger esbarrado de encontro a opinião tão enraizada quão leviana e zombeteira.

Começaram, porém, desde os primeiros dias de immenso regosijo pelo reivindicador triumpho, a apparecer casos fataes, de variola, nas forças expedicionarias. Foram rapidamente em augmento e afinal arreventou a epidemia com tal intensidade, que de prompto nas tropas se metteu positivo panico.

Deveria, então, o presidente Couto de Magalhães, ter applicado todas as energias, de que era sem duvida capaz, para, por todos os modos, circumscrever o mal, cercal-o, subtrahindo-lhe elementos de expansão pelo mais rigoroso e bem vigiado cordão sanitario.

Houvera sido serviço igual, senão maior, do que a tomada de Corumbá. Não o fez ou não o pode fazer consentindo, á vista da mortalidade, já de apavorar, da soldadesca, e mulheres e crianças e indios camaradas que toda a força voltasse, sem mais demora, á capital.

O que era de prever aconteceu.

Logo e logo se deu em Cuyabá, medonha explosão e ali em breve reinaram a desolação e o terror.

Só a penna de Thucydides e Manzoni para descrever os horrores que sem detença se produziram, se enovelaram, se combinaram nos mais profundos e quasi inacreditaveis golpes.

Familias inteiras desapareceram, casas ficaram

sem mais um vivente, ruas inteiras se despovoaram. Não havia mãos a medir para enterrar os cadáveres. Eram queimados aos montes e a atmosfera da cidade rescendia noite e dia com o abominável cheiro das carnes humanas devoradas pelo fogo.

Afinal esse mesmo imperfeito e expedito processo de eliminação não bastava e os corpos ficavam, no interior das habitações, expostos á sanha dos cães famintos, e urubús que, entrando com toda a audacia por ellas a dentro, iam cevar a fome, naquelles purulentos restos!...

E nuvens, e nuvens dessas nojentas aves negrejavam nos ares revolteando em circulos concentricos cada vez mais apertados ou pousavam nas arvores e nos tectos das habitações, como mortuaria moldura dada á acabrunhada e tetrica capital!

Ferreira Montinho contou, em sua linguagem incorrecta, mas por vezes ahi animada e viva, de testemunha ocular, muitas e muitas scenas de inaudito egoismo e dolorosa opposição aos mais poderosos sentimentos e instinctos da natureza.

Paes e, o que mais é, mães, abandonavam os filhos cobertos de pustulas, á mercê da impiedosa sorte ou então eram estes que fugiam espavoridos dos velhos progenitores, deixando-os sem meios de saciarem sequer a sêde! Como em outras occasiões semelhantes foram vistas criancinhas de peito procurando sugar o leite de quem já era defunta, e que só lhes podia fornecer abominável pús!...

Melhor do que tudo isso falam com sinistra eloquencia, os algarismos. Até ao fim desse cruel anno de 1867, a população de Cuyabá que era superior a 12.000 almas, ficou reduzida a menos de metade.

Diziam lá, que tamanha mortandade era a expiação decretada pela Providencia para fazer pagar a ignobil matança de indefesos portuguezes, a 30 de

maio de 1834, especie de Saint Barthelemy, a parodia de character ahi politico que se deu em Mato Grosso e deixei contada, já, em um livro meu (1).

Nesses terriveis mezes, que fim levára Augusto Leverger?

Ouçamos as breves palavras que diz á irmã;

«Creio bem, que se estivesse então encarregado da administração houvera perdido a razão, a julgar pelas tremendas inquietações que me saltearam, só por causa da minha casa, composta então de 15 a 20 pessoas. Todas felizmente e graças á minha salvadora teimosia eram vaccinadas, menos duas, que logo foram victimadas pela medonha epidemia. Todas as mais, assim mesmo tiveram bexigas, mas não mortaes. Que epoca, que epoca, Santo Deus!

Não referiu entretanto, o illustre patriota quantos serviços nella prestou, dando a todos exemplo de serenidade, visitando amigos, parentes e conhecidos, ricos e pobres, de posição ou miseraveis, animando-os com a sua calma, consolando-os e ajudando-os por todos os meios em tão angustioso periodo.

— Ahi vem o Leverger! era um brado de allivio, reconhecimento e esperança, quando, em qualquer parte, apparecia, sempre com uma palavra nos labios, de conforto e boa promessa, uma expressão no rosto de suavidade, amor e animação. Ahi vem *unai, anaïti* o Senhor grande, diziam os *Guanás* beijando-lhe as mãos e as vestes, prostrando-se-lhe aos pés!...

(1) *A cidade de Mato Grosso, o rio Guaporé e a sua mais illustre victima* — Rio de Janeiro, 1891. Reimpresso sob o titulo *A cidade do ouro e das ruinas* nesta collecção.

VII

A grave crise politica de 1868. É Leverger novamente nomeado presidente e commandante das Armas de Mato Grosso. Recusa do mandato por motivo de coherencia de normas de governo.

Sob melhores auspicios, porém, passado aquelle estupendo temporal, começou o anno de 1868.

Em mais de meados d'elle, entretanto, em toda a provincia se produziu outro abalo, este incomparavelmente menor e de ordem differente. Foi a inversão politica de 16 de julho que no Rio de Janeiro, fez cahir o partido liberal e subir o conservador. Toda a alta administração publica foi immediatamente substituida e o barão de Melgaço viu-se nomeado presidente de Mato Grosso, encarregado tambem, como das outras vezes, das funcções de commandante das armas.

Successivamente havia elle merecido esta distincção ou sido nella conservado por parte de ministerios, conservadores e liberaes, falando a ambos os lados, com a mesma linguagem franca e sem tergiversações e declarando-lhes a intenção firme de manter-se alheio ás instigações e sujeições da politica partidaria e militante. Pretendia sempre e conseguira fazer pura e simples administração, não tendo nas eleições outra intervenção senão aquella que a lei restrictamente lhe prescrevia.

Naquelle momento porém, mudavam as cousas de feição, com a repentina ascensão ao poder de um lado politico quando toda a organização do paiz era do lado contrario, ha pouco, aparentemente forte e

dominante e o paiz se via a braços com uma guerra no seu periodo de maior violencia. E fôra ella a causadora dessa grave emergencia interna.

Dissolvidas pois as Camaras, os novos presidentes por dever da mais elemental lealdade para com o ministerio, que tinha de lutar com mil difficuldades, não podiam deixar os meios de lhe alcançar maioria parlamentar, commettimento aliás, não muito difficil com os habitos eleitoraes de sempre e que ainda não se modificaram, muito pelo contrario, mais e mais se tem ido amoldando, infelizmente, á vontade e ao capricho dos que governam.

Era porém, licito a Augusto Leverger emprehender-a, tomar semelhante encargo sem renegar os seus antecedentes, abrançando, com ostentação ahi, o character de homem de partido, ainda quando, conforme era corrente, as suas sympathias de ha muito o inclinassem á grey conservadora, que agora reclamava o seu auxilio e os seus serviços?

Tudo isso repugnava á sua indole de brandura e conciliação e não se coadunava com as suas condições, já de militar, já de naturalisado, no que tinha como já vimos, bem cuidadoso melindre, vivendo num meio geral a todo o Brasil, em que o cidadão muito se deixava possuir de sentimentos de zeloso orgulho.

Para que, ainda mais, entrado em adiantada phase da existencia, malquistar-se com amigos de todos os tempos, a saude combalida, sem se sentir, como de resto em epoca alguma, se sentira impulsionado pela ambição e o goso do mando?

Analysou detidamente todas estas considerações e, allegando o peso dos annos e o gravame de antigos achaques recusou a nomeação revestindo a sua esquivança de todas as formulas de respeito e gratidão. Foi, pois, occupar a cadeira presidencial o

primeiro vice-presidente dr. José Antonio Murtinho a 19 de setembro de 1869, amigo, aliás, particular de Leverger, conservador extremado. E este, por meio da rápida mudança de todo o pessoal amovível no funcionariado público e alguns abusos, que em taes crises sempre apparecem, venceu completamente as eleições, como aliás, aconteceu em todo o Imperio, facilitada a victoria pela abstenção radical do partido decahido.

VIII

Honrosissimo convite do conde d'Eu a Leverger a que assumisse novamente o governo de Mato Grosso. Aceita o barão de Melgaço a presidencia e o commando das armas. Collaboração de Leverger na ultima phase da campanha do Paraguay.

Parecia de todo conclusa a carreira publica do eminente barão de Melgaço, mas tal ainda não foi. Tinha ainda que reaparecer á testa dos negocios da provincia de Mato Grosso.

O caso assim se passou.

As cruentas e assignaladas victorias do exercito brasileiro nos dias de dezembro de 1868, a destruição das linhas de Pikisiry, a batalha de Avahy, os tremendos embates de Lomas Valentinas e a consequente tomada de Angustura, que cobriram de gloria o marquez de Caxias e as armas nacionaes, haviam feito crer na terminação tão anciosamente esperada da diuturna guerra do Paraguay.

Não se contava porém, com a invencivel obstinação do tyranno Francisco Solano Lopez, que pre-

feriu à destruição, para assim dizer, completa do povo que lhe obedecia, cega e automaticamente, o aniquilamento quasi absoluto da nação paraguaya, a abater a espada ante o triumpho das forças allia-
das e abandonar a sangrenta partida.

Desbaratados os seus melhores elementos de resistencia foi homisiar-se no planalto da Cordilheira, que corta o interior do Paraguay apparelhar novos meios de fazer frente á marcha dos exercitos triumphantes e que de victoria em victoria o haviam ido encurralando.

Por toda a parte, Brasil e aliados, pronunciada a accentuação de cansaço e desalento.

Foi quando o governo Imperial julgou de necessidade commetter o commando em chefe das forças em operações no Paraguay ao principe conde d'Eu, desde 15 de outubro de 1864 esposo da princeza Imperial d. Izabel por cujo enlace fora elevado ao posto de marechal de Exercito e condecorado com a Grã-Cruz de todas as ordens honorificas do Brasil.

Sem demora e cheio de esperanças partiu o novo generalissimo do Rio de Janeiro, cercado de luzido estado maior, a 30 de março de 1869.

Chegado a Montevidéo a 5 de abril seguinte, uma das primeiras providencias que julgou dever tomar para exíto da aventureosa campanha que ia empre-
hender foi endereçar a Augusto Leverger longa carta particular, na qual lhe ponderava, com muitos argu-
mentos que o seu concurso em Mato Grosso lhe era indispensavel na nova phase da guerra a iniciar-se, porquanto ella provavelmente se estenderia de novo para o Sul da grande provincia em que o nome de Leverger era um symbolo de patriotismo e infatigavel dedicação. Considerando indeclinavel a parte de coad-
juvação de tão prestigioso cidadão, unico no seu caso, contava, com a maior certeza, já como brasileiro,

já como compatriota francez, com todo o sacrificio de que elle fôra ainda capaz. Transmittia-lhe conjuntamente a Carta Imperial de nomeação a presidente da provincia.

Que podia, que devia Leverger fazer?

Mais uma vez aceitou o cargo, a que o levavam tantos testemunhos de consideração, tão grandes rogativas.

A' 26 de maio de 1869, foi pois, prestar juramento dos cargos de presidente e commandante das armas.

Neste ultimo periodo de governo poz, como de costume, todo o empenho em bem cumprir os menores deveres, attento, sobretudo, ás reiteradas ordens e instrucções do principe, que se mostrou, habilissimo general nessa campanha de um anno afim de que lhe fossem enviadas todas as forças dispensaveis em Mato Grosso e se evitasse por todos os meios a evasão de Solano Lopez para os lados da Bolivia.

Era esta a preocupação de todos, e embora a Leverger parecesse quasi irrealisavel semelhante possibilidade pelo conhecimento que tinha de tão arduas regiões, não pouco desassocego de espirito lhe trouxe combinar todas as medidas tendentes ao desejado objectivo.

Afinal, a 1 de março de 1870, aquelle terrivel e ferrenho dictador que, desvairado pela ambição tanto mal fizera á desgraçada patria e á Humanidade, foi alcançado em Cerro Corá, e morto á margem ou dentro do ribeirão Aquidabaniqui, confluente do Aquidaban⁽¹⁾, que cahe no Paraguay, cortando a parte septentrional do districto de Concepcion.

(1) No Brasil ha um Aquidauána, affluente do rio Miranda, corrente dagua tão formosa que os primeiros portuguezes que o avistaram, lhe deram o appellido de Mondego. A' sua margem direita é que ficava o forte de Xerez estabelecido pelos hespanhóes e destruido em 1633 pelos paulistas. O general Mello Rego foi entre nós o primeiro que determinou este facto historico com irrecusavel competencia.

Estava definitivamente terminada a guerra. Nem havia mais razões para que continuassem os sacrificios de Leverger o qual, depois dos mais instantes pedidos de exoneração, sem esperar successor, passou a administração ao substituto legal.

Não sómente tardou muito essa demissão; mas, no intervallo o ministro dos negocios estrangeiros manifestou-lhe a intenção de o nomear chefe da comissão de engenheiros que tinha de regularisar e assentar os limites entre o Brasil e a Bolivia. Questão mais que secular, motivo incessante de desintelligencias entre os dois paizes, só havia sido resolvida, em 1867, por um tratado solemne.

A tudo dava o ministro feição facil, falava-o em pequeno prazo de conclusão, mas Leverger conhecia a fundo toda aquella região, avaliava em regra a natureza do trabalho e os meios de que podia dispor, para levar por diante semelhante empreza, commettimento arduo, longo, erriçado de difficuldades e inferior de certo, ás forças que de todo lhe iam faltando.

Tudo que por elle fôra previsto e objectado plenamente se realisou. Levou a commissão mais de cinco annos, gastou dois chefes e arrastou a dispendios enormes, cuja responsabilidade teria certamente acabrunhado o espirito tão methodico e regrado de quem della, em tempo, e com os mais justos motivos, se soubera esquivar.

* * *

Em fins de 1879, isto é, quasi 10 annos depois, escrevia o eminente patriota á sua cara irmã as seguintes linhas: «Desde 1870, fiquei completamente estranho á vida publica, sendo a minha existencia privada tal qual já t'a descrevi, minha boa irmã, des-

de que se reatou a nossa correspondencia para não mais se interromper o que espero em Deus succeda pelo pouco tempo que temos que viver.

«Lida esta carta, atira-a ao fogo, bem como as anteriores.

Desejo não deixar o minimo signal da pretendida autobiographia que, já t'o disse por vezes, teria vexame de esboçar para outra qualquer pessoa que não tu, no mundo.»

*
* * *

Em formosa nota, repassada de singela e tocante commoção, essa irmã monja e ainda existente, tendo pois sobrevivido, até agora, mais dezeseite annos a Augusto Leverger observou, ao transmittir algumas destas notas ao illustre sr. dr. Augusto Glaziou, que m'as transmittira.

«Recommendação tão expressa do meu Augusto fez-me vacillar em dar a conhecer os pormenores a que elle se referia; mas, por fim decido-me a lh'os enviar com recommendação expressa de queimar estas paginas, se as achar inuteis. Não posso reprimir os impetos bem sinceros da minha gratidão pela lembrança affectuosa consagrada ao meu excellent e inesquecivel irmão.

«Escoaram-se, continuava ella, em paz os ultimos annos da sua vida, cercado quasi sempre das suas filhas, e netos, que o apreciavam e amavam como elle tanto merecia.

«As ultimas linhas endereçadas a mim em França eram datadas de 4 de janeiro de 1880 e continham estas palavras: «Entro neste anno sob auspicios pouco favoraveis. Ha cinco dias soffro aggravação dos meus varios males e a minha fraqueza augmenta».

«Dez dias depois exhalava tranquillamente este homem de bem o ultimo suspiro, depois de receber, com todos os seus sentidos, os sacramentos e socorros da Igreja, que lhe foram administrados, pelo sr. bispo de Cuyabá.»

* * *

Tinha Augusto Leverger, barão de Melgaço, 78 annos menos 16 dias.

Ociosos, por certo fôra querermos pintar a dor e a conturbação, não já da familia e amigos, mas de todo Mato Grosso.

No coração de cada um dos filhos dessa dilatada região ficou gravada a lembrança daquelle vulto tão nobre, sereno e estremecido, cuja existencia e serviços intimamente se ligam á historia dessa larga parte integrante do Brasil.

Concluido a 14 de março de 1897.

EPILOGO

Era Augusto Leverger homem de estatura elevada. Magro e um tanto anguloso nos movimentos, tinha as faces encovadas, os olhos vivos abrigados sob bastas sobrancelhas, a expressão do rosto melancolica, meiga, quasi timida, de accordo perfeito com a indole retrahida e cautelosa.

O seu retrato photographico, aliás bastante mau, sem vivacidade, nem relevo, figura, com as mais encomiasticas referencias á pessoa, no livro de Ferreira Moutinho e no *Viaje pinturesco a Mato Grosso* do italiano Bartolomé Bossi, que foi áquella região em busca dos celebres e pretendidos thesouros dos Martyrios e descreveu a improficua exploração.

No discurso necrologico do orador interino do Instituto Historico, pronunciado a 15 de dezembro de 1880, o conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, dando rapida resenha da vida de Leverger, membro daquella utilissima e laboriosa Associação, desde 19 de outubro de 1848, transcreve tudo quanto de Leverger disse esse Bartholomeu Bossi, mostrando qual o valor deste homem e o prestigio de que gosava em toda a Provincia (Cf. R. I. H. B. t. 43, II, pags. 569 et pass) (1).

(1) «O snr. Leverger possui conhecimentos profundos das sciencias exactas e os tem mui valiosos acerca do paiz em que reside. Vive retirado com sua esposa, senhora respeitavel do lugar e habita uma quinta nas margens do rio Coxipó, a uma legua da capital, aproveitando-se do silencio aprazivel de que ali gosa para concluir os grandes trabalhos que o preoccupam e que constituirão valiosissimo presente ás sciencias humanas e relevante serviço feito á patria adoptiva.»

Bem apropriados, pois, os bellos versos citados por aquelle orador ao falar na velhice de Leverger:

*À vous, gloire, vertu, déesses immortelles,
Que vos brillantes aîles
Sur ses cheveux blanchis se reposent un jour.*

E Bossi o conheceu em 1863, quando ainda este glorioso ancião não havia prestado á patria de adopção serviços de maior relevancia ainda do que os anteriores!

Acreditamos que os muitos trabalhos geographicos e chorographicos ou de outra especie, de Augusto Leverger estejam, na maior parte, ineditos. O que delles existe impresso consta tão sómente, da *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, associação de que foi proclamado membro a 19 de outubro de 1848.

Assim, pois, ahi se encontram:

O Diario do reconhecimento do rio Paraguay desde a cidade de Assumpção até o rio Paraná (1846, T. XXV, 177).

O Roteiro da navegação do rio Paraguay desde a foz do Sepotuba até a do rio S. Lourenço até o Paraná (XXV, 211). Contém dois roteiros. *Roteiro da navegação do rio Paraguay desde a fóz do rio Sepotuba até a do rio S. Lourenço* (1848, 25, 287). Acompanha-o o roteiro feito em 1786 pelo benemerito Ricardo Franco de Almeida Serra, que tanto trabalhou em Mato Grosso. Chamei com fundada razão esse notavel militar e cientista o Leverger dos tempos coloniaes; bem como este merece ser appellidado o Ricardo Franco do Brasil-Imperio.

Seguem-se:

Carta e roteiro da navegação do rio Cuyabá, desde o salto até o rio S. Lourenço, e deste ultimo até a sua confluencia com o Paraguay (1859) (XXV, 331).

Carta, datada de 12 de agosto de 1863, ao Instituto, sobre o rio Paraguay (XXVI, 896).

Memoria relativa á chorographia da Provincia de Mato Grosso (XXVIII, 129).

Tabella de latitudes e longitudes de diversos lugares da Provincia de Mato Grosso determinadas por observações astronomicas (XLVII, 53).

No tomo XLVII (1884) da *Revista* encontram-se *Apontamentos para o dictionario chorographico da provincia de Mato Grosso* da lavra do barão de Melgaço.

Em advertencia a redacção da *Revista* declara o seguinte:

«Do Dictionario chorographico da provincia de Mato Grosso, que planejara e executou o barão de Melgaço, apenas chegaram a este Instituto dois livros por copia, ambos começados á letra A, sendo o segundo o complemento do primeiro. Quem, porém, conhece os trabalhos desse operoso geographo, admirar-se-á de faltar nesse Dictionario, grande numero de indicações e termos que, aliás, se encontram em outras memorias e monographias do mesmo autor, entre outras nas publicadas na *Revista do Instituto* e adquirirá a certeza de que existem outros livros por ora desconhecidos. Uma nota sua á palavra *Agua Branca* dá irrecusavel prova de que de tudo falta uma *Introduccão* a que elle allude.

«Na incerteza de estarem ou não perdidos esses livros e no intuito de salvaguardar ao illustre consocio os foros de autor, resolveu o Instituto publicar o pouco que possui desse Dictionario, não desesperando, todavia, de algum dia chegar á posse do que lhe falta para ser completo».

Tal ainda não se deu.

INDICE

Prefacio	5
<i>Estrangeiros Illustres e Prestimosos</i>	9
Francezes	9
Inglezes	20
Allemães	24
Austro-Hungaros	29
Suissos	30
Gregos	32
Dinamarquezes	32
Russos	33
Italianos	34
Belgas	36
Polacos	37
Hollandezes	37
Hespanhoes	37
Suecos	38
Portuguezes	38
Americanos do Norte	40
<i>Dr. Luiz Couty</i>	42
<i>Augusto Leverger — Annua biographica</i>	61
<i>Augusto Leverger — O final de uma carreira gloriosa</i>	69
Duas palavras	71

I

Deixa Leverger em 1863 o governo de Matto Grosso. Proseguimento de suas grandes explorações geographicas. Seus contactos com o Guia Lopes. Prenuncios da invasão paraguaya	79
--	----

II

As asseverações falsas do coronel Centurion sobre a espera em Mato Grosso da invasão paraguaya. Argumento irresponsivel: a presença de Leverger no sul da provincia. Jornada feita com o Guia Lopes. Contestação opposta a autores paraguayos. Depoimentos diversos	84
---	----

III

Chegada de Leverger a Cuyabá. As primeiras noticias da invasão paraguaya. Attitude do presidente da Provincia. Pânico em Cuyabá. Apresenta-se Leverger ao governo de Mato Grosso. Sua partida para Melgaço onde estabelece um campo entrincheirado. Admiravel actuação do heroico marinheiro . 93

IV

Regresso triumphal de Leverger. Gratidão dos cuyabanos. Echos dos serviços de Leverger no Senado Imperial. Palavras de Rio Branco. Confere D. Pedro II ao illustre cabo de guerra a grandeza do titulo de barão de Melgaço. Modestia de Leverger. Nova nomeação para a presidencia e commando das armas em Mato Grosso. Grave enfermidade de Leverger. Extraordinarias demonstrações de amizade de seus cidadãos 100

V

Difficuldades politicas. O commando superior da Guarda Nacional. Má vontade do partido liberal. Palavras de Nabuco de Araujo. Deixa Leverger o governo. Sua viuvez e acabrunhamento 103

VI

O dr. José Vieira Couto de Magalhães, novo presidente de Mato Grosso. Projectos de retomada de Corumbá. Objecções de Leverger. Sua collaboração na jornada victoriosa do coronel Antonio Maria Coelho. Terrivel epidemia de variola em Mato Grosso. Serviços prestados por Leverger. Elevadissimo altruismo 105

VII

A grave crise politica de 1868. É Leverger novamente nomeado presidente e commandante das armas de Mato Grosso. Recusa do mandato por motivos de coherencia das normas de governo 113

VIII

Honrosissimo convite do conde d'Eu a Leverger a que assumisse novamente o governo de Mato Grosso. Aceita o barão de Melgaço a presidencia e o commando das armas. Collaboração de Leverger na ultima phase da campanha paraguaya 115
Epilogo 121

C.^{IA} MELHORAMENTOS DE S. PAULO

(WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADA)

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

Rua Libero Badaró Ns. 30-30 D

Rua Buenos Aires, Ns. 40-42

Caixa 2941

Caixa 1617

OBRAS DE HISTORIA

Fidelino Figueiredo

Estudos de Historia Americana 8\$000

Max Fleiuss

Historia Administrativa do Brasil 20\$000

Capistrano de Abreu

Historia do Brasil — Frei Vicente do Salvador . . . 20\$000

Affonso de E. Taunay

Indios! Ouro! Pedras! 6\$000

Na Era das Bandeiras 5\$000

Grandes Vultos da Independencia 20\$000

Oliveira Lima

O Movimento da Independencia 10\$000

O Imperio Brasileiro 15\$000

D. Pedro e D. Miguel 15\$000

André João Antonil

Cultura e Opulencia do Brasil por suas Drogas e
Minas 10\$000

Pedro Taques de Almeida Paes Leme

Historia da Capitania de S. Vicente 8\$000

Informação sobre as Minas de S. Paulo — Expulsão
dos Jesuitas do Collegio de S. Paulo 8\$000

Frei Gaspar da Madre de Deus

Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente 10\$000

Assis Cintra

Nossa Primeira Historia (Gandavo) 6\$000

D. Pedro I e o Grito da Independencia 6\$000

O Homem da Independencia 7\$000

Visconde de Taunay

O Visconde do Rio Branco 6\$000

Homens e Cousas do Imperio 5\$000

Servidores Illustres do Brasil 6\$000

Luiz Gonzaga Cabral S. J.	
Jesuitas no Brasil	8\$000
Pedro Calmon	
Anchieta (o santo do Brasil)	6\$000
O Crime de Antonio Vieira	6\$000
O Thesouro de Belchior	6\$000
Oliveira Vianna	
O Occaso do Imperio	6\$000
Conde de Affonso Celso	
Oito Annos de Parlamento — Poder Pessoal do Imperador	10\$000
Visconde de Porto Seguro	
Historia Geral do Brasil — Tomos I, II e III — Cada tomo	25\$000
Maria Junqueira Schmidt	
A Segunda Imperatriz do Brasil	7\$000
^ Itavilla	
O Quilombo dos Palmares	6\$000

